

25 de Abril comemorado em todo o País

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

As alusões de Eanes

«O Presidente da República mantém a sua inflexível determinação de assegurar, por todos os meios constitucionais, as condições de realização do projecto nacional. Dos deveres que o Povo Português lhe impôs, nenhuma incompreensão, nenhum obstáculo, nenhum desafio, nenhum perigo o poderão demover», com este «reca-

do», certamente dirigido a quem aposta no seu afastamento antes de 1981, encerrou Ramalho Eanes o discurso oficial na Assembleia da República.

Repetindo embora afirmações anteriormente produzidas em outras intervenções, o discurso presidencial apresentou aspectos novos, porventura resultantes das alterações políticas produzidas com a existência de uma coligação governamental onde a direita parlamentar participa pela primeira vez. «Ao Presidente da República importa menos quem governa e mais como governa», disse insistindo ao mesmo tempo na «função do Estado na organização económica» que «em vastas áreas a intervenção estatal transformou-se em fonte de paralisia» (e aqui o «recado» terá sido para o PS).

Foi ainda a uma coligação governamental que inclui o CDS que Eanes terá dito que «os objectivos imediatos que hoje se nos impõem são a afirmação clara do Estado, a formação de uma classe dirigente capaz e patriótica, a criação de um instrumento eficaz de Governo através da reforma da administração pública e o estabelecimento de um correcto equilíbrio entre a actividade do Estado e as actividades privadas».



Os quatro oradores da tarde: Lopes Cardoso, Piteira Santos, José Tengarrinha, Octávio Pato

Tónica do Comício-Festa do Parque Eduardo VII

Unidade



HOJE HÁ «EXCLUSIVO»

O trabalho de reconstrução no Vietnã, esfacelado por longas guerras e ocupações, é um dos assuntos do «Exclusivo», que se publica hoje e que insere, ainda, artigos sobre o dólar, o movimento sindical no Brasil, o terrorismo neonazi na Europa Ocidental e outros temas de actualidade. Nas páginas centrais publicamos também dois artigos sobre Religião e Política: «Uma cimeira ecuménica» e «Cristãos e Comunistas lado a lado».

EXCLUSIVO



Victor Constâncio e Hans Schmidt, chefe da «missão do FMI em Lisboa»

A economia portuguesa face ao FMI

(Págs. 11 a 14)

Reportagens das comemorações nas págs. 4, 5, 6, 7 e 24

AGRESSÃO A ALMEIDA SANTOS

Ministério Público recorre da decisão do 5º Juízo

«A Polícia Judiciária discorda frontalmente da posição assumida pelo sr. magistrado do 5.º Juízo de Instrução Criminal de Lisboa» — disse-nos, esta manhã, um elemento da PJ, referindo-se aos indivíduos que, em Ponta Delgada, teriam agredido o dr. Almeida Santos, e que, tidos como suspeitos, foram trazidos para o continente para averiguações, tendo-se verificado a sua libertação, por determinação do juiz, na véspera do 25 de Abril.

Ainda segundo a PJ, «sabe-se que o representante do Ministério Público, vai interpor recurso, única via legal de atacar as decisões judiciais».

Como oportunamente foi noticiado os mandados de captura era onze, tendo sido concretizados cinco (precisamente os respeitantes aos indivíduos posteriormente postos em liberdade. Dar-se-á cumprimento aos seis restantes mandados de captura?

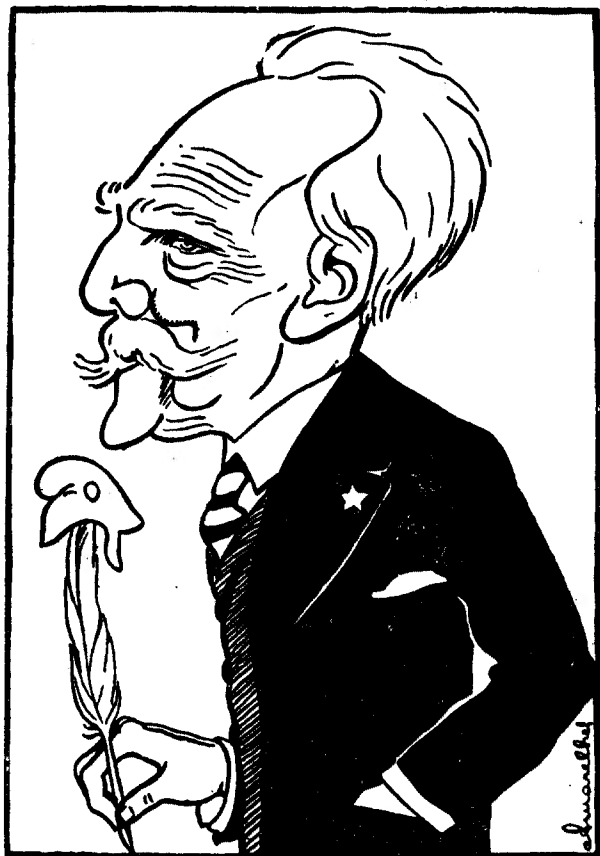
A esta pergunta, respondeu a PJ que «o processo vai ser remetido ao juiz de instrução criminal da comarca de Ponta Delgada, dado que foi nesse sentido que se pronunciou o juiz de instrução do 5.º Juízo de Instrução Criminal de Lisboa».

E ainda, de acordo com a Polícia Judiciária:

«Uma vez que o processo entrou na fase de instrução preparatória (encontrava-se antes na fase de inquérito), a instrução será dirigida pelo magistrado de Ponta Delgada, o qual se pronunciará sobre a legalidade do cumprimento dos seis mandados de captura restantes, ainda não executados por não terem sido localizados os suspeitos».

Para tal fim, «a PJ porá à disposição do magistrado instrutor todos os meios pessoais e materiais que lhe forem solicitados».

post-scriptum



Sebastião Magalhães de Lima:
Em 25 de Abril de 1885 no Limoeiro

Do nosso leitor Alfredo Simões Leitão, de Lisboa, recebemos o seguinte texto escrito por Sebastião Magalhães de Lima:

«Por ter escrito e publicado no número 1.090, do jornal «O Século», de 29 de Julho de 1884, intitulado «Bandidos célebres», em que censurava, com patriotismo e sinceridade, os bárbaros acontecimentos, ocorridos na assembleia da Ribeira Brava, no Funchal, por ocasião das eleições gerais para deputados, em que as tropas de el-rei espingardaram o povo, deixando, no campo, sete honrados cidadãos portugueses, varados pela metralha; fui processado, e julgado e condenado, em Lisboa, no 2.º distrito criminal, a 23 de Dezembro de 1884, sendo juiz o sr. dr. Manuel Celestino Emídio.

Recorri para a Relação. Ali foi-me confirmada a sentença da 1.ª instância de 30 dias de prisão e 500 reis de multa por dia, correspondente a um mês.

Levei para o Supremo Tribunal de Justiça o recurso de revista. Foi-me negado provimento, «por unanimidade»; pelo que entrei para o Limoeiro a 25 de Abril de 1885. Em todo o processo foi meu advogado o ilustre jurisconsulto e ex-ministro de estado honorário, o sr. conselheiro José Dias Ferreira.

Fui eu a segunda vítima da famosa «lei das rolhas», pensada e dirigida por um alto personagem e editada pelo sr. Lopo Vaz de Sampaio e Melo, quando ministro da Justiça, em sessão legislativa de 1884.»

Um caso lamentável

Num destes últimos dias, ao passar por uma artéria da baixa lisboeta, notei um forte dispositivo policial composto por elevado número de agentes e várias carrinhas. Como a zona é enxada por traficantes de droga, marginais, rufas e prostitutas, não esquecendo as habituais bancas de jogatina e venda de contrabando, pensei para mim que sempre seria dessa vez que a Polícia limparia a zona e que os «fora-d-lei» levariam o correctivo que a lei impõe. Desilusão porém, pois o tal dispositivo, destinava-se à repressão dos vendedores ambulantes. Vi cenas inacreditáveis; agentes de cacetem riste correndo atrás dos vendedores, mas a grande maioria desses agentes só se preocupavam em se apoderarem dos artigos para venda e atirar com eles de qualquer maneira para dentro das carrinhas. Presenciei um autêntico saque e perante o gáudio da escória presente que impunemente exerce as suas nefastas actividades, o saque tomou um aspecto bastante elevado.

E na realidade lamentável que casos como este ainda continuem a verificar-se num Portugal pós-25 de Abril

J. Gonçalves

— LISBOA

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

UNICEF ORGANIZA COMITÉ EUROPEU

“Com as opiniões das crianças escreve-se a história de amanhã”

A criação de um comité de países europeus com forte emigração para discussão dos problemas dos filhos dos emigrantes com os países que os recebem é um dos objectivos da visita a Portugal de Arnoldo Farina, consultor da UNICEF para a organização do Ano Internacional da Criança na Europa.

Em entrevista concedida à ANOP, Arnoldo Farina sublinhou que não vem a Lisboa «para dar instruções à comissão portuguesa da UNICEF, mas sim para ouvir o que ela está a preparar para 1979, ano dedicado em todo o Mundo à criança, numa iniciativa das Nações Unidas».

A formação do referido comité é, para Arnoldo Farina, uma questão de primordial importância, pois a emigração constitui um problema em torno do qual gravitam uma série de problemas não menos graves.

Os filhos dos emigrantes afirmam: «ou ficam nos países de origem e perdem o contacto com os pais ou acompanham os familiares e a pouco e pouco esquecem a língua materna, a cultura do seu país. Quando, por qualquer razão, regressam ao país de origem são uns desenraizados, pois nada conhecem dele e encontram grandes dificuldades de adaptação».

Além disso, acrescenta o consultor da UNICEF para a Europa, há sobretudo que coordenar as acções dos comités nacionais, porque hoje em dia não basta que um país se preocupe com a educação da sua juventude. «Há que educá-la tam-

bém numa perspectiva não-nacionalista, universalista, porque actualmente o desenvolvimento de um país está estreitamente ligado à evolução que se verifica nos outros».

«Isto é — esclareceu — não basta que um país eduque as suas crianças com o objectivo de, quando crescerem, elas contribuam para o desenvolvimento do respectivo país. Tem que se dar à juventude novos valores, para que, daqui a uns anos, ela possa lutar pela procura da paz e por um melhor futuro da Humanidade, numa perspectiva transnacional».

Sobre o comité português, Arnoldo Farina salientou que foi o primeiro comité nacional a formar-se na Europa e que encontrou da parte dos seus membros «uma enorme vontade de trabalhar para que o Ano In-

ternacional da Criança seja um êxito».

«Antes de vir para Portugal — acentuou — tomei conhecimento, em linhas gerais, do projecto do comité português e achei-o extremamente interessante.

Aliás, os contactos que mantive até agora têm sido muito úteis, em especial o encontro que tive com Matilde Rosa Araújo, que considero uma excepcional escritora de histórias para crianças».

Ainda a propósito do Ano Internacional da Criança, Arnoldo Farina exortou os jornalistas portugueses a irem «visitar as crianças, na escola, na rua, onde quer que seja, porque, ouvindo as crianças, recebendo as suas opiniões próprias sobre o mundo que as rodeia, pode-se escrever hoje a história de amanhã».

Os problemas dos filhos

dos emigrantes diz-nos particularmente respeito. Como um dos países europeus que mais exporta «mão-de-obra», somos também daqueles onde a falta de apoio aos filhos dos emigrantes é mais gritante. Muitas vezes,

os trabalhadores portugueses que tiveram de ir viver para o estrangeiro reclamaram apoio. O Governo contava sem ouvir os protestos a entrada de divisas. Escolas e professores portugueses para os filhos dos nossos emigrantes praticamente não existem. A maioria delas esquece o país de origem. Que afinal os forçou a sair. No Ano Internacional da Criança — 1979 — seria bom um debate e um esclarecimento sobre a forma como vivem e são apoiados os filhos dos emigrantes. Dê cá sabemos nós. E r o é um relato alegre.



COM TEATRO E CANÇÕES EVOCATIVAS

Início das Comemorações do 1.º de Maio esta noite no Pavilhão dos Desportos

«E em Abril trouxemos um cravo sobre o peito/ foi porque o coração floriu/ E agora nada poderá mudar o rumo ao tempo/ porque o tempo somos nós (...): Este poema «Viver Maio» de Joaquim Pessoa, é um dos muitos, que esta noite será dito no Pavilhão dos Desportos, a partir das 21 horas.

É uma festa de teatro, e canto, onde se evoca o combate dos trabalhadores, desde a Comuna de Paris até ao nosso tempo2, onde se fala das tarefas da unidade e luta do Movimento Sindical, hoje em Portugal, e onde se presta homenagem aos que sempre cantaram a Revolução» — segundo sublinha o departamento de Informação da CGTP-IP, organizadora deste espectáculo, o qual corresponde à abertura das comemorações do 1.º de Maio.

Na 1.ª parte será feita a evocação histórica desde a Comuna de Paris a Maio de 74, e na 2.ª, «Maio de 78, a unidade e a luta dos trabalhadores portugueses-Homenagem aos que sempre cantaram a Revolução».

Dezenas de actores e cantores defilarão esta noite no palco do Pavilhão dos Desportos.

Ouvir-se-ão poemas de Eugene Pottier, Jean Baptiste Clement, Maiakovsky, Joaquim Pessoa e Ary dos Santos.

A parte teatral está a cargo do Adôque, a Barraca, Grupo 4, Teatro Estúdio de Lisboa, Canto e Castro e Guida Maria, enquanto a declamação é da responsabilidade de Fernanda Lapa, Joaquim Pessoa, José Carlos Ary dos Santos.

A narração está a cargo de Angelo Granaja, João Paulo Guerra, José Manuel Nunes, Luis Filipe Costa e Rui Pedro e a encenação a Francisco Nicholson, Luzia Martins e Rui Mendes. A banda sonora da 2.ª parte do espectáculo é música original de Luís Clívia.

Entre os cantores que actuarão esta noite no Pavilhão dos Desportos, contam-se José Afonso, Carlos Mendes, Carlos Paulo, Fernando Tordo, Luis Clívia, Paco Bandeira, Paulo Carvalho, Luísa Basto e Vicotirno.

«...Porque o tempo somos nós — é ainda o poema de Joaquim Pessoa — e apenas nós faremos mover os ponteiros da esperança. / Nós somos a flor/ a máquina/ o sorriso/ a ternura/ a vida. Nós somos o arco e a flecha/ o pássaro e o vento/».

CONCERTO NO TRINDADE

Entretanto, no próximo dia 30, promovido pelo Sindicato dos Músicos, realiza-se um concerto de música sinfónica no Teatro Trindade. Com uma orquestra composta por ele-

mentos das orquestras da Fundação Gulbenkian, RDP e Teatro S. Carlos, dirigida pelo maestro Silva Pereira, serão executadas «Pompa e circunstância» de Emgar, «Abertura de Tanhauser» de Wagner, «Fandango da Suite Alentejana» de Freitas Branco e 5.ª Sinfonia de Beethoven.

quem te informa
teu amigo é

NOVA

VOZ do POVO

cada leitor um amigo
em cada linha a verdade

Sai a
3 de Maio

Em ALJUSTREL o **Diário de Lisboa**
vende-se no CAFÉ ALIANÇA

ponto a ponto

O Primeiro-Ministro português e secretário-geral do PS, Mário Soares, deslocar-se-á a Madrid no próximo domingo, para assistir ao acto comemorativo da unificação entre o Partido Socialista Popular e o Partido Socialista Obrero Espanhol. Está também confirmada a presença dos líderes socialistas de França, Itália e Suécia.

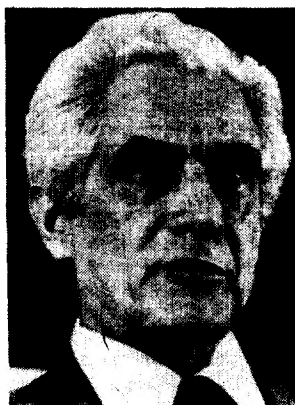
A SIP do PCP emitiu um esclarecimento em que desmente que Álvaro Cunhal tenha estado em Madrid, no Congresso do PCE. A notícia, que partiu de uma informação da agência ANOP, foi veiculada por diversos órgãos de Informação. Aquele esclarecimento sublinha que a representação do PCP no Congresso foi assegurada por Albano Nunes, do seu Comité Central.

Decorridos os quinze dias marcados pelo juiz-presidente do 3.º TMT, será lida amanhã, em Santa Clara, a sentença relativa ao julgamento do capitão Andrade da Silva. Recorde-se que, em declarações ao «DL», o co-patrono de Andrade da Silva, dr. Goucha Soares, consideraria o adiamento da leitura da sentença como «flagrante violação ao Estado de Direito», dado tratar-se, na circunstância, de um «réu injustamente preso há cerca de um ano», para além de um artifício destinado a impedi-lo de passar o 25 de Abril em liberdade.

Sousa e Castro, conselheiro da Revolução, é um elemento em foco. Em causa a forma como foram preparadas e se realizaram este ano as comemorações do 25 de Abril, Dia da Liberdade, isto quanto às cerimónias que decorreram ontem e anteontem como a todos os aspectos de divulgação que as antecederam. De destacar que todo o processo foi este ano particularmente bem conduzido, com reacção para a forma como a Rádio e TV foram chamadas a participar.

Regressou ontem a Lisboa o ministro das Finanças e do Plano, Vítor Constâncio, vindo de Nova Iorque. Constâncio participou no último fim-de-semana em mais uma sessão dos «Bierdelhera Meetings», que reuniu em Princeton, New Jersey, algumas das principais «cabeças» do mundo capitalista. As conclusões da conferência apontam principalmente para África e para o papel a jogar pela NATO naquele continente.

O rei Juan Carlos recebeu ontem um grupo de jornalistas portugueses que se encontra em Espanha a convite do Governo espanhol. Juan Carlos, durante o encontro, recordou a sua estada de 20 anos em Portugal e referiu a importância que atribui à sua próxima visita ao nosso país no campo da aproximação entre as duas nações.



Abril franqueou as portas da liberdade

Decorrem quatro anos sobre o vitorioso Movimento dos Capitães que em 25 de Abril de 1974 virou uma página negra da História do nosso País, numa acção conjugada com uma larga e decidida intervenção popular. Todos nós mantemos bem vivas na nossa memória as consequências que advinham para o povo português, para todos os que viviam do seu trabalho e respectivos familiares, fossem eles assalariados ou pequenos e médios empresários, do regime e da dominação fascistas no nosso País.

UM PASSADO QUE NÃO SE DESEJA MAIS

A agricultura constituía um sector em permanente estagnação, resultante fundamentalmente de uma estrutura carac-

terizada pelo predomínio de grupos sócio-económicos de carácter latifundista e capitalista. Em termos gerais, essa estrutura impedia a modernização e o desenvolvimento do sector agrícola. Concedendo condições para uma crescente rentabilização do capital investido pelos grandes capitalistas agrários, gerava no pólo oposto a estagnação e o agravamento das condições económicas e sociais de um elevado número de pequenos e médios agricultores, por um lado, e de assalariados agrícolas, por outro. Nos catorze anos anteriores a 1974, o crescimento médio anual do produto da agricultura, silvicultura e pecuária foi inferior a 1 por cento.



Analizados numa perspectiva global, a industrialização e o desenvolvimento económico portugueses confrontavam-se com profundos problemas estruturais e institucionais que impedia a construção de uma economia voltada para a satisfação dos interesses da grande maioria da população portuguesa. Essas estruturas condicionavam uma acumulação capitalista acelerada, no quadro de um desenvolvimento técnico-económico inferior ao das economias desenvolvidas, o que contraponia com as in-

suficientes remunerações dos trabalhadores, insegurança no trabalho, deficientes condições no exercício da actividade profissional. A estrutura sindical corporativa impedia que os sindicatos defendessem os interesses reais dos trabalhadores. Quando tentavam fazê-lo, lutando por uma organização sindical representativa dos seus reais interesses, deparavam-se sistematicamente com o aparelho repressivo e policial do fascismo que procurava neste aspecto controlar, pelo recurso à violência, o crescente movimento reivindicativo dos trabalhadores pela obtenção de justas condições de trabalho e de vida, pela abolição das leis fascistas permitindo despedimentos sem justa causa, pelo estabelecimento de um seguro de desemprego,

saram estropeados.

A política de gravação do nosso País na esfera de influência dos países capitalistas e do recurso não-controlado a investimentos estrangeiros originava a transferência, para os países de origem, dos centros fundamentais de decisão económica, formulada no interesse dos grupos monopolistas dominantes, por um lado, e dos lucros obtidos no nosso País, das amortizações dos empréstimos e dos juros, por outro. Esta política traduzia-se numa perca crescente da nossa independência nacional, agravando as condições económicas e sociais da população portuguesa, nomeadamente a que vivia, exclusiva ou essencialmente, do seu próprio trabalho. Este conjunto de razões levava a que cente-

BLASCO HUGO FERNANDES

sectores pela sua luta em defesa dos seus interesses) ou demitidos dos seus empregos.

25 DE ABRIL: NOVO RUMO PARA PORTUGAL

Aqueles eram alguns dos traços principais da sociedade portuguesa durante o longo período do fascismo. Largas camadas da nossa população deprimidas económica e socialmente, perda da nossa independência nacional, economia em permanente estagnação, emigração de volumosa parte da nossa população activa, ausência de liberdades fundamentais.

O movimento do 25 de Abril, derrubando um regime não identificado com a vontade e com os interesses do povo português, traçou desde logo um caminho diferente, definindo os princípios básicos de uma nova política que pusesse termo às diversas formas de exploração e de opressão reinantes na nossa sociedade. O combate ao aumento acelerado dos preços através de adequadas medidas de carácter global, a formulação de uma política visando o rápido desenvolvimento económico do País, sem prejuízo, antes pelo contrário, das pequenas e médias empresas e das classes trabalhadoras de um modo geral, o fim das guerras coloniais, a promoção do poder de compra dos estratos sociais desfavorecidos, o estabelecimento de um sistema de protecção social e a garantia do exercício das liberdades civis encontravam-se, entre outras, no conjunto das medidas do pós-25 de Abril.

A Constituição da República Portuguesa, consequência da Revolução de Abril e expressão da vontade do povo português, que aquela permitiu, determinou posteriormente como objectivo fundamental o bem-estar do nosso povo, atribuindo para o efeito ao Estado a tarefa do planeamento e do desenvolvimento democráticos da nossa economia, envolvendo a destruição das estruturas geradoras dos problemas sociais atrás expostos (aumento do custo de vida, desemprego, emigração, estagnação económica de uma parcela importante da população, etc.) e o desenvolvimento de relações socialistas de produção de que as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controle de gestão são peças indispensáveis. No plano dos direitos fundamentais, a Constituição que Abril tornou possível garante-nos, opostamente ao que acontecia durante o fascismo, a livre expressão do pensamento, a liberdade de manifestação e de associação, desde que esta não perfilhe a violência ou a ideologia fascista, uma política de paz nas relações entre os povos, uma organização democrática da sociedade portuguesa, aberta para o socialismo.

Todavia, as mesmas forças que no passado nos oprimiram mostram-se cada vez mais interessadas em pôr em causa o teor constitucional, as medidas que no seu âmbito se concretizaram, enfim, as conquistas de Abril. A sua defesa e consolidação passam necessariamente pela projecção no presente e no futuro da unidade dos democratas e antifascistas onde no passado se caldeou o 25 de Abril.

SARGENTOS DO 25 DE ABRIL

«Liberdade para todos os dias»

«Disse a primeira palavra/na madrugada serena/um poeta que cantava/o povo é quem mais ordena...» (Ary dos Santos) — esta a introdução de um dos discursos proferidos, no almoço comemorativo do 25 de Abril, realizado no último fim-de-semana pelos sargentos dos três ramos das Forças Armadas. Eram mais de quinhentos: para mais do que para menos... «Desceram homens sem medo/ Marujos, soldados e páras...» (ainda Ary dos Santos). E relembando a queda do regime fascista estiveram no CACO (Clube Atlético de Campo de Ourique), quatro anos depois, os sargentos, entre os quais muitos pára-que-distas.

«Nós os sargentos, herdeiros legítimos que somos dos patriotas sargentos que em 31 de Janeiro, em 5 de Outubro, e em muitas outras datas célebres da história próxima do nosso país, empenharam a tranquilidade e a vida na luta pela liberdade do seu povo, juntamo-nos, hoje todos os de terra, mar e ar — para comemorar a madrugada da libertação do povo português, a madrugada da nossa libertação», salientou na sua intervenção um sargento da Força Aérea.

Foi ainda vincado o significado do 25 de Abril, liberdade e revelação para muitos dos homens das Forças Armadas, homens que deixaram de ter vergonha de usar o uniforme e que agora se sentem orgulhosos de serem militares. Esta alusão à dignidade restituída foi também um dos pontos focados no discurso.

O representante da Força Aérea refere, por outro lado, a necessidade da unidade entre os sargentos:

«Para que mãos maldosas vindas do passado não possam

semear de novo entre nós a discórdia, o medo do eco das vozes, o temor das sombras, para que não haja regresso à competição fria e desumana, para que fique muito claro que só na unidade reside a nossa força.»

Depois do almoço usou da palavra o presidente do Clube de Sargentos da Armada, louvando a iniciativa que possibilitou o convívio entre os sargentos.

«A memória dos homens é curta e há quem esqueça os momentos que permitiram uma mudança qualitativa na sociedade portuguesa. Gostaria que evocassem este dia não como uma data passageira...» Sublinhou ainda aquele orador a importância da liberdade não só para todo o povo português, mas também para os homens das Forças Armadas que «já podem trocar impressões e determinar os mecanismos e fenómenos que envolvem determinada questão».

Durante o convívio chegaram inúmeras saudações de sargentos, vindas de diversos quartéis do País. Dos sargentos que, por estarem de serviço ou por outra razão qualquer, não puderam comparecer no almoço. Apesar de tudo estiveram representadas, no convívio, as Regiões Militares do Norte, do Centro, do Sul e de Lisboa. Muito significativas as mensagens enviadas de várias unidades do Norte.

LIBERDADE: TODOS OS DIAS

«Organizámos o almoço com o intuito de nos voltarmos a ver, de estarmos ao lado uns dos outros. A Comissão Organizadora afirmou que o 25 de Abril já não é o Dia de Portu-

gal, mas sim o Dia da Liberdade, pois nós achamos que a dos os dias e não apenas por um dia», sublinhou um dos sargentos.

Na sequência do convívio cantou-se a «Grândola, Vila Morena» com grande emoção. Como no primeiro momento. Em todas as mãos havia cravos vermelhos — símbolo do 25 de Abril. Seguiram-se mais intervenções. Eis as palavras de um elemento da Direcção da ADFA (Associação dos Deficientes das Forças Armadas):

«Foi uma Revolução social e também de mentalidades... Nós somos trabalhadores, embora armados. Não queremos a caridade, mas o direito ao trabalho. Queremos participar na sociedade nova, do processo em curso, porque a Revolução ainda não acabou. Que o 25 de Abril permaneça, cada vez mais fortemente, dentro de nós. Que acabem as guerras...»

Os capitães de Abril foram também saudados no convívio dos sargentos que decorreu em Campo de Ourique. Assim, no seu discurso, o porta-voz dos sargentos do Exército referiu «os heróicos capitães de Abril» e todos aqueles que com eles colaboraram na restituição da liberdade ao nosso povo». Citou ainda algumas das transformações da sociedade portuguesa, resultantes do 25 de Abril, nomeadamente a institucionalização do regime democrático, eleições livres, destituição dos órgãos repressivos, autonomia das autarquias locais, profundas transformações económicas, fim das guerras coloniais, a Constituição e outras conquistas.

DEFESA DA CONSTITUIÇÃO

«Tudo isto foi possível, através de uma perfeita identificação. Liberdade deve ser vivida to-

Continua na pag. 22

Mais de mil oficiais do QP jantaram «na intimidade»

Mais de um milhar de oficiais do Quadro Permanente dos três ramos das Forças Armadas comemoraram em todo o País, em convívios restritos aos seus elementos (a Imprensa não passou da porta) a passagem do 4.º aniversário do 25 de Abril. Muitos outros não puderam participar directamente por motivos de serviço, já que as forças militares se encontravam na situação de «segurança reforçada».

Em Lisboa, no Pavilhão da Académica da Amadora, decorreu a confraternização mais numerosa, que reuniu cerca de 800 oficiais do QP, encontrando-se entre eles os conselheiros da Revolução, brigadeiro Franco Charais, coronel Pizarat Correia, major Melo Antunes, major Vasco Lourenço, capitão Sousa e Castro, capitão Marques Júnior, comandantes Vítor Crespo e Martins Guerreiro e tenente-coronel Costa Neves.

Este jantar, reservado única e exclusivamente a oficiais do QP, foi definido por um dos participantes como «uma jornada de convívio e camaradagem dos militares comprometidos com o 25 de Abril e dos que solidariamente se lhes juntaram depois na defesa dos mesmos ideais». Constitui também a demonstração de que a parte mais significativa das FA não está disposta a trair o seu dever patriótico de defender a Constituição nasci-

da de Abril e as instituições democráticas, na forma como foram legitimadas pela vontade do Povo Português, vertido que está agora, nas páginas da Constituição, o essencial do Programa do MFA e o seu espírito de liberdade.

No decorrer da confraternização usaram da palavra o tenente-coronel Costa Neves, o comandante Vítor Crespo e o major Vasco Lourenço. O primeiro fez um apelo à unidade dos militares de Abril, em nome da continuação da luta pelos seus ideais, que só serão obtidos quando em Portugal se tiver conseguido um clima de paz, segurança e justiça social, em democracia.

Vítor Crespo historiou o processo revolucionário originado pelo 25 de Abril e as implicações que para o Povo Português representam as suas conquistas. Vasco Lourenço sublinhou a necessidade da unidade dos militares ligados pelo espírito de Abril em torno do novo Programa do MFA, que agora é a Constituição, elaborada pelos representantes livremente eleitos pelo Povo. Acentuou a tónica das suas palavras da firme defesa da Constituição e das instituições democráticas.

Como ponto comum, os três «capitães de Abril» referiram-se nos seus discursos às conquistas alcançadas pelo Povo Português e à necessidade da

sua manutenção para uma melhor justiça social. Vasco Lourenço salientaria ainda que não se tratava agora de uma reunião no estilo das reuniões do MFA que se realizaram antes do 25 de Abril, mas sim de uma afirmação de unidade na defesa do projecto constitucional e dos ideais de Abril.

Pelo telefone foram trocadas saudações com cerca de uma centena de oficiais da Região Militar Norte reunidos em Guimarães num convívio similar e recebidas mensagens de outros pontos.

SOLIDARIEDADE COM ANDRADE DA SILVA

Entre as várias mensagens recebidas incluía-se uma do capitão de Abril Andrade da Silva, ainda injustamente preso na Trafaria, na qual salienta aos seus camaradas de armas que os «acompanha solidariamente na comemoração do 4.º aniversário da vitória do glorioso Movimento das Forças Armadas» e reafirma «o seu total empenho na defesa dos ideais de Abril e do cumprimento da Constituição».

Esta mensagem seria vibrante aclamada após a sua leitura numa grande manifestação de solidariedade para com o camarada de armas injustamente preso.

algumas das nossas sugestões para as suas férias 78

Algarve • Funchal
Açores • Canárias
Palma Maiorca
Benidorm • Ibiza
Torremolinos
Tânger • Marrocos
Paris • Londres
Austria • Itália
Jugoslávia • Grécia
Egipto

Contacte-nos para mais informações:



HABILITAÇÃO NOTARIAL

TERCEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

NOTÁRIO - Lic. António Manuel Rodrigues Hespanha

CERTIFICO para efeitos de publicação que, por escritura de 17 de Abril corrente, exarada de fls. 52 v.º a 53 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º D-67 deste Cartório, foi habilitado como único herdeiro de PHILIP JOHN LESLIE BARLEY — natural da freguesia de Marquês de Pombal de Lisboa, com a última residência habitual na Rua Gonçalves Viana, n.º 3, 3.º andar esquerdo, freguesia de São Domingos, de Benfica de Lisboa, falecido a 17 de Janeiro de 1978, no estado de divorciado — seu filho Manuel Filipe Sancho Barley, casado, residente habitualmente na Rua Joaquim de Almeida n.º 51, porta 10, na vila e concelho do Montijo.

ESTÁ CONFORME Lisboa, 19 de Abril de 1978

O NOTÁRIO a) António Manuel Rodrigues Hespanha

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 9.º Juízo Cível ANÚNCIO

Proc. 7897-B 3.ª secção

Pela terceira secção do 9.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa correm editos de vinte dias, contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos da executada TAVARES E C.ª, LDA, com sede na Rua de Évora, 72, comarca de Reguengos de Monsaraz, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução de sentença movida pela Metalúrgica Duarte Ferreira, SARL, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 29/3/78

O Juiz de Direito (a) João Vaz Rebordão

O Escrivão de Direito (a) Lufinha de Vasconcelos

HABILITAÇÃO NOTARIAL

TERCEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

NOTÁRIO - Lic. António Manuel Rodrigues Hespanha

CERTIFICO para efeitos de publicação que, por escritura de 15 de Abril corrente exarada de fls. 51 v.º a 52 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º D-67 deste Cartório, foi habilitado como único herdeiro de PHILIP JOHN LESLIE BARLEY — natural da freguesia de Marquês de Pombal de Lisboa, com a última residência habitual na Rua Gonçalves Viana, n.º 3, 3.º andar esquerdo, freguesia de São Domingos, de Benfica de Lisboa, falecido a 17 de Janeiro de 1978, no estado de divorciado — seu filho Manuel Filipe Sancho Barley, casado, residente habitualmente na Rua Joaquim de Almeida n.º 51, porta 10, na vila e concelho do Montijo.

ESTÁ CONFORME Lisboa, 19 de Abril de 1978

O NOTÁRIO a) António Manuel Rodrigues Hespanha

NOTARIADO PORTUGUÊS

Animaqua — Aves e Peixes Tropicais, Limitada

Eu abaixo assinado, ajudante do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, número duzentos e dois rés-do-chão, certifico para efeitos de publicação o que por escritura de 24/1/78, lavrada nas notas deste Cartório no livro H-22 de folhas 75 a folhas 76, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se rege nos termos e condições constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade girará sob a denominação de ANIMAQUA-AVES E PEIXES TROPICAIS, LIMITADA, vai ter a sua sede e escritório na Rua de São Marçal, número cento e setenta, freguesia de Meirões, deste concelho de Lisboa e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

Segundo — O objecto social é o comércio de aves e peixes tropicais, ou qualquer actividade em que os sócios acordem.

Terceiro — O capital social é de cem mil escudos, encontra-se integralmente realizado a dinheiro e corresponde à soma das seguintes quotas, dos sócios: uma quota de noventa e cinco mil escudos, de D. Ilda Maria Pais Canastreiro Duarte Guedes, e uma quota de cinco mil escudos de Eduardo Luís Duarte Guedes.

Quarto — Dependem de consentimento da sociedade as cessões de quotas a estranhos, ficando ainda reservado a esta, em primeiro lugar, e aos restantes sócios, em segundo lugar, o direito de preferência na respectiva aquisição.

Quinto — Ambos os sócios são gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, sendo suficiente a assinatura de um gerente para que a sociedade se considere validamente obrigada em todos os seus actos e contratos.

Parágrafo primeiro — Os gerentes poderão delegar os seus poderes e a sociedade fica com a faculdade de constituir mandatário.

Parágrafo segundo — A sociedade não poderá ser obrigada em fianças, abonações, letras de favor e outros actos encontrados estranhos aos negócios sociais.

Sexto — Quando a lei não exigir outras formalidades e prazos, as reuniões de assembleia geral serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios como oito dias de antecedência, pelo menos.



Serviço de camas

Lisboa — Porto

Lisboa — Algarve Lisboa — Paris

Adquira o seu suplemento-cama nas estações da CP ou na sua agência de viagens



A jornada durou todo o dia. Era preciso comer e beber.



Dezenas de milhares de pessoas saudaram o apelo à unidade entre os democratas e antifascistas.

O comício de ontem no Parque Eduardo VII

Apelo à unidade dominou intervenções

«Neste 4.º aniversário do glorioso 25 de Abril, a maior tarefa de todos nós é unir cada vez mais a classe operária, os trabalhadores, os democratas de todas as tendências identificados com os ideais do 25 de Abril e com os princípios consagrados na Constituição», afirmou Octávio Pato, último orador do comício levado a efeito ontem no Parque Eduardo VII, perante dezenas de milhares de pessoas que ali se reuniram para festejar a data gloriosa da queda do fascismo.

De assinalar que, a tónica das restantes intervenções, de José Tengarrinha (MDP/CDE), Fernando Piteira Santos (independente) e Lopes Cardoso (UESD), incidiu essencialmente sobre a importância da unidade entre todos os democratas e antifascistas, sobretudo pelos perigos que espreitam as liberdades e outras conquistas do Povo português.

LEMBRAR O QUE FOI O FASCISMO

José Manuel Tengarrinha, que evocou a importância e reforço do movimento operário nos meses que antecederam a queda de Caetano, frisaria que «é preciso lembrar o que foi o fascismo, não como recordação de um passado morto, mas como presença viva do perigo que está à nossa frente», referindo, a propósito, o comunicado do Conselho da Revolução como prova de que os

Arruaceiros comemoram em Alcobaça o «24 de Abril»

Bandos de arruaceiros fascistas concentraram-se na noite de segunda-feira, cerca das 22 e 30, no largo fronteiro ao Centro de Trabalho do PCP, em Alcobaça, para comemoraram o «24 de Abril». Lançaram grande quantidade de foguetes e morteiros e destruíram toda a propaganda oficial do 25 de Abril.

Posteriormente avançaram para provocações com grupos de democratas que ali se encontravam mas que não deram resposta.

Os «festejos» dos arruaceiros, entre os quais se destacavam três indivíduos conhecidos como o Paulo enfermeiro, o Pombo e o Chaves, terminaram com a destruição da propaganda que estava afixada no Centro de Trabalho do PCP.

militares «mostram ter perfeita consciência da situação e manifestam «a mesma disposição combativa de defender a democracia».

O dirigente do MDP/CDE acentuou igualmente que a unidade se constrói «ultrapassando os erros e as divisões do passado. E uma profunda e larga unidade é o instrumento mais poderoso de defesa da democracia». Citou o exemplo da unidade dos democratas encarcerados nas prisões do fascismo e que permitiu a libertação de todos os presos políticos a 27 de Abril de 1974 (quando Spínola apenas tentava libertar uns quantos) para considerar que o movimento unitário crescente na sociedade portuguesa é actualmente «uma das realidades mais profundas, vivas e positivas» do nosso país.

«NÃO BASTA AFIRMAR A UNIDADE»

Considerando que a vitória do 25 de Abril não teria sido possível «sem a longa resistência de um povo que disse sempre não ao fascismo e cuja situação seria incomparavelmente pior se o 25 de Abril não tivesse acontecido», Fernando Piteira Santos, orador seguinte, denunciou também a escalada reaccionária para sublinhar que «não basta afirmar a unidade, não podemos sair daqui e ficar desunidos e dispersos, embora organizados».

«Temos de sair daqui — continuou — com a decisão de, pelo menos, não ficarmos de braços parados, até ao próximo 25 de Abril». «Temos uma bandeira — disse ainda Piteira Santos no apelo à unidade — a Constituição da República, e é esse projecto de vida nova que é preciso defender».

As agressões a Almeida Santos em Ponta Delgada e a libertação de cinco dos seus alegados agressores foram ainda denunciadas por Piteira Santos como factos sintomáticos do avanço das «forças reaccionárias, da subversão fascista». Lembrou também a libertação por um juiz do polícia-bombista que planeou, entre outras operações executadas um atentado contra o Presidente da República, nas comemorações de 1977 do 25 de Abril.

Citou finalmente as forças que no Mundo conspiram contra a Paz, realçando, a propósito, a acção do Conselho Português para a Paz e Cooperação e a campanha que tem sido conduzida contra o fabrico da bomba de neutrões. «A luta pela paz é uma das frentes de

luta, numa altura em que se assiste a tentativas de ressuscitar o militarismo e fazer o elogio da guerra colonial», disse.

CRÍTICAS AO PS

Lopes Cardoso, para além de acentuar a necessidade de opormos uma «barreira intransponível àqueles que sonham com o regresso ao passado», atacou duramente a actuação do PS, nomeadamente a acção «cúmplice» daquele partido no avanço da direita.

O dirigente da UEDS, observou que «milhares e milhares de portugueses deram a sua confiança ao PS, não para que este congelasse o socialismo, nem para que escolhesse, como aliados privilegiados, os democratas de 26 de Abril». Sobre a política económica seguida pelo Governo PS, afirmou ser evidente que «optou pela recuperação capitalista quem considera o socialismo como uma grosseira utopia».

Considerando que comemorar o 25 de Abril não é «uma mera formalidade ou uma expressão de nostalgia», mas antes «a afirmação clara de que ele está vivo, mesmo quando, um a um, vão sendo afastados os capitães de Abril», Lopes Cardoso apontou no final da sua intervenção quatro grandes objectivos que devem unir no mesmo combate os democratas portugueses: impedir a concretização da «ofensiva de direita na reconstrução da base económica social e política que possuía», reforçar a base social de apoio ao projecto constitucional, combater «política e ideologicamente» a propaganda fascista e fascizante e preparar uma alternativa «que consolide as transformações revolucionárias» baseada na unidade dos que, «sem reservas, se reclamam defensores do projecto constitucional».

A IMPORTÂNCIA DAS CONQUISTAS DE ABRIL

Octávio Pato começaria por lembrar que se não deve esquecer o passado — de «tirania, de guerras coloniais, onde morreram 10.000 jovens, e que deixou mais de 20 mil mutilados, um passado com mais de 2 milhões de emigrantes, três milhões de analfabetos, meio milhão de alcoólicos, salários de fome e miséria, centenas e centenas de aldeias sem médicos, electricidade, escolas, estradas, etc. — para compreender-se a importância das conquistas de Abril.

Sobre as dificuldades económico-financeiras actuais, o

dirigente do PCP lembrou a «desastrosa política praticada pelo VI Governo Provisório, pelo I Governo do chamado PS sozinho e agora prosseguida aceleradamente pela coligação PS/CDS». Ao referir o resultado ao nível parlamentar e governamental, do «desfazer a legislação da chamada «época gonzalvista», tal como foi confessado há poucos dias pelo actual chefe do Governo», le-

varia as dezenas de milhares de presentes a vitoriar longamente o general Vasco Gonçalves, Primeiro-Ministro nos II, III, IV e V Governos provisórios.

«A crescente degradação económica, social e política — disse Octávio Pato — serve de alimento às campanhas da reacção contra o 25 de Abril. E tem-se o direito de perguntar se essa degradação não está

a ser conscientemente fomentada por forças representadas no Governo e em variados centros do aparelho de Estado».

Sobre os incidentes nos Açores com Almeida Santos, o dirigente comunista considerou que o clima existente no arquipélago é a «imagem apropriada do terror fascista que reinou em Portugal durante 50 anos e que o PPD/Sá Carneiro pretende impor em Portugal inteiro».

Precisou que o PSD e o MIRN se estão a tornar «não partidos de oposição, mas sim partidos de oposição contra o 25 de Abril, contra a Constituição, contra a unidade e independência nacionais».

Apelando a uma participação maciça no próximo 1.º de Maio, Octávio Pato diria ainda, após referência ao apelo unitário dos democratas, que «se o movimento operário e sindical, se o movimento popular de massas, se os militares e as forças democráticas identificadas com o 25 de Abril e a Constituição enfrentarem com determinação essa escalada, ela será travada e a reacção sofrerá uma séria derrota».

Festa para crianças e adultos

Uma manhã infantil com a alegre e entusiástica participação de milhares de crianças foi o prelúdio das comemorações do 4.º aniversário do 25 de Abril, realizadas no Parque Eduardo VII.

Artes plásticas, animação cultural, desporto, moldagem, palhaços, teatro, e canções pelo Zé Barata Moura, foram os temas para a alegria e divertimento das crianças que puderam ainda ver, em carne e osso, um poney e um carro de bombeiros.

A tarde depois do comício, Alfredo Oliveira de Sousa, o Grupo Artístico de Sacavém, o «Praça Pública» da Cel-Cat, o grupo «Unidade», o mesmo Barata Moura, actuaram para a multidão concentrada no Parque.

Entretanto, durante todo o dia, não faltaram as barracas de comes-e-bebes, livros, artesanatos e a alegria e espírito militante dos democratas e antifascistas presentes, que não temeram as incomodidades da chuva que caiu a espaços.

INACREDITÁVEL!...

APROVEITE JÁ!!!

SALDOS

GRANDES DESCONTOS

POR MOTIVO DE RECONVERSÃO DE «STOCKS»

MOBILIÁRIO * TODA A GAMA DE ELECTRODOMÉSTICOS, DISCOS, ETC., ETC.

RAIO DE SOL LARGO D. ESTEFÂNIA, 12-D LISBOA

RAMALHO EANES NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

«Todos os meios necessários para garantir integridade da Pátria»

O Presidente da República assegurou ontem, na Assembleia, na sessão extraordinária comemorativa do 4.º aniversário do 25 de Abril, que «na medida em que qualquer ameaça ponha em causa a unidade da Nação, utilizará todos os meios necessários para garantir a integridade da Pátria».

Aplaudido calorosamente pelas bancadas do PS, CDS e PCP, e mais discretamente pelo grupo parlamentar «social-democrata», Ramalho Eanes afirmou que «neste dia, que devia ser de alegria e confiança, as palavras não podem ser usadas para ocultar ou iludir a gravidade da situação».

Analisando a situação nas ilhas atlânticas, Eanes salientou ser necessário distinguir «o que é a vontade de autonomia do que é frustração, receio, exploração partidária». Acrescentou que «para dissipar o receio, os portugueses dos Açores e da Madeira têm a minha garantia de que nada justifica a exploração que ainda se faz da tentativa totalitária que abalou o continente em 1975».

O Presidente da República exaltou depois a fidelidade aos valores da democracia pluralista e do Estado de Direito, de onde colheu o sentido do seu mandato, concluindo que as suas principais preocupações, agora, são «assegurar o funcionamento das instituições e garantir a existência de alternativas políticas, condição de validade e vitalidade da democracia».

«UMA ESPERANÇA SEM RESPOSTA?»

O general Ramalho Eanes começaria o seu discurso, aguardado com grande expectativa, sublinhando a necessidade de actuar de modo a que Abril «não fique como uma esperança sem resposta».

Mencionou, depois, «a cegueira histórica da ditadura», os «progressos enganadores», traçando o perfil do País anterior a 25 de Abril.

«A ordem estabelecida não tinha bases sólidas. Sem capacidade de evolução política, estava condenada a desaparecer, quando a riqueza da Europa não mais transbordasse para Portugal, quando cessasse a exploração colonial, quando as tensões internas da sociedade portuguesa livremente se manifestassem. Sem a expansão europeia que alimentava a emigração e as exportações; sem o trabalho dócil e barato que tornava rentável o que era obsoleto; sem o investimento externo que procurava, em Portugal, vantagens ilegítimas; sem as remessas de emigrantes e as divisas dos turistas; sem o domínio dos mercados coloniais e a sua contribuição para a balança de pagamentos metropolitana; sem a capitalização iludida nas práticas especulativas — tudo era uma frágil construção, produto de situações transitórias ou insustentáveis e resultado da imposição policial».

Enumerou, a seguir, alguns dos pontos essenciais constantes do projecto que determinou o 25 de Abril. Entre eles, referiu a liberdade, a ausência de presos políticos e de censura, a expressão regular e periódica da vontade popular, a legitimidade das instituições e dos órgãos de soberania, o reconhecimento dos direitos fundamentais dos trabalhadores, as perspectivas abertas de uma

maior justiça social, a paz, a convivência democrática na comunidade internacional, e a Lei Fundamental que nos rege.

Fazendo incidir a sua análise sobre a Constituição, o Presidente da República classificou-a de «instrumento de liberdade e segurança», dotado da «flexibilidade suficiente» para ser confrontado com a experiência histórica concreta do País.

Depois de referir que a Lei Fundamental «não é um texto imutável e intocável», prevenindo-se nela própria a sua alteração, Ramalho Eanes concluiu: «Não é na Constituição que devemos procurar a justificação das nossas dificuldades, das incapacidades e insuficiências dos dirigentes políticos, da permanência e afastamento dos factores de crise».

VASCO DA GAMA FERNANDES: «DEMOCRACIA NÃO SE CONSTRÓI COM MESSIAS»

O presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes, que abriu a sessão extraordinária comemorativa da data, lembrou que «a história do povo português continua por escrever».

«Não se pode comemorar seja o que for — acentuou — sem ter sempre presente essa entidade».

«Ela nunca traiu, ela nunca se vendeu, ela nunca tergiversou. Temos de contar com ela se quisermos ser dignos de nós próprios».

Reakando as várias gerações «martirizadas e muitas delas frustradas» que sofreram na cadeia, nas deportações, nos exílios e na luta antifascista o peso do regime derrubado há quatro anos, Vasco da Gama Fernandes acrescentou: «ao ver desfaldar neste País a bandeira verde-rubra, que os ditadores todos juntos não conseguiram arriar do mastro nacional, vêm sempre a meus olhos os homens como meu pai, simples caixeiro de uma loja lisboeta, que seguraram nas suas mãos as prerrogativas de um regime de liberdade, e foi ele que escalou Monsanto, que defrontou as incursões monárquicas, que resistiu a Sidónio e fez frente a Salazar e Marcelo Caetano».

«É este — diria o Presidente da Assembleia da República — o povo de que faço parte, com o privilégio de nunca ter sofrido o que outros sofreram, mas a quem também nunca minui a vontade de ser aquilo que me prezo de ser, antes de mais nada: um antifascista, porque o fascismo era e é a negação da própria vida e a perversão das mais justas reivindicações da grei nacional».

A concluir a sua tomada de posição, diria Vasco da Gama Fernandes: «Há muita gente neste País interessada em Perverter o surto da nossa Revolução, pela intriga, pela ambição e pelo messianismo. Quanto a este particular, a democracia não se constrói com messias, mas sim com o jogo constitucional, harmónico e legalista, com o respeito pelas ideias dos outros, pela dignida-

de pessoal e política, porque se a desgraça nos batesse à porta e se não tivéssemos forças para a dominar, uma nova história macabra se escreveria neste País e nela se inseririam os que não desistiriam e percorreriam de novo as estradas do martírio».

UDP «OPORTUNIDADE ÚNICA»

Acácio Barreiros, da UDP, evocou os quatro anos de «grandes jornadas de luta, de inesquecíveis lágrimas de alegria, de muitas horas de sa-



«A minha garantia»

crifícios e trabalho devotado».

«O que está mal», referiu o deputado da UDP, contrapondo-se aos saudosistas que atribuem a culpa de todas as nossas desgraças ao 25 de Abril, «é a política de fazer de Portugal de Abril um Portugal onde caibam os inimigos de Abril».

Considerando o 25 de Abril «uma oportunidade, talvez única na nossa história, de sermos verdadeiramente grandes em Portugal», Acácio Barreiros afirmou que «a ofensiva contra as conquistas dos trabalhadores, o ciclo ruinoso dos empréstimos estrangeiros, a impunidade dos inimigos da liberdade, têm de ser travados», e apelou para o cerrar de fileiras de todos os democratas a fim de «vencer os nossos inimigos, bem como os falsos amigos, os velhos do Restelo que, apelando ao falso consenso, nos estão sempre a recordar que somos um País pequeno, que não nos é permitido contrariar os grandes senhores do mundo, que nos devemos limitar a ser aquilo que eles nos deixarem ser».

Para tanto, afirmou, «sabermos defender Abril, porque o povo sabe que se lho tirarem, nada mais lhe resta».

PCP «RESPEITO DA CONSTITUIÇÃO»

Para José Vitoriano, do PCP, a comemoração de ontem, «celebra a conquista da liberdade e da democracia e afirma a inquebrantável vontade do povo de as defender».

Referindo a «nova escalada reaccionária que o País tem de enfrentar com coragem e decisão», José Vitoriano enumerou algumas das áreas que a reacção pretende corroer e destruir: unidade nacional, integridade da Pátria, estabilidade social e paz, Constituição da República, conquistas, direitos, liberdades e garantias nela consagrados, a própria democracia.

O deputado comunista propôs «a busca de uma alternativa democrática e patriótica».

Citando André Breton («Liberdade, cor do homem»), o deputado centrista veio confirmar as suspeitas de uma vaza surrealista no seu partido. No entanto, se para Breton a liberdade só tinha uma cor, (a do homem), para o CDS, contraditoriamente, tem várias: «Num país, mesmo pequeno, uma flor só não é a Primavera, e apenas uma cor não pode exprimir a liberdade».

Já que estamos numa de lirismo, virá certamente a propósito outra do Breton: «Cegos, pensai nos que vêem!».

Ao fim e ao cabo, porém, Oliveira Dias acabaria por enquadrar a liberdade, com todas as suas cores, «no respeito por um ordenamento jurídico adequado», extraindo algumas conclusões das dificuldades que o País atravessa.

«Não é legítimo — diria o deputado do CDS — nem racional, atribuir à liberdade, ou ao 25 de Abril, ou ao povo, as consequências destruidoras de um processo diferente que no movimento democrático dos militares se enxertou (...). Não é legítimo, não respeita a dignidade humana, não corresponde às evidências e é um insulto aos portugueses e uma traição a Portugal, apontar como caminho para a resolução das dificuldades o apelo ou o incentivo à ditadura, seja quem for, diga o que disser o pretendido ditador, parta donde partir o seu cavalo ou a sua galera».

PSD «O LEGÍTIMO DIREITO DE CRÍTICA...»

Moura Guedes, do PSD, mostrou-se preocupado por ver entidades políticas, «que deveriam ser altamente responsáveis», atacar aqueles «que se limitam a exercer o legítimo direito de crítica em relação aos órgãos de soberania».

Anteriormente, criticou sem originalidade, mas com algum furor, o 25 de Abril antes de ser endireitado pelo 25 de Novembro, saudando os militares que conseguiram despedaçar «as muralhas de aço do novo totalitarismo».

Dando uma perspectiva sombria da situação portuguesa, Moura Guedes considerou «alarmante» a situação do País: os preços sobem, a política de austeridade não corresponde a austeridade pública («assim o escândalo das despesas sumptuárias do Governo e outras entidades» — vozes de «não apoiado!» na bancada socialista), alastra «a corrupção, o nepotismo, a droga, a violência e a criminalidade, (...) e perante isto aumenta o descontentamento».

«O descontentamento — acentuou Moura Guedes — exprime a legítima atitude de desgosto dum homem livre, perante uma realidade social degradada, que lhe pretendem impor em termos de vida».

Para o PSD, isso revela «o fracasso das fórmulas em que tem vindo a assentar a composição do Governo», e tudo isto «sem que haja um projecto nacional mobilizador».

«Há, sim, a Constituição» — responderam-lhe da bancada comunista.

PS «É TEMPO DE CONTRA-ATACAR»

O PS, pela voz de Manuel Alegre, entende que é tempo de «contra-atacar com os meios legais e políticos que a Constituição faculta», conferindo à Assembleia da República o dever de legislar nesse sen-

tido.

Considerando que a Revolução tem sido «generosa» destrincou, contudo, entre generosidade e quebra de autoridade. O Estado, defendeu Manuel Alegre, «não é uma abstracção, nem é neutro», e tratando-se do Estado nascido da Revolução Democrática «não pode ter os vícios, os tiques, a mentalidade e o estilo do Estado derrubado».

Principal erro político cometido seria, segundo o deputado socialista, «o de não ter sabido fazer a pedagogia dos princípios da Revolução, criando um estilo, uma linguagem e um projecto cultural».

Manuel Alegre sublinhou que o PS sempre se bateu pela separação dos poderes e que a democracia precisa de uma Justiça «prestigiada e independente do poder político», mas considerou «uma afronta à democracia e à dignidade da própria Justiça» a libertação dos cinco agressores de Almeida Santos, presos em Ponta Delgada e trazidos para Lisboa (esta passagem do discurso do deputado socialista seria aplaudida de pé pelo PS, PCP, CDS e pelo próprio Governo; o PSD não aplaudiu).

Manuel Alegre, partindo do princípio de que o poder democrático tem de ser exercido e acatado, condenou os ataques à ordem democrática, as campanhas de ódio, o abuso da liberdade de expressão para «voltar a fazer de Portugal um país amordaçado», o terrorismo verbal, o separatismo, «máscara ideológica do fascismo e do bombismo».

Recordou a resistência antifascista, «hoje tão esquecida e vilipendiada», para tornar bem claro «aos nostálgicos do passado» que «os socialistas portugueses, adeptos dos princípios de tolerância e de reconciliação nacional, sabem, no entanto, defender o 25 de Abril com a mesma firmeza e determinação com que sempre lutaram pela causa da democracia».

Para Manuel Alegre, o 28 de Maio e o 25 de Abril foram levantamentos militares, mas há uma diferença substancial entre ambos: do primeiro saiu uma ditadura; do segundo, uma democracia. E é neste ponto nevrálgico que se situa, para Manuel Alegre, a diferença substancial entre a legitimidade do exercício do poder, «que só existe em liberdade e democracia» e o regime fascista, «ilegítimo, por se fundar na supressão das liberdades, na repressão e no terror policial».

Admitindo que a Revolução teve os seus erros, pois «não há revoluções quimicamente puras», Manuel Alegre considerou inadmissível que «certos sectores evoquem esses erros para condenar uma revolução libertadora, ao mesmo tempo que, com tanta indulgência, procuram desculpar os crimes duma ditadura infame e opressora».

Por último, o deputado socialista, afirmando que o grande projecto nacional é construir a democracia e que nela não pode haver projecto «único» (o propagandeado «projecto nacional novo» que redundará no «Estado Novo», de que todos conhecemos o significado), considerou indispensável que o 25 de Abril «não seja só uma data que se comemore», mas «uma vivência sempre renovada, um acto de confiança e de fé na democracia, na liberdade e no futuro de Portugal».

Pub. AGRADECIMENTO

A todos os motoristas de praça e moradores de Bobadela que colaboraram na recuperação da viatura ER-87-31 (taxi letra A, de Cacilhas pertencente a António dos Santos Figueiredo).

Machel e Luís Cabral saúdam Ramalho Eanes

Portugueses de Angola exigem combate ao fascismo

Os presidentes Samora Machel, da República Popular de Moçambique, e Luís Cabral, da República da Guiné-Bissau, enviaram mensagens ao presidente Ramalho Eanes a propósito da passagem de mais um aniversário da Revolução de Abril.

Samora Machel exprime na sua mensagem «o desejo de que este dia» marque «o início de uma fase de maior desenvolvimento das relações de amizade e cooperação que unem os nossos dois países». Por sua vez, Luís Cabral reitera na sua mensagem a vontade da Guiné-Bissau de «reforçar e consolidar os laços de amizade e cooperação entre os dois países» e formula votos

de que «as conquistas democráticas do 25 de Abril continuem a consolidar-se no interesse da paz e do progresso da humanidade».

Também o Presidente do Soviète Supremo da URSS, Leonid Brejnev, endereçou uma mensagem ao general Ramalho Eanes na qual destaca a dado passo: «Após o 25 de Abril foram lançadas as bases necessárias para o estabelecimento das relações sócio-portuguesas mutuamente vantajosas que, como esperamos se irão desenvolver, também no futuro, no interesse dos povos dos nossos países, no interesse do fortalecimento do desanuviamiento e da cooperação internacional».

PORTUGUESES DE ANGOLA ENVIA MENSAGEM

Por ocasião do aniversário do 25 de Abril, «os portugueses progressistas residentes na República Popular de Angola» enviaram uma mensagem ao general Ramalho Eanes na qual referem que «na hora que passa, 4 anos volvidos sobre o 25 de Abril de 1974, estamos conscientes dos perigos com que se depara o processo político português».

E noutra passagem: «Na qualidade de povo português que somos, por dever de solidariedade para com os povos das jovens nações libertadas do colonialismo português, nos pro-

gressistas portugueses residentes na RPA, por altura da passagem do quarto aniversário do 25 de Abril, reclamamos da sua parte, senhor general, a defesa dos princípios consignados na Constituição, a defesa das conquistas revolucionárias do povo português e do 25 de Abril, que continua vivo nas fábricas, nos campos, nas ruas do nosso Portugal libertado. Reclamamos da sua parte, senhor general, o combate vigoroso às provocações e agressões fascistas e colonialistas, que hoje se desenvolvem na nossa terra contra o povo português, contra o povo angolano e os povos das outras ex-colónias portuguesas».

O 25 DE ABRIL EM MAPUTO

Com uma sessão cultural num dos teatros de Maputo cooperantes portugueses assinalaram ontem o 4.º aniversário da Revolução de Abril. Estiveram presentes altos responsáveis da Frelimo e representantes do Governo da RPM. A sessão foi preenchida com a actuação de grupos corais e a passagem de filmes alusivos às realizações dos trabalhadores portugueses pós-25 de Abril.

Ainda integrada nas comemorações será realizada no próximo fim-de-semana numa herdade agrícola próxima da capital uma jornada de trabalho colectivo onde, para além de portugueses, participarão outras comunidades e cooperantes radicados em Moçambique.

Por sua vez a Imprensa e a Rádio concederam à data alusiva à libertação do povo português um destacável relevo.

Assim o jornal «Notícias» dedica à efeméride a página subordinada ao título «em foco».

A Rádio Moçambique dedicou a rubrica diária «uma data na História» ao 25 de Abril, referindo as principais conquistas das classes trabalhadoras portuguesas.

A edição da revista «Tempo» inscreve esta semana dois textos alusivos a Portugal: um alusivo à data escrito por um cooperante português, sendo o outro texto intitulado: «Portugal de cendência em cedência».

MENSAGEM DO CONSELHO DA REVOLUÇÃO

Quatro anos de saldo positivo

«Quatro anos depois do acto revolucionário do «25 de Abril», sem esquecer os erros cometidos, os desvios, os excessos, não hesitamos um só instante em afirmar que o balanço de todo este complexo processo histórico é positivo».

Esta a afirmação do Conselho da Revolução num comunicado sobre o «25 de Abril», emitido ontem, ao qual aquele órgão de soberania, na se-

quência do seu comunicado de quinta-feira passada, volta a focar as ameaças que espreitam e os planos que se arquitectam contra a Constituição e a Democracia.

É do seguinte teor este documento:

«Celebra hoje o povo português o 4.º aniversário da Revolução de Abril. O Conselho da Revolução não pode deixar de manifestar o seu júbilo, asso-

ciando-se às comemorações do Dia da Liberdade, pela passagem da data que em todo o País é lembrada como a do começo de uma nova era na história da nossa Pátria — a da construção da Democracia, da Paz e do Progresso.

«Os anos, que se seguiram ao 25 de Abril de 1974 foram fortemente marcados pelas dificuldades resultantes de uma ruptura súbita com o anterior regime, pela descolonização e pelas consequências da crise económica internacional a que se juntaram as inevitáveis perturbações de funcionamento da nossa própria economia em fase tão acelerada de profundas mutações políticas, sociais e económicas.

«Foram estes, no entanto, também os anos em que se lançaram os alicerces do novo regime democrático. Pela primeira vez desde há mais de meio século se realizaram em Portugal eleições inteiramente livres. Dessas eleições saiu a Assembleia Constituinte que elaborou a Constituição que actualmente nos rege e que consagra o que de essencial foi efectivamente conquistado pelo nosso povo: as liberdades, os direitos individuais, os direitos económicos, sociais e culturais, as alterações estruturais introduzidas durante a Revolução, um projecto de transformação da sociedade portuguesa, realizado pacificamente e no respeito do pluralismo político e ideológico.

«Em eleições posteriores, viriam a ser escolhidos a Assembleia da República e o Presidente da República, completando-se, com as eleições para as regiões autónomas e autarquias, a série de actos políticos, com amplíssima participação popular, que haviam de conferir total legitimidade ao novo regime democrático.

«Quatro anos depois do acto revolucionário do «25 de Abril», sem esquecer os erros cometidos, os desvios, os excessos, não hesitamos um só instante em afirmar que o balanço de todo, este complexo processo

histórico é positivo. E hoje mais do que nunca é importante que afirmemos o nosso orgulho e a nossa confiança no «25 de Abril» e nos caminhos novos que abriu ao Povo português. Importante porque de muitos lados espreitam ameaças e se arquitectam planos contra a Constituição e a democracia que é mister denunciar e lutar para que jamais possam ter êxito. Importante porque o nosso País vive realmente o momento difícil, resultante de uma funda crise económico-financeira que é necessário vencer a todo o custo e no mais curto lapso de tempo, com o trabalho intenso e acção voluntária de sacrifícios de todos os portugueses. Importante ainda porque a liberdade e a democracia não têm preço e porque sem liberdade e democracia não faz sentido a luta por uma sociedade mais justa. Importante, finalmente, porque a honra da nossa Revolução está ligada, irreversivelmente, às aspirações de mudança e à vontade da construção de uma sociedade nova que a grande maioria do povo, em particular os «mais desfavorecidos», tem repetidamente manifestado.

«Por tudo isto, está na ordem do dia, para todo o nosso Povo, a defesa e consolidação da democracia e das suas instituições e o respeito pela Constituição da República, o reforço da vontade nacional de vencer as dificuldades e de caminhar, com confiança e coragem, para um futuro melhor, a firme determinação de salvaguardar a unidade e independência nacionais.

«O Conselho da Revolução, no cumprimento da sua missão transitória profundamente solidária com os anseios populares e patrióticos da grande maioria da população, exorta os portugueses a unirem-se em torno destes objectivos. Da consciência democrática, da lucidez, da firmeza do povo português, dependerá em última análise a edificação de um Portugal livre, independente, democrático e próspero.»

ANTEONTEM E ONTEM:

Duas mil manifestações

Mais de duas mil manifestações culturais ocorreram no país (continente e ilhas) nas últimas 24 horas, dentro das comemorações do quarto aniversário do 25 de Abril.

As manifestações foram promovidas pela Secretaria de Estado da Cultura, Câmaras Municipais, entidades privadas e organizações populares, e também pela FAOJ — e estenderam-se a Angra do Heroísmo, Aveiro, Beja, Braga, Castelo Branco, Coimbra Évora, Faro, Funchal, Guarda, Horta, Leiria, Lisboa, Ponta Delgada, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Viseu e Vila Real.

Durante o dia realizaram-se várias sessões de cinema, com os principais filmes feitos após 25 de Abril, como «Deus, Pátria, Autoridade», «25 de Abril três anos depois» e outros.

No campo teatral, actuaram companhias e grupos subsidiados pela Secretaria de Estado da Cultura, como a Branca Flor, Grupo Fantoches Perna de Pau, Grupo de Teatro de Marvila, Repertório, Seiva Trupe, Teatro do Nosso Tempo, Centella, Teatro Experimental de Cascais, Experimental do Porto, Experimental de Sintra e Casa da Comédia.

Nas artes plásticas, houve a abertura do concurso de escultura «25 de Abril — Dia da Liberdade», impressão de cartazes alusivos ao 25 de Abril, em serigrafia, na Praça do Comércio e a realização de uma

pintura mural colectiva, por estudantes, e com a colaboração da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

Outras manifestações culturais ocorreram em Lisboa, na Alameda, sob o lema «25 de Abril está vivo» e que contou com a participação de Vitorino, José Mário Branco, José Fátima, Maria Viegas, Gag (Grupo de Acção Cultural) e Grupos de Teatros como A Barraca, Comuna, Nosso Tempo e Zumbi. No Parque Eduardo VII, realizou-se outra festa popular, que contou com a participação de Carlos Mendes, José Barata Moura, Maria do Amparo, Grupo «Trovante» e «Unidade».

A nível oficial, o secretário de Estado da Comunicação Social, João Gomes inaugurou, na sala de exposições do Palácio Foz, a exposição fotográfica «25 de Abril — Dia da Liberdade».

A exposição é composta de 150 trabalhos fotográficos que mostram os principais acontecimentos, civis e militares, ocorridos desde a manhã de 25 de Abril de 1974. Os trabalhos apresentados foram seleccionados por um júri formado António da Paixão, Tossan, António Pedro de Vasconcelos, Augusto Cabrita e Eduardo Baião. Na ala esquerda, encontram-se as fotos premiadas, da autoria de A. Pereira de Sousa Paulo Oliveira Nunes, Rui Ochoa, José Magalhães Pedrosa, Eduardo Gageiro, João Manuel Ferreira de Oliveira e António Ricardo Fonseca.



No Rossio, em Lisboa

ganhe 1 MILHÃO

nesta
fracção

SANTA C. DA MISER. DE LISBOA

LOTARIA COMEMORATIVA

25 de Abril

27 DE ABRIL

DUODÉCIMO 100.00

???

O PROVEDOR: *António José de Sousa*

O TESOUREIRO: *António José de Sousa*

NÃO CORTAR O TALÃO

APESAR DE NÃO RECEBIDO Makário convida Cardeal a visitar a URSS

O bispo Makário, da Igreja Ortodoxa Russa, um dos elementos da delegação de eclesiásticos soviéticos que visitaram Portugal durante a passada semana, declarou, no momento da partida, lamentar que não tivesse podido encontrar-se com o Cardeal Patriarca de Lisboa, «o qual, para me receber, exigiu uma credencial passada pelo Vaticano, a cuja Igreja não pertencem». Makário lamentou igualmente que tivesse sido cancelado um encontro na Rádio Renascença, facto que, segundo afirmou, impediu que os ouvintes daquela estação emissora fossem esclarecidos «sobre alguns aspectos da vida religiosa das nossas igrejas que, num passado bem triste, estavam enfeudadas às

forças políticas mais retrógradas e das quais se libertaram, finalmente, na prova mais grave e mais profunda que o nosso povo defrontou: a Segunda Guerra Mundial».

O bispo ortodoxo russo, na mensagem que distribuiu à sua partida para Genebra afirma ainda: «Nós ficaríamos felizes em ver o Cardeal Patriarca de Lisboa e os mais altos dignitários da Igreja Católica deste País, assim como servidores das outras igrejas de Portugal, a efectuarem uma visita à União Soviética onde poderão observar as liberdades com que exercemos o nosso sacerdócio em milhares de paróquias e a visitarem as nossas igrejas, seminários, conventos e lugares santos».

Sá Machado em Bruxelas solicita auxílio da CEE

Encontra-se hoje em Estrasburgo o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Sá Machado, que ontem se avistou em Bruxelas com dirigentes da CEE.

O responsável pela diplomacia portuguesa, que deixou Lisboa na segunda-feira, conferenciou ontem com o primeiro-ministro belga, Leo Tindemans, com o secretário-geral da NATO, Joseph Luns e com os presidente e vice-presidente da Comissão das Comunidades, braço executivo da CEE, respectivamente Roy Jenkins e Lorenzo Natali, concedendo depois uma conferência de imprensa.

Neste contacto com os jornalistas, o ministro português sublinhou a importância que o Governo português atribui à

adesão à Comunidade como membro de pleno direito e ao prosseguimento do elo político deste processo, conduzindo à abertura formal de negociações.

Referindo-se ao espírito de compreensão e de solidariedade da CEE para com os problemas portugueses, o ministro afirmou que os seus interlocutores vêem necessidade de realizar antes da assinatura do tratado de adesão, acções em comum de procura de soluções específicas para facilitar a inserção harmoniosa da nossa economia na Comunidade.

Quanto à data da adesão, o ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou que a adesão é um problema longínquo e o que interessa é ter no processo de integração um elemento de continuidade, para que as várias etapas prossigam sem interrupções.

Quanto a uma adesão em bloco, da Grécia, Espanha e Portugal, Sá Machado referiu-se à ordem cronológica dos pedidos de adesão e aos problemas específicos de cada país, o que torna impossível uniformizar o problema. Esta posição do Governo português, segundo o ministro dos Negócios Estrangeiros, encontrou uma opinião favorável da Comissão.

Referindo-se às negociações com o Fundo Monetário Internacional, o ministro Sá Machado mostrou-se optimista quanto a uma possível ajuda da CEE a Portugal. E afirmaria que

as negociações com o Fundo não excluem a necessidade e a vantagem de uma ajuda por parte da Comunidade.

Discursando mais tarde num almoço oferecido em sua honra pelo vice-presidente da Comissão, Lorenzo Natali, o chefe da diplomacia portuguesa apelou para a assistência tanto para ajudar o seu país a resolver os seus problemas a curto prazo como para manter a sua ex-

pansão e económica, esclarecendo que o auxílio da Comunidade devia acima de tudo ajudar o investimento e desenvolvimento de Portugal, e não apenas a sua balança de pagamentos.

No discurso salientou ainda a importância que Lisboa dá a manter o ritmo político com vista à admissão portuguesa na CEE e ao mais rápido início possível das negociações.

Poetas soviéticos em Portugal

● Recital hoje na Portugal-URSS

Realiza-se esta noite, pelas 21.30, na sede da Associação de Amizade Portugal-URSS, um recital seguido de colóquio, no qual participarão os elementos que integram a delegação de poetas soviéticos ontem chegada a Lisboa para assistir ao lançamento da antologia «Novos Poetas Russos», publicada pela editora «Li-

mian». O lançamento da antologia decorrerá no sábado, na Cooperativa «Árvore», do Porto, estando prevista uma apresentação a cargo de Oscar Lopes.

A delegação é constituída pelos poetas Mikail Dudin, Tatiana Kuzovleva e Agnia Bartó e pela especialista em linguística Elena Wolf.

Mikail Dudin afirmou, ao chegar, que «primeiro, queremos ver o povo». Referindo-se à Revolução portuguesa, afirmou que o mais interessante nela é a sua juventude: «É uma Revolução muito jovem. Tem apenas quatro anos. Tudo é luz. E, por isso, creio que será muito interessante ver tudo isto».

PROPOSTA DO PPD E CDS

Partidos de esquerda ameaçados de expulsão de edifícios da CML

Por proposta dos vereadores do PPD e do CDS, a Câmara Municipal de Lisboa deliberou iniciar o processo de desocupação de 15 prédios da sua propriedade, na sua maioria ocupados por organizações políticas de esquerda. A Câmara propõe-se recorrer aos tribunais se no prazo de 60 dias não for encontrada, por negociação, «uma solução amigável».

Os vereadores do PPD e do CDS não se conseguiram, porém, opor a uma alteração a esta determinação apresentada pelo presidente da edilidade, eng. Aquilino

no Ribeiro Machado, segundo a qual essas desocupações não poderão efectuar-se «nos casos em que causisticamente a Câmara atenta às suas próprias necessidades e carências de equipamento local, julgue, por razões de ordem social ou cultural, a ocupação ser de autorizar, nas avaliações que vierem a ser negociadas».

Desta decisão poderá vir a beneficiar, desde já, o Grupo de teatro «A Comunidade», recentemente ameaçado de expulsão do prédio que, há anos, ocupa na zona de Pathavá.

Dezoito vacas esfaqueadas nos Açores

PONTA DELGADA, 26 — A Polícia Judiciária, investiga neste momento um estranho caso relacionado com o aparecimento, ontem, de dezoito vacas esfaqueadas num pasto existente no Lugar da Vigia, freguesia de Feteiras, à beira da estrada de Ponta Delgada para as Sete Cidades.

Uma das reses foi já encontrada morta, cinco foram enviadas para o matadouro, dado o seu estado agonizante, e as restantes estão entregues aos cuidados de um veterinário.

algumas das nossas sugestões para as suas férias 78

Algarve • Funchal
Açores • Canárias
Palma Maiorca
Benidorm • Ibiza
Torremolinos
Tânger • Marrocos
Paris • Londres
Austria • Itália
Jugoslávia • Grécia
Egipto

Contacte-nos
para mais informações:

viagens especiais a Paris

de 5 a 9 de Maio
de 20 a 24 de Maio
de 23 a 26 de Maio

PREÇOS ESPECIAIS

Inclui avião,
hotel com banho privativo,
transporte
aeroporto/hotel/aeroporto
e assistência
durante as estadias.

Inscrições e informações:

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
LISBOA
AV. DOMINGOS PRAIA 4 A TEL. 511871
PRACA DOS RESTAURADORES 5 TEL. 247504
Estoril • Faro • Porto • Funchal

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
LISBOA
AV. DOMINGOS PRAIA 4 TEL. 511871
PRACA DOS RESTAURADORES 5 TEL. 247504
Estoril • Faro • Porto • Funchal



Sr. Camionista

Muitos acidentes com
veículos pesados
têm como causa
excesso de carga.
Respeite sempre os limites.

Inclua e vive!

Pub.

**SINDICATO
DOS METALÚRGICOS
DO DISTRITO DE SETÚBAL**

CONVOCATÓRIA

**PLENÁRIOS REGIONAIS DE DELEGADOS
SINDICAIS**

Convocam-se os delegados sindicais deste Sindicato, a comparecerem nos plenários que se efectuem nos locais a seguir indicados, com a seguinte

ORDEN DE TRABALHOS

Ponto único: Alteração dos Estatutos (Discussão).

ALMADA
26 de Abril, às 18 horas, na Delegação de Almada

SETÚBAL
27 de Abril, às 21 horas no Hotel
BARREIRO
28 de Abril, às 21 horas no Sindicato

Barreiro, 21 de Abril de 1978

Pe/A Direcção
a) Feliciano Gutierrez

Pub.



1.º DE MAIO / 78

**NO ÂMBITO DAS COMEMORAÇÕES DO
1.º DE MAIO, A CGTP/IN REALIZA NO DIA
26 DE ABRIL, NO PAVILHÃO DOS
DESPORTOS, ÀS 21,30 HORAS**

**ESPECTÁCULO
DE TEATRO E CANTO
«VIVER MAIO»**

TEXTOS:

Luzia Martins • Luis Francisco Rebelo • Ângelo Granja
• Joaquim Pessoa • José Carlos Ary dos Santos • Francisco
Nicholson

INTÉRPRETES:

Adoque • A Barraca • Grupo 4 • Teatro Estúdio de Lisboa
• Canto e Castro • Guida Maria • Fernanda Lapa • Joaquim
Pessoa • José Carlos Ary dos Santos • Alfredo Vieira de Sousa
• Braga Santos • Carlos Alberto Moniz • Carlos Mendes
• Carlos Paulo • Edmundo Silva • Fernando Tordo • José
Alfonso • José Jorge Letrie • José Viana • Jorge Vaz de
Carvalho • Luisa Basto • Luis Cília • Maria do Amparo • Nuno
Gomes dos Santos • Páco Bandeira • Paulo de Carvalho
• Pedro Osório • Pedro Barroso • Victorino • José Manuel Osório

LOCUÇÃO:

Ângelo Granja • João Paulo Guerra • José Manuel Nunes • Luis
Filipe Costa • Rui Pedro

ENCENAÇÃO:

Francisco Nicholson • Luzia Martins • Rui Mendes

Bilhetes à venda, ao preço de 50\$00.

No Pavilhão dos Desportos de Lisboa

Pub.

**SINDICATO
DOS METALÚRGICOS
DO DISTRITO DE SETÚBAL**

CONVOCATÓRIA

**ASSEMBLEIA DE DELEGADOS
SINDICAIS**

Convocam-se os Delegados Sindicais deste Sindicato, a comparecerem na Assembleia de Delegados, no próximo dia 9 de Maio, pelas 14,30 horas, no Sindicato dos Ferrovieiros, no Barreiro, com a seguinte

ORDEN DE TRABALHOS

1 — Alteração dos Estatutos (Discussão);
2 — Informações.

Barreiro, 21 de Abril de 1978

Pe/A Direcção
a) Feliciano Gutierrez

Pub.

**SINDICATO
DOS METALÚRGICOS
DO DISTRITO DE SETÚBAL**

CONVOCATÓRIA

**ASSEMBLEIA DE DELEGADOS
SINDICAIS**

Convocam-se os Delegados Sindicais deste Sindicato, a comparecerem na Assembleia de Delegados, no próximo dia 9 de Maio, pelas 14,30 horas, no Sindicato dos Ferrovieiros, no Barreiro, com a seguinte

ORDEN DE TRABALHOS

1 — Alteração dos Estatutos (Discussão);
2 — Informações.

Barreiro, 21 de Abril de 1978

Pe/A Direcção
a) Feliciano Gutierrez

Cadastrado argelino condenado a 12 anos de prisão maior

O 4.º Juízo Criminal Auxiliar julgou à revelia e condenou a 12 anos de prisão maior o argelino que, em Abril do ano passado, ao evadir-se da Cadeia Penitenciária de Lisboa, onde se encontrava detido, matou um guarda e causou ferimentos graves no motorista do carro celular que o havia transportado.

O argelino, Abdel Hafour Kabiri, tem uma carreira longa de roubos e assaltos à mão armada. Em Agosto de 1975, depois de ter roubado um carro, ele e mais três cúmplices vestiram camuflados do Exército e, após longa perseguição, interceptaram o automóvel em que se fazia transportar o tesoureiro da firma Sonatra. O assalto, à mão armada, rendeu-lhes mil contos. Anteriormente, Kabiri tinha já roubado cerca de 12 contos da sede de uma empresa da Rua Duque de Loulé. Em Setembro do mesmo ano, o argelino, de parceria com um italiano de nome Invernizzi, entrou na joalharia Stern, no Sheraton e, depois de ambos manietarem a empregada, levaram consigo mais de 800 contos em jóias.

Detido em Janeiro, Kabiri estava na posse de documentos, todos falsos, e de uma pistola sem licença. Foram passados mandados de captura.

À mão armada nos Quatro Caminhos

Três indivíduos, todos eles aparentando menos de vinte anos, assaltaram, de pistola em punho, os dois empregados que, às 21 e 40 de ontem, estavam de serviço às bombas de gasolina dos «quatro caminhos», situadas na estrada Lisboa-Sintra, e apoderaram-se dos 30 contos então em caixa.

Os assaltados, Álvaro da Silva Bispo e Manuel da Rosa Cunha, afirmam que os meliantes não brincavam às pistolas, pois um deles deixou cair uma cápsula «das que matam». Terminada a operação-relâmpago, «tudo durou menos de um minuto», os jovens gatunos, ao que parece, enfiaram-se num carro que tinham deixado estacionado nas traseiras das bombas e pisgaram-se pela estrada que conduz a Carnaxide. A PSP tomou conta da ocorrência.

Museu dos Correios

Completa-se este ano o centenário do primeiro donativo para o Museu Postal Português, dado que em 1878 o director-geral dos Correios Portugueses, Guilhermino de Barros, dotou o Museu Postal com trinta objectos que constituíram o património inicial do que é hoje o terceiro mais antigo museu postal do mundo.

Actualmente, o museu dos CTT funciona num prédio da R. Dona Estefânia e foi aberto ao público em Maio de 1967. As colecções expostas espalham-se ao longo de três andares, incluindo mobiliário antigo, sacos e malas postais, mala-postas, impressos de filatelia, aparelhos de telefone e milhares de outras peças que fazem parte da história das telecomunicações em Portugal.

O museu registou, o ano passado, a visita de 14.290 pessoas, das quais 6.196 foram crianças em idade escolar que se distribuíram por 174 visitas guiadas.



ATÉ 4 DE MAIO PRÓXIMO

Armada apresenta ultimato a armador do «Alchemist»

ERICEIRA, 26 — O Estado-Maior da Armada marcou como o próximo dia 4 de Maio como data-limite para proceder à descarga do navio-tanque alemão «Alchemist» em den, que desde 15 de Fevereiro se encontra encalhado duzentos metros a norte desta praia, caso até lá o armador não tomar as providências exigidas.

Do plano elaborado pela Marinha de Guerra Portuguesa para retirar do navio as

1500 toneladas do perigoso produto químico, consta nomeadamente o alargamento da via de acesso à praia, trabalho que poderá vir a ser efectuado pela engenharia militar ou pelos serviços da edilidade local.

Entretanto, o navio mantém-se sobre vigilância permanente das autoridades marítimas, da Guarda Fiscal e dos Bombeiros Voluntários da Ericeira.

CORVETAS PORTUGUESAS PARA A COLÔMBIA Missão de Bogotá negoceaia em Lisboa

Uma missão colombiana de finalizar, na próxima semana, em Lisboa, a compra de 4 corvetas portuguesas, negociação que tem sido alvo de críticas em Bogotá.

Os 4 navios, construídos nos estaleiros Bazan, em Espanha, em 1972, tiveram um custo inicial de 52 milhões de dólares, de acordo com informações divulgadas em Bogotá. Portugal fixou o preço das 4 unidades em 100 milhões de dólares, ao passo que a oferta colombiana é de menos 60 milhões.

Técnicos da Armada colombiana pronunciaram-se contra tal compra, assinalando que as corvetas não têm condições para patrulhagem nem para operar em águas baixas. A missão, presidida pelo embaixador da Colômbia em Portugal, Samuel Hoyos, e da qual farão parte um vice-ministro e dois capitães da marinha, iniciará os seus trabalhos em Lisboa a 2 de Maio.

Entre a controvérsia gerada em torno da transacção destas corvetas, mandadas construir

por Portugal especialmente para patrulharem as costas de Moçambique e Angola, estando portanto apetrechadas para aquele tipo de mar, residiam sérias dúvidas sobre se o seu destino final não seria a República da África do Sul, servindo a Colômbia de intermediário.

Associação Portugal-Espanha

Um grupo de intelectuais e políticos portugueses decidiu constituir, em Lisboa, a Associação de Amizade Portugal-Espanha.

De acordo com os estatutos, a associação destina-se a «estabelecer e incentivar entre o povo do Estado português e os povos do Estado espanhol e amizade, a cooperação e o auxílio, mútuo, especialmente através do intercâmbio cultural, social e científico, procurando assim contribuir para dar a conhecer melhor aos povos de cada Estado as realidades e culturas próprias do outro. Os sócios fundadores são Sophia de Mello Breyner Andersen, Nuno Portas, José Marques, José Galamba de Oliveira, Francisco Pinto Balsemão, Gonçalo Ribeiro Teles, Rui de Lemos Peixoto, Jorge Sá Borges, Maria da Soudade Cortesão Mendes, Francisco Sarsfield Cabral, Maria Velho da Costa e José Manuel Galvão Teles.

NO PORTO DE FARO

Terminal petrolero será o segundo do País

FARO, 26 — A construção praticamente concluída do terminal petrolero e de mais cem metros de estacada, para descarga de areia e acostagem de navios de guerra, virá resolver os problemas até agora existentes neste porto, segundo declarações à Anop do director da Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve. Este melhoramento, orçado em cerca de dez mil contos, passa a ser o segundo do País em tal tipo de instalação, suplantado apenas pelo da Matinha.

Até agora, segundo o presidente do Sindicato dos Estivadores de Faro, «as facilidades

concedidas às descargas de areias no cais são de tal modo grandes que se tornam incompatíveis com a efectivação de outros serviços portuários, pois dois terços do cais comercial e os próprios carris da grua ficam imobilizados com a areia e com os veículos necessários à sua carga e descarga». Estas dificuldades, ainda de acordo com a mesma fonte, relacionadas com a insuficiência de meios de trabalho (empilhadores, monta-cargas, etc), têm feito com que muitos transportadores demandem outros portos, com manifesto prejuízo para os trabalhadores da estiva local.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Dirigente sindical gráfico defendeu sector na RTP

«Tendo a RTP transmitido, no passado dia 18, no I Programa, uma mesa-redonda sobre as novas técnicas nas artes gráficas e sua repercussão na imprensa (a partir de um filme sobre a RFA), e na qual participaram representantes dos Sindicatos dos Gráficos do Sul e Ilhas e dos Jornalistas, e ainda dois administradores de empresas (uma privada e outra nacionalizada) da Imprensa diária, a Comissão Directiva do Sindicato de Trabalhadores na Imprensa (que acompanhou atentamente o debate) não pode deixar de sobre a mesma vir tomar posição publicamente», afirma o STI num comunicado distribuído a todos os órgãos de Informação.

Lembra aquele Sindicato que «é o mais representativo do sector da Imprensa, sendo que grande parte dos seus sócios neste sector (nomeadamente revisores, expedidores-distribuidores e contínuos) constituirá, juntamente com os operários gráficos, a principal vítima da extinção de postos de trabalho que necessariamente resultaria de uma eventual introdução não planificada de novas técnicas e processos, com base no computador, na indústria gráfica, e particularmente nas grandes empresas do sector da Imprensa».

Assim sendo, «não se com-

preende (e temos de o repudiar) que os responsáveis por esse programa da RTP não tenham convidado este Sindicato a nele participar. Trata-se de mera incompetência ou (e é mais grave) de deliberada intenção de desprezo e ocultação (a exemplo do que tem acontecido a nível governamental) dos problemas do sector mais avultado dos trabalhadores da Imprensa (só em Lisboa reúne mais de duas mil pessoas...!)».

Afirma o STI que não pretende de forma alguma contestar a participação, de pleno direito, daqueles dois Sindicatos na mesa-redonda — e acentua «o nosso apoio à intervenção do camarada dirigente sindical gráfico, que apresentou e defendeu as perspectivas fundamentais dos trabalhadores do sector quanto aos problemas focados: a introdução da nova tecnologia e a reestruturação da Imprensa».

Depois de considerações diversas, o STI sublinha que «os trabalhadores continuam justamente a exigir que o Governo proceda à definição de uma política de informação democrática e à correção da reestruturação da Imprensa, com a participação activa dos trabalhadores e com a indispensável salvaguarda de todos os postos de trabalho...»

Governo da Madeira processa Raul Rego

FUNCHAL, 26 — O presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, vai processar judicialmente o jornalista Raul Rego, director do vespertino lisboeta «A Luta».

A decisão do chefe do Executivo madeirense, anunciada através de uma nota oficial, fundamenta-se num artigo assinado por Raul Rego e inserido na edição do último sábado daquele jornal, no qual segundo a nota — se insinua que a actuação de Alberto João Jardim, no Governo da Madeira, é conotada com «manobras separatistas».

De harmonia com o documento publicado pelo Governo da Madeira, está-se operando mais uma manobra gerada pelos políticos do poder central, no sentido de procurar criar problemas nas regiões autónomas e consequentes pólos de atenção que distraiam a opinião pública portuguesa das reais carências do país».

Afirma-se, ainda, na nota oficial que «tais manobras se iniciaram com a orquestração de uma campanha contra o PSD e Francisco Sá Carneiro»

continuaram com «a visita de Almeida Santos aos Açores — o qual fala paradoxalmente de «traição à pátria» — e culminaram com um comunicado do «irrepresentativo Conselho da Revolução, numa tentativa de dar cobertura a um sistema que já tem de recorrer à apreensão de jornais que incluem críticas a membros do Governo central».

Depois de referir que o PCP «sugere a dissolução inconstitucional dos órgãos de Governo próprio das regiões autónomas» e de ter criticado ao Governo da República por «não ter deixado o país aderir à convenção Europeia dos Direitos do Homem», a nota oficial termina apelando a todos os madeirenses que se «mantenham calmos e não vão ao encontro da vontade de forças políticas que — acentua — «para manterem os seus actuais privilégios procuram desafiá-los os direitos dos povos das regiões autónomas, tentando-nos arrastar para uma inadmissível violação da legalidade estabelecida».

Conselho de Imprensa

No próximo dia 3, pelas 17 horas, na sede da Associação da Imprensa Diária, proceder-se-á à eleição do representante no Conselho de Imprensa, dos Directores dos jornais diários.

O representante eleito irá substituir o dr. Açada Baptista que, por ter deixado de ser di-

rector, renunciou ao seu mandato, para o qual fora eleito em Dezembro de 1977.

Nos termos da lei de Imprensa, os directores que sejam simultaneamente administradores não podem ser eleitos. Actualmente os directores elegíveis são: Mário Mesquita, Miguel Urbano Rodrigues, Alberto Uva, Jacinto Baptista e Helena Roseta.

Morte em França de um operário português

Em lacónica informação datada de ontem, a France Presse informa que Alberto Pinto, um operário português de 28 anos, morreu esmagado por um painel me-

tálico, nos trabalhos de desmontagem duma central de electricidade que deixou de funcionar, em Sous-Le-Bois, perto de Maubeuge (Norte da França).



Melhores condições nos locais de trabalho e criação de creches são duas das reivindicações dos trabalhadores conserveiros.

HOJE

Conservas em greve

Os trabalhadores da indústria de conservas começam hoje a greve de duas horas e de âmbito nacional, que decidiram fazer durante três dias, pela publicação do CCT do sector.

Os trabalhadores reclamam actualização de salários que lhes permita fazer face ao aumento do custo de vida, melhoria de condições nos locais de trabalho e criação de creches como forma de atenuar o absentismo do sector, maioritariamente feminino.

Outros pontos em desacordo entre trabalhadores e patronato são a duração do período de vigência do Contrato e pagamento de retroactivos.

Os trabalhadores da fábrica Concentral, de Portimão, que aderem à greve de âmbito nacional, consideram que esta é também uma forma de luta pela reintegração da trabalhadora Maria Luísa Ernesto, delegada sindical da fábrica e presidente da secção de Portimão daquele Sindicato.

ESTA NOITE

«Viver em Maio» assinala Dia Mundial do Trabalhador

«Viver em Maio» é o título do espectáculo de variedades que se realiza logo à noite no Pavilhão dos Desportos integrado no âmbito das comemorações do Dia Mundial do Trabalhador, que decorre durante toda a semana, culminando na próxima segunda-feira, 1 de Maio, com grandes manifestações nas principais cidades do País.

O programa das comemorações foi elaborado pelos sindicatos na perspectiva de uma jornada unitária, de luta em defesa do respeito absoluto da Constituição, dos direitos dos trabalhadores e das conquistas de Abril. Plenários, espectáculos, colóquios, projecção de filmes, teatro e canto livre, manifestações desportivas são algumas das iniciativas previstas.

No distrito de Lisboa as comemorações contam com a adesão de sete federações sindicais, 54 sindicatos e numerosas comissões sindicais e de trabalhadores das empresas da Cintura Industrial.

O espectáculo desta noite, em Lisboa, põe em cena a história do 1.º de Maio, e conta com a participação de actores de diversos grupos de teatro (Adôque, A Barraca, Grupo 4, TEP) e de artistas bem conhecidos do público (José Afonso, Carlos Mendes, Fernando, Tóro, José Viana, Luísa Basto, Luís Cília, Paulo de Carvalho, etc.). O texto é da responsabilidade de Luzia Martins, Luís Francisco Rebelo, Ângelo Granja, Joaquim Pessoa, Ary dos Santos e Francisco Nicholson.

Entretanto, o departamento de juventude da USL apela aos jovens trabalhadores para que façam deste 1.º de Maio «uma poderosa afirmação do movimento popular de massas», exigindo do Governo «uma resposta urgente e global às suas justas reivindicações».

Desemprego, despedimentos, exploração do trabalho infantil, melhoria das condições de trabalho, direito ao ensino, à cultura e ao desporto, são as principais preocupações da juventude trabalhadora portuguesa, a exprimir de viva voz na próxima segunda-feira. A concentração realiza-se na Praça do Chile, pelas 14 e 30, com vista à incorporação no desfile até ao Estádio 1.º de Maio.

A data é assinalada também pela Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários, que chama a atenção para a actual ofensiva do patronato e do Governo, tendente a «fazer pagar aos trabalhadores o preço da crise para a qual eles não contribuíram».

«A esta política desastrosa para o País e para o povo se têm oposto os trabalhadores com tenacidade e estoicismo,

resistindo e combatendo a aplicação das medidas antiope-rárias, contrariando a saída de medidas mais gravosas, defendendo palmo a palmo as mais profundas e queridas conquistas da Revolução de Abril», lembra a Federação.

Numerosos sindicatos e comissões de trabalhadores apelam também aos seus associados para que se mobilizem para estas comemorações. A nossa Redacção chegaram, entre outras, convocatórias das seguintes organizações: Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêutico; Sindicato dos Ferrovieiros do Centro; Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa; Comissões Sindicais da Carris, TAP, Direcção-Geral do Ensino Básico; CT's da Faclima e da Estação de Tratamento de Lixos de Lisboa.

NO DOMINGO

Rurais de Bragança constituem sindicato

Efectua-se no próximo domingo, dia 30, a assembleia constituinte do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Bragança que decorrerá na Associação de Socorros Mútuos de Mirandela, das 10 às 16 horas. A marcação desta assembleia segue-se a várias reuniões efectuadas em freguesias e concelhos do distrito, nas quais os trabalhadores agrícolas manifestaram total adesão à ideia da criação do sindicato.

A anunciar a assembleia têm sido distribuídos inúmeros comunicados e tarjetas, aguardando-se significativa participação nas urnas.

Podem votar todos os assa-

lariados de ambos os sexos, rapazes e raparigas com mais de 14 anos que trabalham para o mesmo patrão ou que trabalham à jorna para vários patrões, e, ainda, todos os assalariados que trabalham na agricultura, nos pomares, em aviários, matas, jardineiros, tratadores de gado e pastores, tractoristas, etc.

Greve mantém-se no Aviário do Freixial

A comissão de luta dos trabalhadores em greve do Aviário do Freixial reuniu-se esta manhã com a administração da empresa, a fim de tentar uma solução para o conflito que ali surgiu. Ao fim da manhã não havia ainda conhecimento de qualquer acordo entre as partes.

Na segunda-feira de manhã a comissão de luta e dirigentes sindicais reuniram-se com a administração do Aviário no Ministério do Trabalho, tendo a entidade patronal assumido o compromisso de responder nessa tarde às reivindicações dos trabalhadores e que são: reintegração da trabalhadora suspensa em consequência de se ter rebelado contra a actualização do encarregado; nivelamento dos aumentos salariais e levantamento de processo disciplinar ao encarregado cujo comportamento abusivo está

Construção civil dá prazo

A Comissão Negociadora Sindical do CCTV da Construção Civil, face à renitência do patronato no que respeita às negociações, tomou a iniciativa de exigir uma contraproposta até sexta-feira.

Atribuindo esta situação «a política antitrabalhadora seguida pelo Governo PS/CDS», a CSN alerta os trabalhadores daquele sector «para a necessidade que há de cada vez estarem mais unidos nos locais de trabalho e junto dos sindicatos, para que possamos, na altura certa, dar uma resposta certa ao patronato reaccionário».

As questões fundamentais na negociação do CCTV são, além dos salários, a quotização sindical, as instalações provisórias, a responsabilidade técnica e as condições específicas dos quadros técnicos. A resposta patronal a estas questões «não agrada aos trabalhadores».

No que respeita aos quadros técnicos, o patronato não aceita a subdivisão por graus que consta da proposta sindical.

Mas, sobre a quotização sindical, ainda é pior, na perspectiva sindical, pois pretendem que, ou os sindicatos efectuem os descontos ou, na alternativa, acordem o processo com as entidades patronais.

As instalações provisórias são outra dificuldade, uma vez que a CSN reivindica condições apropriadas no que se refere a dormitórios, casas de banho, cantinas, refeitórios, etc., enquanto o patronato pretende remeter a questão para a lei.

APÓS INÚTIL BUROCRACIA MINISTERIAL

Órgão autárquico interessa-se pelo caso da Parry & Son

No momento em que a Parry e Son «atravessa a sua mais grave crise de sempre», a respectiva Comissão de Trabalhadores enviou à Assembleia Municipal de Almada, em cujo concelho vive a maior parte dos trabalhadores, um documento dando conta da situação.

Face a essa exposição, o Grupo da Frente Eleitoral Povo Unido daquela AM decidiu, ao abrigo da Constituição, «apoiar inteiramente a correctíssima luta desenvolvida pelos trabalhadores, reafirmando o seu significado pelo sacrifício evincado quando, em prejuízo de necessidades básicas, os trabalhadores abandonam, no tempo, dos ajustamentos salariais decididos pelas PRT's de 1975 e 1977, considerando mais importante a viabilização da empresa do que direitos fundamentais».

A mesma moção responsabiliza o Governo, nomeadamente os Ministérios da Indústria e Tecnologia e das Finanças e do Plano, por qualquer situação de rotura que eventualmente venha a provocar o desemprego de centenas de trabalhadores».

Do mesmo modo, decidiu a AM de Almada «solicitar ao Governo que dê andamento ao estudo das propostas entre-

gues pela administração e CT, com vista a solucionar os problemas da empresa, assumindo consequentemente as responsabilidades que lhe cabem pela posição maioritária do Estado no capital da Parry e Son».

Essas responsabilidades, nos termos do documento aprovado, «não se limitam à simples nomeação de gestores pois que, a consistência de medidas adequadas para a defesa da empresa, defende os trabalhadores e prestigia ao mesmo tempo a democracia portuguesa, nascida em 25 de Abril de 1974».

Decidiu ainda aquele órgão «colocar-se ao dispor dos trabalhadores da Parry, se a CT o entender necessário para, em qualquer altura, os acompanhar em «demarches» junto das entidades competentes, nomeando para o efeito uma Comissão composta por três elementos».

Também o grupo do PS se manifestou a propósito, apresentando uma proposta, igualmente aprovada, de que o documento em questão fosse enviado ao «órgão do poder central respectivo, com o parecer da AM acerca do interesse que esta empresa representa para o concelho».

A SITUAÇÃO DA PARRY E SON

A situação gravíssima em que se encontra a Parry, de que o Estado é o accionista principal com 52,6 por cento do capital da empresa, «tem raízes bem fundas no passado mas a indiferença, a inoperância e o desinteresse dos Governos têm agravado, ainda mais, esta crise».

Crise que, como acentua o documento elaborado pela CT, resulta das políticas de descapitalização e não investimento a que os proprietários procederam durante largos anos, para além de contraírem dívidas na empresa para seu proveito próprio.

Em consequência dessa política, os antigos proprietários acabariam por vender a maior parte do capital ao Grupo CUF que não pretendia mais do que consolidar o seu monopólio na indústria naval, dominando, por intermédio da Parry, os estaleiros de Viana do Castelo.

Actualmente, os trabalhadores da empresa não receberam a totalidade dos retroactivos referentes às PRT's do sector, nem sequer o 13.º mês do ano passado.

Os diálogos com o Governo (a que a CT chama monólogos) têm-se sucedido desde os primeiros meses de 1976. Não faltam, segundo se afirma no documento, estudos e projectos da administração. O que falta são «medidas de fundo».

A nível ministerial, registase desde as promessas de empréstimo dos tempos de Nobre da Costa, até à promessa de nomeação de grupo coordenador para o Centro de Coordenação da Indústria Naval, nos tempos em que o eng.º Melancia era secretário de Estado.

Passa-se, ainda, neste roteiro, pelo Instituto de Participações do Estado (representante do accionista maioritário) onde foram desenvolvidos alguns esforços no sentido de buscas de soluções.

«Dado o impasse em que nos encontramos, perguntamos, trabalhadores, se a política seguida até agora não é uma política suicida, visto, que, protelando a solução dos problemas, se agudiza a situação e se torna muito mais onerosa a intervenção que necessariamente terá de ser feita?» — é uma interrogação do documento que vimos referindo.

Aumentos só para alguns na Fábrica A. Henriques?

De acordo com um comunicado do Sindicato Operário das Indústrias Químicas do Norte, os trabalhadores da fábrica de artefactos de borracha (A. Henriques), em S. João da Madeira, continuam determinados a prosseguir a greve iniciada há dias como forma de obrigar a entidade patronal a cumprir o que está regulamentado.

A greve visa travar as tentativas divisionistas da administração, lutar pela liberdade sindical, pelo cumprimento integral do CCTV da Indústria Química e pela satisfação de um caderno reivindicativo de cujo âmbito a administração pretende retirar os trabalhadores chapeleiros, já de idade avançada, e que «foram os grandes obreiros do que é hoje

a A. Henriques».

Segundo o documento sindical, o que precipitou os trabalhadores à greve foi o facto da administração da empresa ter aumentado, arbitrariamente e à margem do contrato, apenas alguns trabalhadores. Por outro lado, recusa-se a fazer a reclassificação dos trabalhadores (cerca de 200) de acordo com o CCTV e apresenta contrapropostas que constituem «um verdadeiro atropelo aos interesses dos trabalhadores», como é o caso do prémio de assiduidade que seria facilmente retirado desde que os trabalhadores faltassem, mesmo justificadamente. Salienta o sindicato que a empresa tem condições económico-financeiras que permitem a satisfação do caderno reivindicativo.

O FMI E A ECONOMIA PORTUGUESA

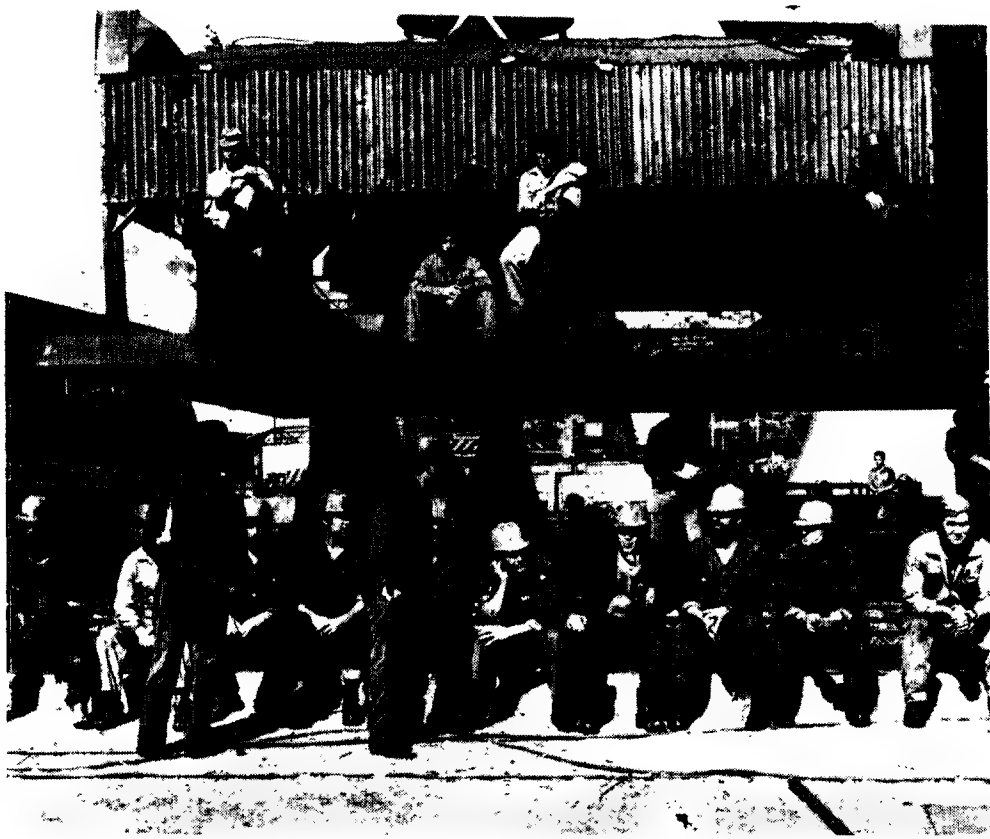


O FMI E A ECONOMIA PORTUGUESA



O FMI

Novas imposições antes da «Carta»: Maior desvalorização e juros mais altos



A ainda maior descapitalização do sector público e nacionalizado é um dos objectivos mais graves do «Plano de Estabilização» do Fundo Monetário Internacional para a Economia portuguesa

A recusa, por parte do governo peruano, das condições em que lhe seria concedido um novo empréstimo pelo FMI, foi um cabelo na sopa do gabinete PS-CDS: tanto esforço posto na tentativa de persuasão da opinião pública de que um acordo com Fundo era «inevitável», para ver agora tal «inevitabilidade» desmentida por um país também muito endividado com o exterior e onde a burguesia nacional luta sem tréguas pela reconquista das posições perdidas durante o período Alvarado... A recusa peruana já não influenciará os negociadores de Lisboa: lançado o 3.º pacote e aprovados o Plano e o Orçamento Geral do Estado, estão satisfeitas condições de fundo do acordo, cujo peso os trabalhadores portugueses já estão, muito concretamente, a sentir. Deve, porém, ajudar-nos a reflectir sobre o modo de funcionamento dessa instituição de crédito quase plenipotenciária, que pretende gerir a economia dos países situados na esfera de influência norte-americana e que mesmo especialistas conservadores consideram um verdadeiro «flagelo» internacional. O futuro imediato das condições de vida dos portugueses, e as consequências a médio e longo prazo da «blocagem» do desenvolvimento económico que este acordo implica, vão trazer à luz do dia a violência feita a uma parte importante da base social de apoio à democracia no nosso país, e a necessidade de corrigir os seus excessos e de substituir algumas das suas «soluções» por outras que retomem o caminho da independência nacional.

O FMI ora empresta, ora funciona como garantia para empréstimos. O caso português é o segundo. Em troca, o FMI impõe a todos os Governos que batem à sua porta, e em nome de uma reflexão «estritamente económica», um modelo de gestão que os mais industrializados suportam mal, e que os menos industrializados, como Portugal, suportam ainda pior. Como e porquê?

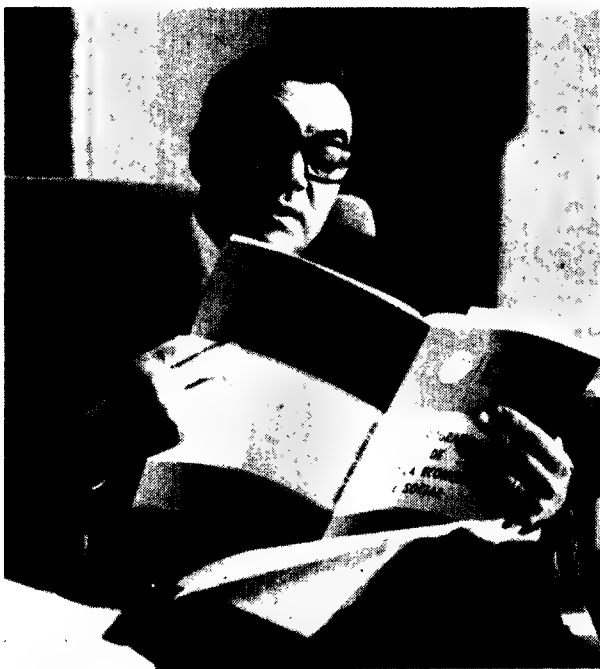
O uso, pelo FMI, dos empréstimos sob condição não é de sempre. Desenvolveu-se bruscamente nos últimos três anos, e tudo indica que se vai desenvolver ainda mais. Ao mesmo tempo, o modelo de política económica imposto aos «clientes» aperfeiçoou-se. O

gigantesco empréstimo concedido à Grã-Bretanha e os efeitos em cadeia que ele provocou, o acesso a tais empréstimos correspondente ao aumento de 33,5 por cento das quotas dos países membros e a entrada em vigor do chamado «Fundado Witteveen» são indicadores claros da vontade do Fundo de multiplicar a prática do «sob condição».

Por vezes atacado no Congresso norte-americano devido ao seu estatuto de grande autonomia, insultado na grande imprensa dos países capitalistas quando decisivos sectores financeiros têm algo a perder com as soluções que propõe

Em que ponto está a corrida ao acordo

Mário Soares não chegou a seguir para Washington com Victor Constâncio: é que foi «bem sucedida» a incursão a Bona, na semana passada, de Silva Lopes. Tratava-se, enquanto o chefe da delegação do FMI, Hans Schmidt, ia aos EUA para consultar as autoridades do Fundo sobre as propostas do Governo português, de obter da RFA uma atitude mais «maleável» em relação à «carta de intenções» que o Governo PS-CDS vai assinar. Como a RFA detém no FMI uma posição importante, e foi ela que primeiro defendeu que o Fundo funcionasse como «selo de garantia» para os empréstimos internacionais a Portugal, a evolução da sua posição é determinante.



Silva Lopes, director do Banco de Portugal. Antecipando-se à tournée europeia de Sá Machado, a sua viagem à RFA ajudou a «amaciar» as negociações de Lisboa

Se Hans Schmidt não tivesse regressado de Washington com indicações para evitar a ruptura e tornar possível o «acordo», estava prevista a defesa dos pontos de vista do Governo pelo próprio Primeiro-Ministro junto do FMI e do Governo norte-americano, e nova incursão de Freitas do Amaral pelos países europeus onde a

democracia-cristã tem um peso significativo. O Governo PS-CDS está a jogar tudo por tudo para influenciar «por dentro» o FMI, defendendo a sua causa junto dos Governos dos países «fortes» da organização. Imposto aos salarizados portugueses o 3.º pacote e aprovados na Assembleia o Plano e o Orçamento Geral do Estado, que constituíam exigências de base do FMI, e cujo preço é pago especialmente pelas classes trabalhadoras, o Governo desenvolve toda a actividade que pode para limitar a parte que o capital privado português teria de pagar no «plano de estabilização».

Em resumo, o FMI terá aceitado que o défice externo português se cifre, em Abril de 79, num bilião de dólares (40 milhões de contos, sensivelmente) em vez de em 800 milhões em Janeiro de 79, que era a sua exigência inicial.

Em compensação desta «cedência», porém, o FMI estaria novamente a exigir uma desvalorização do escudo que poderia alcançar, até ao fim deste ano, mais 27 por cento. Neste particular, o FMI opõe-se, como se sabe, à «solução» defendida por Victor Constâncio em nome do Governo português, e que consiste num «deslize» tão programado quanto possível da desvalorização: o FMI prefere impor ou nova e brutal desvalorização, ou o sistema a que sujeitou a Itália, e que consiste em «ajustamentos» (eufemismo para designar a desvalorizações) trimestrais. A exigência dos «ajustamentos» trimestrais ou da desvalorização brusca deriva de um saber empírico acumulado pelo FMI quanto à impossibilidade, por parte dos Governos a ele sujeitos, de cumprirem, sem desvalorizações da sua moeda, os objectivos a que se obrigam nas «cartas de intenções» em matéria de redução real do défice da balança de pagamentos.

O FMI poderia ainda, porém, ceder parcialmente na questão do valor do escudo se conseguir obrigar o Governo português a aumentar a taxa de desconto do Banco de Portugal em 9 ou pelo menos 7 por cento, o que provocaria o encarecimento de todos os juros em 5 ou 6 por cento. É uma das medidas mais «ferozes» contra as pequenas e médias empresas, e também contra a gestão da actividade produtiva em geral. Por outro lado, o FMI exige, em complemento desta medida, a imposição de limites draconianos à expansão do crédito. Não é preciso imaginar que o sector público é o mais directamente visado com tal limitação, porque tal já está acontecendo desde a tomada de posse do 1.º Governo Constitucional.

Quando as autoridades portuguesas anunciam que a «austeridade será suavizada», e que o FMI está a ceder em «pontos importantes», é sobretudo no capital privado que estão a pensar: querem tentar evitar a «greve do investimento» e o descontentamento agressivo das classes mais privilegiadas, que empatam o seu di-

Continua na pag 12

Continua na pag 12

● O FMI E A ECONOMIA PORTUGUESA ●

● O FMI E A ECONOMIA PORTUGUESA ●

● O FMI E A ECONOMIA PORTUGUESA ●

A política «dos pacotes», das desvalorizações do escudo, da descapitalização do sector público da economia e das restrições ao crédito necessário ao desenvolvimento da actividade produtiva tem levado à queda vertiginosa do nível de vida da maioria da população portuguesa e invertido o sentido da marcha para uma sociedade mais justa, mas ao mesmo tempo não cumpre os objectivos em nome dos quais este Governo e o anterior a preferiram: O défice da balança comercial, que já passara de 50,2 milhões de contos em 1975 para 75 milhões em 76, atingiu 112 milhões de contos em 77. O défice da balança de pagamentos ultrapassou em 1977 os 50 milhões de contos, embora o Governo tenha querido limitá-lo a 22. De 1975 para 1976 subiu já de 25,9 para 29,4 milhões de contos. O FMI previra a sua subida, em 77, para 47,4. A sua «receita» foi, no fundamental, seguida... Apesar de cada vez mais a política económica e financeira dos Governos se «colar» às receitas do FMI, a dívida externa portuguesa passou de 160/180 milhões de contos a meio do ano passado para 210/220 no momento presente. Os juros pagos ao estrangeiro agravam-se em virtude do aumento da dívida: de 76 para 77 passaram de 4 para 8 milhões de contos. Este ano vão, provavelmente, mais que duplicar. É a meio de tal itinerário que o Governo PS-CDS esta à beira de assinar com o FMI uma «carta de intenções» cujo conteúdo ainda não afirmou que divulgará, e que, a avaliar pelo 3.º Pacote e pelo OGE, apenas confirma a decisão de continuar este caminho...

Imposições antes da «Carta»

Continuação da pag. 11

(como no caso português, em que não conseguiu evitar as investidas do «New York Times» e do «Guardian», feitas em nome de um pretensso humanismo e da «moral internacional»), o FMI não consegue, sobretudo, mascarar a sua principal função: a de obrigar quantidade de países empurrados para a dependência económica a submeterem-se a uma ordem internacional que coíhve à manutenção da posição hegemónica do capital norte-americano e dos seus principais aliados.

O dinheiro da sobrevivência

Para a maioria dos Governos que a eles recorrem, os «empréstimos sob condição» constituem, mais precisamente, empréstimos de sobrevivência: sem eles, dificilmente poderiam manter-se no poder, pois representam composições políticas incapazes de realizar políticas económicas próprias. O caso turco é típico desta situação: os 374 milhões de direitos especiais de saque (1 DES - 1,23 dólares) que a Turquia vai receber, se o empréstimo for ratificado pelo Fundo, destina-se a «salvar» a fórmula governativa de Ecevit. É um quantitativo quase tão importante quanto o que foi atribuído à Itália, e parece ser apenas o primeiro de uma série prevista para este ano... Por exemplo, e devido ao recente aumento de quotas, o empréstimo à Zâmbia poderia vir a ser ainda maior.

O «Fundo Witteveen» intervém no preciso momento: trata-se, fundamentalmente, de embaratecer os empréstimos. Porque? Porque é tanto mais fácil aos Governos dependentes do FMI fazerem passar, nos respectivos países, as condições profundamente impopulares que ele impõe para reequilibrar a balança com o exterior (redução do investimento público e do crédito interno, e limitação dos subsídios do Estado aos preços «sociais», austeridade salarial, desamparo da pequena e média empresa, etc) quanto mais «generoso» for o apoio financeiro

anunciado. O fundo da situação, porém, é sempre podre: por um lado, o dinheiro posto na mesa para os empréstimos é sempre infinitamente inferior aos défices das balanças dos Governos interessados; por outro lado, obrigando-se a uma política recessiva e à retracção do sector público da economia, esses Governos muito dificilmente cumprem os objectivos apresentados às respectivas clientelas eleitorais e opiniões públicas: mais facilmente perpetuam a crise económica a que dizem querer fazer face, massacrando o nível de vida das populações, deixando falir sectores económicos fulcrais nas suas periclitantes economias e condenado-se à impotência no combate ao desemprego, por via da sua retracção investimental e da «greve de investimentos» com que normalmente o capital privado responde a uma conjuntura recessiva.

Insensível às consequências do que impõe

Claro que o FMI é criticado, as mais das vezes apenas academicamente, no interior do próprio campo capitalista. Professores habituados a discutir o sexo dos anjos mesmo quando o paraíso está a arder criticam-no, por exemplo, escusando-se a reconhecer o seu papel de garante dos desequilíbrios económicos internacionais, por «se limitar a transferir de uns para os outros o problema do défice das balanças de relações com o exterior». Outros acusam-no de exigir a um demasiado grande número de países compromissos deflacionistas pouco saudáveis para a actual conjuntura internacional. Em termos de grande conjuntura, os países fortes da CEE gostariam por exemplo de ver moderada esta tendência, porque ela também flagela as burguesias nacionais, com quem os «novos» preparam o seu próprio futuro... Por vezes, instituições que pretendem ser a «consciência» do imperialismo da nossa era, como o próprio Congresso nos EUA, pressionam-no no sentido de cortar a assistência aos Governos que violam demasiadamente espectacularmente os direitos humanos.

Continua na pag. 13

Em que ponto está a corrida ao a

Continuação da pag. 11

nheiro nem que seja na habitação. Não foi, portanto, por acaso, que partiu do CDS a contestação das imposições trazidas por Hans Schmidt à mesa da negociação, em fim de Março passado. A partir desse momento, e dado que a maioria parlamentar permitiria ao Governo impor ao País o Plano e o OGE, os esforços do Governo concentraram-se na defesa de posições de princípio quanto ao valor do défice em Abril de 79, quanto ao aumento da taxa de desconto e aos limites do crédito interno. Antes da ida de Hans Schmidt a Washington, recorda-se, Victor Constâncio admitia na Assembleia, juntando a sua voz às de Freitas do Amaral, Basílio Horta e Amaro da Costa, que Portugal não poderia assinar «um qualquer» acordo com o FMI, apesar de não haver «saída» fora dele.

Da eficácia e orientação do BANCO DE PORTUGAL depende o nível de vida de todos os PORTUGUESES! SÓ o SANEAMENTO proporcionará essas condições. QUEM ENTRAVA O SANEAMENTO NO BANCO CENTRAL Temos a MAIOR CONCENTRAÇÃO REACCIÓNARIA do País! O Banco Central não é este velho edifício... É um grande conjunto de trabalhadores de Legiões e ANP. Pides e fascistas. Nos trabalhadores NÃO QUEREMOS ISSA MISTUR

Uma imagem de 1975: os trabalhadores do Banco de Portugal conduziam então uma luta pela reorganização do crédito interno, preparando-o para apoiar o sector destinado a ser o motor do desenvolvimento nacional

Quota maior do que a «tranche» de crédito

Um «pomenon» que tem escapado à opinião pública portuguesa é o facto de que a nova quota paga por Portugal ao FMI é mais pesada do que a «tranche» de 50 milhões de dólares a que o Governo PS-CDS se habilita mediante assinatura da pesadíssima «carta de intenções».

Com efeito, é em obediência ao estipulado no encontro, da Jamaica, de Janeiro de 1976, às quotas dos 85 países que assinaram a «segunda emenda» às regras de funcionamento do FMI subiram, em média de 33,5 por cento. A partir de 1 do corrente Abril, a quota portuguesa, que era de 117 milhões de DES (unidade de conta do Fundo, o direito especial de saque vale actualmente, 1,23 dólares) passou para 172 milhões de DES, que deverão estar depositados à ordem do Fundo até ao fim de Maio. A nova quota portuguesa, que representa 0,44 por cento do capital do FMI e corresponde ao que a tecnocracia chama «um reforço de posições do País na organização», equivale a 66 milhões de dólares, enquanto a «tranche» agora em negociação é de 50 milhões.

Em compensação, a libertação do preço oficial do ouro, também decidida pelo FMI na mesma altura, pode marginalmente favorecer a reavaliação das reservas portuguesas, embora em valores que nada têm de comum com a «quadruplicação» que certa imprensa sensacionalista espantosamente anunciou, impressionando fortemente alguns corredores próximos do hemisclio de S. Bento... Não faltam deputados, versados sobretudo em letras, dispostos a acreditar em qualquer momento na multiplicação dos pães por obra do FMI.

No caso francês uma questão nacional

Em França, país cuja quota no FMI aumentou de 1845 para 2360 milhões de dólares (de 1500 para 1919 DES) apesar do seu peso no capital do Fundo descer

de 5,14 para 4,92 por cento devido das quotas dos países da OPEC, a da Assembleia Nacional. O Governo deixar de atribuir à questão da quota a da questão da ratificação pela «emenda», uma dimensão nacional. O direito aprovou o aumento da quota o apoio «inesperado» dos gaulistas, p 84 dos comunistas. A maioria parlamentar assim que a França não aband de Administração do Fundo, o que pequeno número de países (eles são decisões importantes sobre política capitalista da economia mundial. O ratificação pela França das novas rimento do FMI poderá eventualmente datura do responsável francês do Te Larosiére, à presidência do Conselho do Fundo, que Johannes Witteveen vi

O que visam as novas quotas

As novas quotas do FMI correspondente, a um acordo estabelecido nele dominantes (nomeadamente em e o Japão, os três mais poderosos) importante a atribuir aos países extróleo. A quota determina o quanto pode pedir emprestado e também o seio da organização (em vista do que países fizeram enormes sacrifícios).

Até à presente «sexta revisão», das quotas de 29 para 39 milhões de era imensa: os EUA, que detêm a parte, pagavam 6,7 biliões de DES enquanto as Ilhas Maldivas pagava 0,7 milhões.

Agora, embora os EUA continuem participação desceu para cerca de total, enquanto a quota, por exemplo, mais que quadruplicou.

Significativo também do ligeiro poder dos seio dos padrões do Fm decida dos EUA, a RFA e o Japão participações e portanto o seu poder idênticos valores percentuais. Entretanto, efectivação do aumento de poder de petróleo, certas decisões importantes a só ser tomadas se recolherem 85 por Os especialistas da economia capital reajustamento «uma mais justa rep... bilidades e dos encargos». Na re... ajustar o funcionamento do FMI à co no mundo capitalista e ao estado p... mento desigual. As novas quotas expor este facto, certas «quebras de anteriormente «bem colocados» no por exemplo, cujo aumento de quota o novo «plafond» de crédito será, por mentos», inferior em cerca de um que ainda vigora.

A juntar ao que fica dito sobre relações entre as autoridades portuguesas pode deixar de sublinhar o facto de «base socialista», como o CDS, passado em silêncio perante a opinião, sem discussão pública, da «bem como o aumento da quota portuguesa Portugal da «importância» de p a Grécia e a Tailândia.

Este silêncio é tanto mais revelador, sob pressão do CDS, e antes viagem de Soares a Washington, c a estar na disposição de levar a q desconto do Banco de Portugal, da escudo e dos limites do crédito int da República, preparando-se para (habitual) de numerosos órgãos de C ali ir desenvolver, com base na retórica a sua «intransigência» na defesa c já identificamos — e isto depois de este OGE e logo a seguir a um «te quebra os rins ao poder de compr de vida da maioria da população!

ANDARES NA AMADORA

2, 3 e 4 assoalhadas, desde 820 contos

MORADIAS LINHA DE SINTRA

2 Pisos, Jardim, desde 1350 contos

ANDARES EM LISBOA

Em todas as zonas aos melhores preços

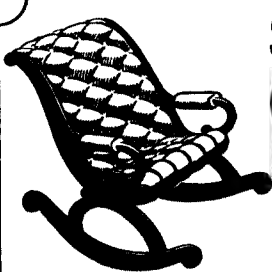
LINHA DE CASCAIS

Apartamentos com Piscina desde 1000 contos

MARGEM SUL

3 assoalhadas desde 600 contos

TELEFONE 578231



SENSACIONAL CAMPANHA DA MATRIGULA

grandes descontos durante 30 dias

Do fabricante directamente para o público mobílias em todos os estilos, estofos e móveis avulso

SEDE: Praça Paiva Couceiro, 1 Lisboa 1 Telefone 846839

SALÃO DE EXPOSIÇÃO: Rua Neves Ferreira, 4-A Telefone 824840

PROPEDEUTIC

ALÉM DOS CURSOS NORMAIS

- PROGRAMA INTEGRAL COM TELEVISÃO
- PROFESSORES QUALIFICADO
- DURAÇÃO DE CADA AULA: 11

SENECA

Av. Almirante Reis, 73, 1.º Telef. 40092 Lisboa 1 (Met

A ECONOMIA PORTUGUESA

O FMI E A ECONOMIA PORTUGUESA

O FMI E A

acordo

ao grande aumento
questão foi discutida
no Barre não pôde
a, embora separan-
França da «segunda»
A maioria de cen-
vota francesa, com
por 270 votos contra
entar francesa asse-
donará o Conselho
e a coloca entre o
o cinco) que tomam
económica na área
por outro lado, a não
regas de funciona-
prejudicar a candi-
esouro, Jacques de
de Administração
ai abandonar.

ondem, fundamen-
entre os países
re os EUA, a RFA
sobre o papel mais
portadores de pe-
nitativo que o país
poder de voto no
al alguns pequenos

que elevou o total
de DES, a variação
são preponderan-
tanto um país como

am a imperar, a sua
20 por cento do
da Arábia Saudita,

reajustamento» dos
MI: a par da leve
reforçam as suas
der decisório com
tanto, garantindo a
os exportadores de
or do FMI passam
por cento dos votos.
ista chamam a este
ção das responsa-
idade, trata-se de
rrelação de forças
ente do desenvolvi-
melham igualmente
nagem» de países
caso da Inglaterra,
é de 4,5 por cento,
via destes «ajusta-
bilização de DES ao

o secretismo das
uesas e o FMI, não
to de um Governo
gosta de dizer, ter-
ão pública a ratifi-
segunda emenda»,
guesa, que aproxi-
aisais com a Líbia,

por quanto é certo
da suspensão da
Governo chegou
questão da taxa de
desvalorização do
erno à Assembleia
com grande apoio
comunicação Social,
a do «patriotismo»,
os interesses que
ali ter feito passar
ceiro pacote» que
a e ao nível geral



Victor Constâncio, recém-chegado de um «Bildeberg meeting», Hans Schmidt, que chefia a «missão» do Fundo Monetário Internacional encarregada de negociar com o Governo português, e Freitas do Amaral, que em nome dos interesses do capital encabeçou a «contestação» às propostas de Março

Continuação da pág. 12

No entanto, a crítica mais séria, directamente dependente da relação de forças entre as classes sociais dos países cujos Governos dele dependem, é a de que o FMI é demasiado insensível às consequências sociais e políticas dos «planos de estabilização» que impõe.

O Fundo alheia-se totalmente da «praticabilidade» social e política das mudanças bruscas de orientação da política económica que impõe aos seus «clientes», deixando-lhes a tarefa de fazer «engolin» às populações a quebra profunda, presente e futura, do seu nível de vida. O caso português (ver caixa sobre a «corrida ao acordo») mostra bem como certa «maleabilidade» por vezes surge contra a rigidez do estereotipo do FMI se deve ao temor político de que o preço a pagar pela aplicação, por um Governo, da receita do Fundo, seja demasiado elevado (entenda-se, em termos de estabilidade do próprio Governo. Assim por exemplo alguma «maleabilidade» da RFA e eventualmente dos EUA em relação ao «plano de estabilização» para Portugal).

Alguns Governos, mais efêmeros que o próprio Fundo, impõem-se à custa da repressão. Para já não falar no caso da Argentina, bem conhecido, citamos o Sri Lanka, onde se diz que a inflexão brusca da política económica e o seu preço social incomoda os próprios negociadores do Fundo.

«Um acordo não chega»

Por outro lado, confirmando o que as esquerdas nacionais afirmam a cerca da ineficácia económica dos «planos de estabilização» ou «acordos de sobrevivência», estes são frequentemente negociados para serem válidos por prazos de dois, e não de um ano (casos da Inglaterra, Jamaica e Peru). Pior do que isto, a tendência



dominante é a de que a um primeiro «acordo» se siga um segundo, sempre apresentado como «inevitável» pelo governo dependente. É o caso, entre outros, de países como o Chile, as Honduras, o Peru e a própria Inglaterra, que têm andado dentro e fora das mãos do FMI desde os anos 50 ou 60. Acentuando esta tendência, o Fundo passou a «oferecer» condições de empréstimo cobrindo períodos de pagamento mais longos, alongando correlativamente as limitações aos créditos internos, aos financiamentos ao sector público e aos gastos públicos em geral. Curiosamente, muitos dos Governos a quem o FMI impõe esta receita, e que no segredo das negociações se queixam de que ela trará inevitavelmente a fome e o descontentamento à rua, têm pesados Orçamentos de Defesa que o FMI não restringe nem desaconselha...

O caso português

Como no caso do Perú, da Zâmbia, da Jamaica, do Zaire, da Mauritânia, da Turquia, etc, foram as dificuldades de pagamento exterior que levaram Portugal — ou melhor, uma fórmula governativa incapaz de se centrar no sector nacionalizado da economia como motor do desenvolvimento — às mãos do FMI. Coerente com o seu papel de garante das sujeições económicas internacionais na área capitalista, o Fundo tem afirmado, por vezes, que «são os problemas das



economias pobres que são monotonicamente semelhantes, e não a medicina que ele lhes receita». Nesta medida, o caso português não está longe do «cliente-tipo» da organização: gerido por um Governo disposto a sacrificar o sector público e a reduzir drasticamente o nível de vida dos trabalhadores, e onde, na sequência de um volte-face das relações de forças militares, se abre cada vez mais a porta à revitalização de um capital privado ainda combalido e hesitante, o passado recente do país coincide, na descrição estereotipada dos «especialistas», com um modelo conhecido: pesadamente dependente de algumas (poucas) exportações, uma das quais é a própria força de trabalho, iniciou cerca de 1972 um ou mais projectos de desenvolvimento dependentes da importação intensiva de matérias e de capitais; eram iniciativas dificilmente compensadoras, durante largos anos, em termos de balança de pagamentos. Com o rápido aumento de preço das importações, a sua mecânica económica passou a sofrer de uma incontornável inflação induzida. Subsídios a cada vez mais preços não só não estancaram a inflação como foram esvaziando o Estado. Com a subida do preço do petróleo e a recessão no mundo capitalista, os países ricos expulsaram parte da mão-de-obra estrangeira e acentuou-se a quebra das re-

messas dos emigrantes. Agravava-se assim o défice da balança de pagamentos e o do sector público, precisando o país de importar mais do que antes importava, embora sem possibilidade de pagar tal acréscimo de importações. Nestas condições, e sendo os governos incapazes de levar a efeito políticas económicas baseadas na redução das importações, na criação de actividades produtivas não dependentes de capital-intensivo e na defesa a todo o preço do sector nacionalizado, a «solução» do Fundo dispõe dos elementos fundamentais para agir, acentuando a dependência do país em relação a consórcios internacionais bem determinados.

O futuro imediato

Na sequência do 3.º pacote de medidas de austeridade, e da aprovação pela maioria parlamentar PS-CDS do OGE e do Plano, condições sem as quais cairiam em novo «impasse» as negociações com o FMI, estão à vista, além das que já referimos, algumas coordenadas da realidade económica nacional:

Descapitalização das empresas públicas, impossibilitando-as de se tornarem autofinanciadas e retirando-lhes um milhão de contos para indemnizar o capital privado que antes lhes estava ligado; «guerra» às pequenas e médias empresas por encarecimento da taxa de juro; diminuição dos salários reais (a inflação prevista para 77 era de 15 por cento e acabou quase em 30. Tudo indica que também este ano o limite de 20 por cento será largamente ultrapassado); redução do mercado interno e da procura da produção nacional; agravamento geral dos impostos sem preservação dos rendimentos do trabalho, e novos aumentos de preços provocados por taxa indirecta, como é o caso do aumento do imposto de transacções; estes são apenas alguns dos dados com que se conta para já, independentemente da variação do volume do desemprego, da política de pensões e reformas, etc... Trata-se agora de saber se os sindicatos e a esquerda consegu-

rão limitar a aplicação do Orçamento tal como ele passou na Assembleia, tomando balanço para uma inevitável «guerra» à aplicação da «carta de intenções» a dirigir pelo Governo ao FMI, se o acordo se consumar nos próximos dias, como é crível que aconteça.

A carta secreta

Se for concluído um acordo entre os negociadores portugueses e a equipa do FMI, o Governo PS-CDS endereçará ao Fundo, como sempre os Governos penhorados são obrigados a fazer, uma «carta de intenções» contendo o conjunto dos objectivos a atingir com o crédito aberto, e os meios a empregar para os assegurar. O FMI sugere normalmente a não divulgação pública de tal carta, o que demonstra que as suas preocupações não são apenas técnicas, como os seus porta-vozes gostam de afirmar. O silêncio representa alguma «protecção» dada ao Governo signatário contra a discussão pública de um contrato fundamentalmente antipopular. Ora, apesar dos precedentes da Inglaterra e da Itália, cujos governos correram o risco de divulgarem as respectivas «cartas de intenção», a coligação PS-CDS não se comprometeu ainda a fazê-lo, o que parece indicar que estaria, também neste particular, disposta a seguir os «conselhos» da plenipotenciária instituição de crédito.

Sabe-se que o fundamental do OGE e do Plano, bem como as desvalorizações do escudo e os três pacotes já impostos até agora, correspondem à receita do Fundo. Mas não deve ser escondido à opinião pública, aos sindicatos e aos partidos políticos o conteúdo do texto mediante o qual serão concedidos os 50 milhões de dólares. Um Governo que tem sustentado a ideia de que o acordo é inevitável, e que afirma não existir saída para a crise financeira e económica fora do FMI não está, logicamente, em posição de esconder o teor exacto dos compromissos por ele assumidos em nome da salvação da democracia.

QUADROS A ÓLEO

Assim como candeeiros, estatuetas, bibelotes e enorme variedade de peças de decoração, encontra na

GALERIA ACTUAL
AV. DA REPÚBLICA, 12
(Perto do Saldanha)

Amanhã, 5ª feira, os armazéns do Conde Barão estão encerrados para organização da sua colossal campanha de vendas de 1 milhão de quilos de boa mercadoria, vendida de qualquer maneira.

SIEMENS televisores Siemens



com ecran ideal para assistir aos jogos

ECONOMIA PORTUGUESA • O FMI E A ECONOMIA

No sector público e nacionalizado:

Uma política de sufocação

A forte restrição do crédito interno, o agravamento das taxas de juro e a total impossibilidade de expansão que lhes corresponde são apenas três dos numerosos aspectos da política de sufocação do sector público e nacionalizado prevista no «Plano de Estabilização» do FMI, a que vem correspondendo a prática governativa desde o gabinete «PS sozinho».

Antes mesmo do novo aumento das taxas de juro resultante do provável acordo com o FMI, o aumento decidido pelo Primeiro Governo Constitucional agravou em 1977 os encargos financeiros da Petrogal em 90 por cento, da Cimpor em 81 por cento, da Siderurgia em 123 por cento, da Rodoviária em 230 por cento, da Sorefame, da Equimetal e da Cometna em 70 por cento. Na Setenave e na Portucel os encargos financeiros subiram 82 e 150 mil contos, respectivamente. 10 por cento do aumento das tarifas da EDP dependeu dessa decisão.

Quanto à limitação de recurso ao crédito interno, já estipulado pelo Governo PS-CDS no seu programa, facilita ainda por cima uma política selectiva do crédito por parte da banca «comercial», que quase sistematicamente tem preferido apoiar o sector privado. As empresas públicas e nacionalizadas são deste modo, e por absurdo que pareça, obrigadas a recorrer ao crédito da banca estrangeira. Porém, as sucessivas desvalorizações do escudo encarecem mês a mês os juros de tal crédito: eles são já superiores em 25 por cento aos mais elevados valores internos, e o escudo não pára de desvalorizar, exigindo de novo o FMI, como vimos (cf. caixa sobre a preparação do acordo) pesados agravamentos da sua quebra.

Em vez da bonificação das suas taxas de juros e do acesso preferencial ao crédito interno, medidas que corresponderiam ao reconhecimento do lugar que ocupa na economia nacional, o sector público e nacionalizado é alvo de uma política de massacre, apadrinhada pelo FMI.

IMPORTÂNCIA DO SECTOR

Ao contrário do que ocorreu em determinados países europeus, as nacionalizações decididas em Portugal após o 11 de Março de 1974 não corresponderam a um modo de reforçar o poder do capital monopolista: antes libertaram de tal poder um amplo sector da economia nacional que abarca desde a banca e os seguros até à cerveja e os tabacos, passando pela refinação de petróleo, a produção de electricidade, os transportes, a construção e reparação naval, a celulose, a metalurgia de base e o cimento. Tem ainda grande incidência na agricultura, na pesca, nas indústrias extractivas, no vidro, etc.

Devido à sua posição estratégica, tal sector deveria estar no centro das preocupações do Estado, e o Plano deveria atribuir-lhe, em termos de objectivos económicos nacionais, uma importância central. São 254 empresas nacionalizadas, convertidas em 113 devido às fusões. E não contamos as «intervencionadas» e «participadas», que chegaram a ser quase 400, detendo o Estado mais

de metade do capital em 192. O sector público e nacionalizado representa, além disto, 20 por cento do total do número de empregados.

UMA OFENSIVA GERAL

Três anos após as nacionalizações, e após mais de ano e meio de apoio dos Governos à recuperação clara de posições por parte do sector privado da economia, aquele que estava destinado a ser o motor do desenvolvimento económico independente luta em numerosas frentes contra a tentativa de comprometer a sua viabilidade.

A medida que a «inevitabilidade do FMI» foi ganhando mais peso, bem como todo o sistema de articuladas dependências em relação ao capital internacional, foi-se desenhando e está ainda a desenvolver-se uma ofensiva legislativa que culminará com a lei da delimitação do sector público e privado, visando a criação de «ilhas» privadas no sector público. Em apoio e comple-

mento desta tentativa foi já redigido novo Código de Investimentos Estrangeiros que legaliza a associação de capitais estrangeiros aos das empresas nacionalizadas, e é feito um grande esforço no sentido de serem escolhidos gestores com os olhos postos na desnacionalização a médio prazo. Entretanto, é aprovado o decreto que regulamenta a declaração de empresas em situação económica difícil, e o Orçamento Geral do Estado volta a exigir a indemnização dos antigos capitalistas.

A custa de órgãos de informação claramente enfeudados à direita ou afirmando-se oficiais do Governo, desenrola-se uma violenta ofensiva ideológica que visa generalizar uma imagem «inevitavelmente» deficitária do sector público, como se tal situação não decorresse no fundamental da ofensiva de que ele é alvo. A campanha chega ao ponto de comparar os «actuais défices» com os «antigos lucros»: citam-se os balanços «positivos» da QJF, Sonap, do Banco Pinto e Sotto Mayor e de outras empresas em 1973, fruto da dança dos valores da bolsa...

Quanto às medidas tendentes à descapitalização do sector, e para além da constante ameaça de aumento das taxas

de juro e do fecho do crédito interno, já citadas, não são menos importantes a descoordenação da produção (as empresas de pesca importam equipamentos enquanto os estaleiros trabalham abaixo das suas possibilidades de produção, por exemplo), o travão imposto à reestruturação de muitas empresas (onde apenas a fusão com outra ou outras foi levada a cabo) e a manutenção forçada dos preços das nacionalizadas, ou seu pequeno aumento, enquanto concorrentes privadas os vêem «libertados».

Esta a receita, o modelo que o Governo vai prolongar e acentuar se subscrever, como tudo indica, a «carta de intenções», submetendo-se formalmente, e depois de muito se lhe ter já antecipado, ao «plano de estabilização» do FMI. Muitos Governos signatários de semelhantes «cartas» foram depois obrigados, devido à situação de ruptura política e social gerada, a fazer saltar os seus compromissos com o Fundo especialmente no que toca aos seus Orçamentos Gerais de Estado. Em Portugal, onde a violência dos «pacotes» ameaça pesadamente o presente, só a médio prazo veremos o resultado do desprezo a que é votado o sector público da Economia.

Quem deve ao FMI

«Tranches» mais elevadas	Crédito líquido (fim Jan. 78) milhões DES	Corresp. a % da quota	Stand-by DES milhões	Corresp. a % da quota	Outros saques milhões DES	Conta cor. balanças milhões DES	Div. Ext. Pública
Filipinas	189+	122,0			230	-957	1830
Inglaterra	2340	83,6	1720	61,4	1000	-2186	21450
África do Sul	232	72,5			160	-1704	1331
Roménia	127	67,1	39	20,5	142	n.a.	3012
México	234+	63,3			185	-2869	13382
Burma	37	61,2	10	16,7	15	-26	276
Israel	77	59,2			208	-892	5939
Egipto	98	52,1	20	10,6	138	-699	323
Bangla-Desh	63	50,6			128	-225	1672
Sri Lanka	48	49,3	38	38,8	100	-5	587
Paquistão	105	44,6	20	8,5	347	-660	5137
Peru	55	44,4	80	65,0	114	-1033	2909
Zaire	46	40,7			162	-494+	1439+
1.ª «tranche» (c/stand-bay)							
Portugal	42	36,2	0	0	203	-1062	569+
Jamaica	19	36,2	45	84,5	69	-262	735
Mauritânia	5	36,2	0	0	12	-48	305
Sierra Leone	7	28,4	2	8,0	22	52+	138+
Itália	124	28,3	160	36,2	220	+529	3659
Índia	142	14,1	360	36,0	1439	-2474	17200
Zâmbia	8	11,8	(360//)	(415//)	87	-503-	1019
1.ª «tranche»							
Marrocos	41	36,2			74	-1210	1361+
Tanzânia	15	36,2			72	-3	787+
Iémen	10	36,2			26	-83\$	n.a.
Madagascar	9	36,2			6	-20\$	156
Guiana	7	36,2			10	-121	203+
Malawi	6	36,2			4	-65+	222
Congo, R.P.	5	36,2			6	-194	287+
Grenada	1	35,0			1	n.a.	n.a.
Rep. Dominicana	15	34,9			22	-50+	376+
Rep. da Guiné	6	26,3			8	n.a.	n.a.
Islândia	6	25,2			51	-21	93\$
Sudão	8	18,1			91	-143	804+
Nepal	2	12,1				n.a.	38
Tchad	1	6,2			9	-5	60
Stand-by							
Turquia			(374//)	(247,7//)	33	-1701	2717+
Espanha			143	36,2	671	-6029	4098
Uruguai						-64	529
Panamá	(Sem «tranche» (a cada fim Jan. 78))		11	31,4	42	-169	1644
Maurícias			8	36,4	11	+15+	40
Haiti			7	36,3	9	-11	n.a.
Gâmbia			2	35,7	4	-14	12
Samoa			1	35,0	2	-11	n.a.

No que toca a quotas, antes da sexta revisão. +Incluindo as novas facilidades de saque. ++ Números de 1975.// Ainda por ratificar. Fonte «The Economist»

Dossier «DL» organizado por João Mendes

Bissell

A SENSACIONAL MÁQUINA ALEMÃ DE LIMPAR TAPETES E ALCATIFAS COM ESPUMA EXTRA-SECA.

- * Limpa em profundidade e aviva as cores.
- * Não precisa curvar-se, ajoelhar-se ou esfregar.
- * Fornecida completa com um frasco de shampoo especial BISSELL

AGORA... EM 4 MODELOS.



Bissell

A SUA AMIGA FIEL

Representantes exclusivos:

Direma

DISTRIBUIDORA E REPRESENTAÇÕES DE MÁQUINAS, S. A. R. L.
RUA A. (R. D. JOÃO DE CASTO) LOTE 1-CIV
TELEFONE 63 31 31/2 - LISBOA - 3 - PORTUGAL

A VENDA SÓMENTE NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

BOA COLOCAÇÃO COM BOM VENCIMENTO

Poderá obter se frequentar os Cursos com início a 27 de Abril de:

- PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES
- ELECTRÓNICA DIGITAL
- PERFURAÇÃO E VERIFICAÇÃO IBEM (sistema individual)
- DESENHADOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- MEDIDOR ORÇAMENTISTA
- TOPOGRAFIA
- GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
- GESTÃO COMERCIAL • CONTABILIDADE
- CONTABILIDADE ANALÍTICA E GESTÃO ORÇAMENTAL
- FORMAÇÃO PRÁTICA DE ESCRITURÁRIOS
- RELAÇÕES PÚBLICAS
- MARKETING • TÉCNICA DE VENDAS
- SECRETARIADO • HOSPEDEIRAS (hote-se)
- DECORAÇÃO DE INTERIORES

Os nossos alunos beneficiam de:
PROFISSÃO ACTUALIZAÇÃO VALORIZAÇÃO
APOIO NO EMPREGO

I.A.T.A. - Instituto de Aperfeiçoamento Técnico Acelerado

EM LISBOA: Rua Nova do Almada, n.º 81, 3.º
Tel. 325577 e 371032
NO PORTO: Rua de Santa Catarina, n.º 310

Carta da família Moro pode ser código às BV

Enquanto a Itália começava esta manhã um novo dia de espera para saber algo sobre a sorte de Aldo Moro, o jornal de Milão «Il Giorno» vinha a público com uma carta de Eleonora Moro e dos seus quatro filhos, dirigida ao presidente da Democrazia Cristiana. Diz o texto: «Querido papá: Sentimos a necessidade, decorridos tantos dias, de lhe transmitirmos, nessas poucas linhas, um sinal da nossa afeição. Os pensamentos de todos os momentos são dedicados a ti com renovado amor, que aumenta de dia para dia com o conhecimento do que és e tens sido para nós. E não apenas para nós. Testemunhamos o afecto que as mais diversas pessoas têm por ti — desde colegas políticos, amigos e crianças, até pessoas que todos os dias escrevem manifestando interesse. Com esta tragédia descobrimos, cada um da sua própria maneira: que nos deste recursos insuspeitos de força

moral e de amor. E precisamente devido a isso, mesmo na nossa maior fraqueza, que estamos hoje imensamente fortes e unidos. Acalentamos com orações e actos a esperança de te voltar a ver e abraçar. Anna está bem e pensa em ti com amor especial, recordando-se de cada coisa bela que recebeu de ti. Amamos-te profundamente. Tua família. Roma, 25 de Abril».

Para a UPI, esta carta poderá ter sido publicada como um sinal. Acredita-se que contenha em código, uma mensagem para as Brigadas Vermelhas, no trecho em que é referida a filha Anna, pois a carta é de toda a família e este é o único nome mencionado. Entretanto, a esta altura dos acontecimentos, tudo são indícios, tudo é interpretado como um sinal.

Ontem, resignada e impotente ante o silêncio imposto pelos raptadores, a Itália comemorou, tensa, o 33.º aniversário

da queda do fascismo, ao mesmo tempo em que Kurt Waldheim, secretário geral da ONU transmitia, pela rádio e televisão, o seu segundo apelo: «Sabeis, certamente, que atraístes as atenções mundiais com as vossas exigências. Contudo, reconheceréis, certamente, que a contínua detenção do sr. Moro, tinham agora, apenas os propósitos, sejam quais forem, que pretendeis servir». Entretanto, era voz geral que este novo apelo de Waldheim, ao lado dos renovados pedidos do Papa e do próprio Aldo Moro, tinham agora, apenas um interesse académico, depois da recusa do Governo em negociar com as BV a libertação dos treze presos exigidos em troca da vida do ex-primeiro-ministro. Aliás, comentou-se que a família Moro recebeu a decisão governamental com profunda indignação.

Também ontem vários telefonemas foram feitos, nomeadamente para a agência noticiosa

italiana ANSA, dizendo que Moro já está morto. Contudo, nenhuma das comunicações foi considerada verdadeira por causa dos termos usados.

Por outro lado, o terceiro dia de espera depois da recusa governamental em aceitar as exigências das Brigadas Vermelhas, começou com um novo atentado. Desta vez a vítima foi Girolamo Mechelli, um destacado democrata cristão antigo presidente do governo regional de Lazio, que inclui Roma. Mechelli foi metralhado nas pernas em frente à sua casa, num subúrbio da capital italiana.

As primeiras notícias dizem que quatro homens, que fugiram num «Dyane» com matrícula de Milão, foram os autores do atentado. Ninguém reivindicou a acção até ao fim da manhã e helicópteros da Polícia procuram o carro afanosamente.

Antigos Guardás Vermelhos presos na capital chinesa

Registou-se uma vaga de prisões em Pequim, nos meios dirigentes dos antigos Guardas Vermelhos, informa a agência AFP citando «fontes muito seguras» da capital chinesa.

Foram presas dez pessoas, três das quais detiveram na altura da Revolução Cultural, os mais altos poderes: Nieh Yuan-tzu, da Universidade Peita, Kuai Ta-Fu, da Universidade Tsinghua, e Tanhou-lan, antiga activista da Escola Normal Superior de Pequim. Os três foram membros do Comité Revolucionário de Pequim, cujo dirigente era Nu Teh, que continua a exercer o cargo de presidente da Câmara Municipal de Pequim. Recentemente Nu Teh foi criticado através de cartazes.

Os outros três têm sido ultimamente alvo de campanhas de cartazes, sendo acusados de terem «martirizado professores» durante a Revolução Cultural.

A notícia destas prisões ocorre pouco depois da inauguração duma conferência nacional sobre a educação, aberta no sábado passado em Pequim, sob a presidência do vice-primeiro-ministro Teng Hsiao-ping, uma das «vítimas» da Revolução Cultural.

Nessa conferência, Teng Hsiao-ping exortou os estudantes a respeitarem os professores e defendeu a elevação do estatuto social e político do corpo docente. Depois de haver anunciado que há 9 milhões de professores na China Teng destacou a necessidade

de rever a escala salarial dos docentes e melhorar a formação profissional, designadamente no domínio áudio-visual. Numa emissão da Rádio Pequim, captada em Hong-Kong, foi anunciada a reabertura de 13 escolas de ensino superior e a criação de outras 42. Antes da Revolução Cultural havia na China 434 escolas superiores, mas um grande número foi encerrado na altura.

Esta conferência da educação e a normalização da vida escolar da China, inscrevem-se no âmbito das decisões tomadas pelo Congresso do Partido no Verão passado e recentemente reiteradas pela Conferência Nacional Popular de transformar a China num «país socialista poderoso». No mesmo âmbito se inscreve o

9.º Congresso da Central Sindical Chinesa, que vai reunir-se em Pequim, no próximo mês de Outubro. Desde Dezembro de 1957 que não se realiza um congresso sindical na China.

CONVERSACÕES COM A URSS

Leonid Ilytohev, vice-ministro soviético dos NE e chefe da delegação soviética às negociações fronteiriças, com a China, chegou hoje a Pequim.

O diplomata soviético, que tinha deixado Pequim pela última vez em 28 de Fevereiro de 1977, depois de três meses de conversações infrutíferas, foi recebido pelo seu homólogo chinês Yu-chan.

Generais argentinos endurecem posições

A ditadura militar argentina que está em vésperas de modificar as suas estruturas internas continua a recorrer à força para controlar a vida política nos limites que fixou.

Na semana passada decretou o encerramento por três dias dos quotidianos «Crónica» e «La Opinion» — este último dirigido por um militar na reserva considerado como o porta-voz oficioso do exército — que ousaram sugerir que o exército se preparava para impor Videla como presidente da República, apesar das reticências formuladas pelas outras armas, nomeadamente a Marinha.

No domingo passado a ditadura mandou prender e interrogar durante várias horas dois importantes dirigentes radicais, a segunda força política argentina. Carlos Perette e Antônio Troccoli tinham participado, com mais de uma centena de outros militantes, numa reunião do Partido Radical. No final da reunião foi publicado um documento pedindo o regresso do país à vida democrática.

Nesta segunda-feira um comunicado oficial da Polícia anunciou que todos os radicais que participaram na reunião

seriam enviados a tribunal por terem violado a lei que suspende de as actividades dos partidos políticos.

Todas estas medidas de força, tomadas por generais que multiplicam as declarações afirmando a sua vontade de «instaurar uma autêntica democracia» e que lançam uma vasta campanha tendo em vista criar no exterior uma imagem liberal, são consideradas nos meios políticos como sendo sinais de confusão e de fraqueza.

Amanhã a Junta deve designar um presidente da República que não seja um militar no activo, para acabar com a acumulação de funções de Rafael Videla que é, ao mesmo tempo, presidente e membro da Junta e comandante em chefe das Forças Armadas. Esta designação, que deveria ser seguida de uma nova definição dos poderes reciprocos da Junta e do presidente fora apresentada como sendo «a etapa inicial de uma democratização progressiva do sistema». No entanto, as divergências que se revelam cada vez mais claramente no seio das Forças Armadas levaram, ao contrário, a ditadura militar a endurecer a sua posição.

Episcopado brasileiro ataca ditaduras da América Latina

A Igreja Católica brasileira voltou a denunciar ontem que o poder na América Latina «está concentrado nas mãos de oligarquias restringidas que decidem o destino das nações e dos povos». Ao definir a sua posição ante a reunião do clero latino-americano (CELAM), convocada para Outubro na cidade mexicana de Puebla, a Igreja do Brasil, através do seu episcopado reunido em Itacaré no estado de São Paulo, sustenta que a América Latina está a perder a sua oportunidade histórica de realizar um modelo justo e humano de desenvolvimento.

Composto por 300 bispos, a assembleia elegeu os 37 delegados titulares e 10 suplentes para a reunião de Puebla, não figurando no grupo os bispos Pedro Casaldaliga e Tomás Balduino, inseridos nos sectores mais progressistas da hierarquia católica brasileira. Esta decisão foi lamentada por vários prelados que deixaram em aberto a possibilidade de ambos participarem no encontro como «convidados especiais do Santo Padre».

No documento ontem torna-

do público, os bispos do Brasil afirmam ainda que «o modelo económico latino-americano está a sucumbir às seduções da sociedade de consumo, deixando as suas liberdades políticas nas mãos de uma tecnocracia que reduz as pessoas a números, numa espécie de engenharia social que suprime entidades como a família, associações e sindicatos». Denuncia também que «observa-se no Continente uma exacerbação de conflitos entre opressores e oprimidos devido a uma crescente situação de injustiça social». As críticas às ditaduras continuam afirmando que «os sistemas políticos da América Latina foram sendo progressivamente influenciados pela doutrina da «segurança nacional» que gera o Estado absoluto, reduzindo a segurança das pessoas e concentrando o poder nas mãos de oligarquias». O documento aprovado pelo episcopado brasileiro salienta ainda que a injustiça social na América Latina se acentua na distribuição de terra e pelas pressões exercidas pelas grandes empresas que expulsam os camponeses.



O célebre quadro de Picasso sobre Guernica

Reconhecida em Espanha a culpa de Franco na destruição de Guernica

Pela primeira vez foi ontem publicamente reconhecida em Espanha a culpabilidade de Franco na destruição de Guernica, crime que ocorreu faz hoje precisamente 41 anos. A Comissão Permanente de História e Juristas, que investiga o bombardeamento de Guernica, durante a guerra civil espanhola, reconheceu a culpabilidade de Franco acusando-o de ter mantido ao povo, ao mundo e à História.

Um dos membros da Comissão, o historiador catalão Manuel Tunon de Lara, salientou que o bombardeamento ocorreu na manhã de 26 de Abril de 1937, não foi um acaso, «pois os bombardeamentos foram uma prática de Franco durante a guerra». Os historiadores e juristas analisaram as responsabilidades da aviação alemã («Legião Condor»), de Franco e do seu Estado-Maior no bombardeamento que arrasou Guernica, sede do Governo autónomo basco, e que inspirou um dos mais famosos quadros de Pablo Picasso.

Na análise jurídica subli-

nha-se que o regulamento militar vigente na época da guerra civil (1936-39) castigava com pena de morte o incêndio e destruição de cidades. O mesmo regulamento estabelecia que, caso não se encontrassem os autores directos do crime, a responsabilidade devia recair sobre os promotores da acção ou sobre o seu superior, neste caso, Franco.

O quadro «Guernica» encontra-se actualmente no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Pablo Picasso nunca consentiu que o seu quadro fosse para Espanha enquanto continuasse a governar o país. Agora é a filha do pintor, Paloma, que impede a transferência da obra do seu pai para Espanha, enquanto estiverem presos os quatro actores da companhia teatral de Barcelona, Els Joglars, condenados em Março passado a dois anos de prisão pelo Conselho de Guerra de Barcelona, sob acusação de terem «injurado as Forças Armadas» na peça «La Torna», encenada por Alberto Boadella. O encenador fugiu para Paris, antes do julgamento.

Venda de aviões domina visita de Dayan aos EUA

O problema da venda de armas ao Médio Oriente, por parte dos EUA está novamente na ordem do dia e parece dominar as conversações que o MNE sionista, Moshe Dayan, efectuará hoje e amanhã em Washington. A sua partida de Telavive, o ministro da pala no olho disse ontem que «Israel preferia não receber o novo lote de 90 ultramodernos aviões F-15 que lhe foram prometidos caso este fornecimento estivesse ligado à projectada venda de outros 60 F-15 à Arábia Saudita e de 50 menos modernos, mas eficazes F-15, ao Egipto. A observação de Dayan foi mal recebida na Casa Branca porque, segundo fontes governamentais norte-americanas, são suspeitas e lembram um «bluff» que teria por finalidade evitar que Israel registre a sua primeira derrota no Congresso dos Estados Unidos. A história pode ser contada assim: ao retirar o seu pedido, Israel invalidaria o projecto de venda global elaborado pela Administração norte-americana e obri-

garia a Arábia Saudita e o Egipto a recorrer a outros fornecedores como a França ou a URSS. Os laços dos EUA com esses dois países poderiam ser afectados e, então, Israel voltaria a fazer novo pedido aos EUA, com todas as possibilidades de receber resposta afirmativa.

O senador Frank Church, democrata do Idaho, já previu uma crise e outros líderes do Congresso, adivinhando um fracasso do plano global de vendas de aviões elaborado por Carter, pediram ao presidente norte-americano que adie indeterminadamente a sua proposta, cujo valor total implica uma soma da ordem dos 5 bilhões de dólares. Thomas O'Neill, presidente, de Câmara dos Representantes foi mais longe e disse aos jornalistas que a controversa venda de aviões seria derrotada tanto na Câmara como no Senado.

Por outro lado, norte-americanos de origem árabe enviaram um telegrama pedindo a suspensão do negócio.

Greve paralisa o Japão

Uma greve dos transportes paralisou ontem o Japão durante quase todo o dia.

Mais de 43 milhões de pessoas foram afectadas pela greve, que havia sido anunciada com muita antecedência. Para contrariar os seus efeitos, muitas empresas alugaram autocarros, para transportar os seus empregados, e outras pagaram milhares de quartos em hotéis, e improvisaram dormitórios, onde ficaram desde a véspera.

Nos transportes privados (metropolitanos e outros serviços privados) a greve de três dias foi ontem à tarde anulada após a assinatura dum compromisso relativo às remunerações, tendo esses serviços recomeçado imediatamente a funcionar. Nos caminhos de ferro nacionais não houve qualquer alteração e mais de 19 milhões de utentes estão sob a ameaça de continuarem a não dispor de transporte.

CONSELHO MUNDIAL PARA A PAZ

«Em nome da vida»

impõe-se lutar contra a Bomba N

Reunido há dias em sessão extraordinária em Helsínquia, o Conselho Mundial para a Paz, lançou um «urgente apelo a todos os homens de boa vontade» para que «em nome da vida» lutem pela proibição da bomba de neutrões.

Este apelo poderá parecer um tanto desactualizado em face da decisão do presidente Carter de suspender o fabrico da bomba em questão. Saliente-se, no entanto, que o Conselho Mundial da Paz o reafirmou já depois de conhecida a decisão do presidente dos EUA.

Na verdade, facilmente se conclui que a decisão da Casa Branca não corresponde a uma cessação da ameaça que essa bomba representa para toda a humanidade. Ainda que a própria declaração de Carter não viesse recheada de contradições, um facto posterior bastaria para alarmar «os homens de boa vontade»: por ocasião da celebração na Dinamarca do encontro do grupo de planeamento nuclear da NATO foi noticiado que estava a ser produzida na República Federal Alemã uma nova arma de características similares à bomba de neutrões. Este novo tipo de arma caracterizar-se-ia por uma maior pre-

cisão de tiro, uma diminuição dos seus efeitos secundários, melhor protecção dos locais de armazenagem e possibilidade de regulação da potência das suas ogivas.

Fontes não identificadas e referidas pela ANOP indicaram que a «cimeira» da NATO (a reunir nos dias 30 e 31 de Maio em Washington) estudará um plano secreto da produção de novos armamentos, plano esse que foi traçado pelo grupo de planeamento nuclear nesta sua reunião na Dinamarca.

Quaisquer dúvidas que pudessem subsistir sobre o teor destas informações, ficariam dissipadas com as declarações do secretário norte-americano de Defesa, Harold Brown, o qual afirmou aos jornalistas no final dessa reunião que os «EUA podem produzir daqui a um ano ou dois uma nova geração de armas nucleares, as quais poderão ser também armas de radiações reforçadas (isto é, fabricadas segundo o processo da bomba de neutrões) «se o presidente Carter assim o desejar». E Harold Brown especificou:

«As características destas armas que não foram ainda tornadas públicas serão do maior alcance. A sua manutenção será fácil. A sua ogi-

va convencional facilmente se poderá transformar numa ogiva nuclear. As suas características irão torná-las mais eficazes».

Como facilmente se conclui de tudo isto, e como era já fácil de concluir da declaração de Carter sobre a suspensão do fabrico da Bomba N, tal decisão foi uma manobra enganadora. O que Carter e alguns dos seus aliados da NATO pretendem é ganhar tempo e tranquilizar o movimento de protesto contra essa bomba que mata as pessoas e deixa intactos os bens materiais. O que se pretende é fazer calar as vozes daqueles que protestam e dividir a frente das forças contrárias à bomba até que um dia a humanidade desperte para um facto consumado: essa arma existe e todos somos impotentes para lutar contra ela.

A decisão de Carter não deixa margens a dúvidas quanto a estas intenções. Enquanto decide suspender o fabrico da Bomba N, anuncia que continuarão a ser desenvolvidos os seus portadores potenciais. Vale a pena ler o que o jornal da RFA, «Die Welt», escreve, a propósito disto, na sua edição de 10 do corrente:

«Os portadores potenciais da Bomba N continuarão a ser desenvolvidos de tal maneira que, se Carter determinar depois a produção da arma, ganhar-se-á um ano».

Os intuitos enganadores de Carter são, aliás, bem patentes depois de ele ter rejeitado a proposta soviética de um acordo mútuo sobre não produção e armazenamento da Bomba N.

O apelo do Conselho Mundial para a Paz tem inteira justificação. O perigo da bomba de neutrões continua de pé. Essa arma é uma espada de Dâmocles suspensa sobre os ideais do desarmamento e do desanuviamento. A intenção declarada dos militares da NATO é a de que a Bomba N faça «desaparecer» a fronteira existente entre as armas nucleares e as convencionais. Com isto, tornar-se-á possível o emprego militar de armas nucleares, ficando aberto o caminho a uma conflagração nuclear mundial. Além de tudo o mais, a introdução dessa arma conduzirá a uma nova escalada na corrida aos armamentos, com todos os riscos de guerra que isso implica. E com todo o acréscimo de gastos improdutivos a que isso obriga.

A. N.

Proposta de Brejnev rejeitada por Carter

O presidente Carter dos EUA rejeitou um apelo do presidente Leonid Brejnev da URSS no sentido de uma proibição mútua da controversa bomba de neutrões, declarando que essa proposta não fazia sentido «porque os soviéticos não necessitam dessa arma».

Brejnev declarou ontem na abertura do 18.º Congresso dos Jovens Comunistas no Kremlin que a URSS se absteria de iniciar o fabrico da sua bomba de neutrões, enquanto os EUA procedessem de igual modo. No discurso então proferido, Brejnev focou as relações URSS-EUA nos termos mais favoráveis dos últimos tempos, congratulando-se com a evolução recente verificada nesse domínio. O presidente soviético sublinhou que a recente visita do secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance, a Moscovo permitira realizar «certos progressos» no sentido da conclusão de um novo acordo SALT. Brejnev salientou que o desanuviamento não é um «slogan» nem uma teoria, mas tem no seu activo numerosas realizações positivas, constituindo na Europa a base das relações entre os Estados. Quanto ao desarmamento, Brejnev desejou grande êxito à sessão especial da ONU sobre esse tema e afirmou que a tarefa essencial e mais urgente dos nossos dias consiste em reduzir progressivamente o perigo das guerras tendo a acumulação de armas.

A resposta negativa de Carter às propostas de Brejnev poder-á vir a complicar as conversações SALT, nas quais se registaram progressos com a visita de Cyrus Vance a Moscovo. Além das palavras do diri-

gente soviético a este respeito, cite-se o jornal «The New York Times» no qual se anunciam esses progressos. Segundo o jornal, um dos três problemas que embaraçavam as negociações ficou resolvido: o da introdução de uma cláusula pela qual os EUA e a URSS se comprometem a não manipular em seu favor as disposições do protocolo que expirará em 1980 ou as do tratado principal que estará em vigor até 1985.

Um funcionário da embaixada soviética em Washington afirmou que o presidente dos EUA aqui com demasiada precipitação ao rejeitar a oferta de Brejnev. Saliente-se, aliás, que um diplomata dos EUA (James Leonard, vice-representante dos EUA na ONU) comentou favoravelmente a proposta soviética, considerando que ela poderia contribuir para aliviar as tensões na área do desarmamento.

Entretanto, terminou ontem em Sófia (Bulgária) a reunião dos MNE dos países membros do Pacto de Varsóvia, que tinha começado na segunda-feira. A agência búlgara BTA anuncia que foi publicado um comunicado final, mas não dá qualquer indicação sobre os assuntos discutidos. Presume-se que o desarmamento tenha sido um dos pontos principais da agenda e que o MNE soviético, Gromyko tenha dado informações sobre as suas conversações com Cyrus Vance.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex-UEP-SUL), a que se refere o processo nº 61710, arquivo 45.

Para o estabelecimento na freguesia e concelho de Grândola, de uma linha aérea a 30 KV, com 36 metros, do apoio nº 136 da linha 11-30-9 ALCÁCER SANTIAGO, para o Posto de Transformação nº 6-17 da Federação de Municípios do Distrito de Setúbal, no lugar de Ameiras de Baixo RA 30-9-38 Federação de Municípios do Distrito de Setúbal (AMEIRAS DE BAIXO) Posto de Transformação nº 6-17).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Abril de 1978
PELO ENGENHEIRO CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex-UEP-SUL), a que se refere o processo nº 61424, arquivo 45.

Para o estabelecimento nas freguesias de Paio Pires e Arrentela, concelho de Seixal, de uma linha aérea a 15 KV, com 335 metros, do apoio nº 4 da linha RA 15-25-4-1-1 Axordal, para o PT 15-3-235 Pinhal das Areias RA 15-25-4-1-1 PINHAL DAS AREIAS (PT 15-3-235), freguesias de Paio Pires e Arrentela, concelho de Seixal.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Abril de 1978
PELO ENGENHEIRO CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex-UEP-SUL), a que se refere o processo nº 61426, arquivo 45.

Para o estabelecimento na freguesia da Caparica, concelho de Almada, de uma linha aérea a 15 KV, com 94 metros, do apoio nº 11 da linha RA 15-63-1-1 TORRE COSTA, para o Posto de Transformação «PERA DE BAIXO» (Posto de Transformação 15-1-131), RA-15-63-1-1-3 PERA DE BAIXO (Posto de Transformação 15-1-131).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Abril de 1978
PELO ENGENHEIRO CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex-UEP-SUL), a que se refere o processo nº 61712, arquivo 45.

Para o estabelecimento na freguesia de Torrão, concelho de Alcácer do Sal, de uma linha aérea a 30 KV, com 15 metros, do apoio nº 134 da linha 11-30-22 ALCÁCER VALE DE GAIO, para o Posto de Transformação da Câmara Municipal de Alcácer do Sal, em Casa Branca do Sado RA 30-22-8 Câmara Municipal de Alcácer (Casa Branca do Sado).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Abril de 1978
PELO ENGENHEIRO CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex-UEP-SUL), a que se refere o processo nº 61495, arquivo 45.

Para o estabelecimento na freguesia de Arrentela, concelho de Seixal, de uma linha aérea a 15 KV, com 243 metros, do apoio nº 31 da linha 11-15-50 FOGUETEIRO MARCO DO GRILHO, para o Posto de Transformação da Sociedade Metalúrgica Gaivota RA 15-50-10 METALÚRGICA GAIVOTA.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Abril de 1978

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo nº 61187, arquivo 9101 para o estabelecimento em Moita do Norte, freguesia de Atalaia, concelho de Vila Nova de Barquinha, de uma linha aérea a 30 KV, com cerca de 9 metros, entre o apoio nº 20 da linha para o Posto de Transformação nº 2 (Atalaia) e o Posto de Transformação nº 15.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Abril de 1978
PELO ENGENHEIRO CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos

Cenas & Cenários

TAS ESTREIA «OS TRÊS FÓSFOROS»

Na próxima terça-feira, 2 de Maio, pelas 21.30 o TAS — Teatro de Animação de Setúbal — estreia no Ateneu Setubalense a peça de Teresa Rita «Os três fósforos»:

Esta peça foi escrita no final dos anos 50, programada em 1960 pela Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro e proibida nessa altura pela censura.

No TAS os intérpretes serão Francisco Costa, Alexandre de Sousa, João Manuel, Mário Anjos e Carlos César.

O espectáculo repete-se no Ateneu na quarta e quinta-feira seguintes. Sábado o TAS estará em Sesimbra e voltará ao palco do Ateneu de 10 a 14, altura em que a peça de Teresa Rita partirá em digressão pelo distrito.

O TAS iniciou igualmente a apresentação da peça de Bertolt Brecht (O Informador) em diversas empresas e estabelecimentos escolares do concelho e do distrito de Setúbal. Tem interpretação de Calra Rocha, Maria Simões, Carlos César, João Manuel e Álvaro Corte-Real.

A peça, de curta duração (cerca de vinte minutos), foi já apresentada para os trabalhadores da Setenave e será hoje na Escola Industrial e Comercial de Setúbal, indo à INAPA em 3 de Maio e ao Entrepósito em 4. As empresas do distrito interessadas no espectáculo podem dirigir um pedido neste sentido ao Teatro de Animação de Setúbal.

CINEMA PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO

O Instituto Português de Cinema, depois de ter enviado «A santa aliança», de Eduardo Gueda, ao Festival de Berlim, apresentou agora este filme e a curta-metragem «Zê Povinho na Revolução», de Lauro António, à secção competitiva do próximo Festival Internacional de Cinema de Cannes.

Rejeitados pelo respectivo Comité de Selecção, recusa

que já atingira «A santa aliança» em Berlim, resta agora a hipótese de a «Quinzaine des Réalisateurs» escolher entre duas derradeiras (ao que parece) hipóteses: outra vez «A santa aliança» ou então um filme de João César Monteiro, «Veredas».

CINEMA DE ANIMAÇÃO NO PALÁCIO FOZ

Amanhã à tarde (18.30) e à noite (21.15) a APCA — Associação Portuguesa de Cinema de Animação, continuando no seu estudo e divulgação de películas de origem checa, americana e francesa, projecta um excelente programa em duas partes no cinema do Palácio Foz. Por ordem: «Billy e o seu laço especial» (Checo), «O chapéu mágico» (idem), «O boneco de barro» (idem), «O Natal entre animais» (idem), «O cão descobre o ladrão» (idem) e «Gato Félix na feira» (americano), na primeira parte; e «Gato Félix em África» (americano), «Um domingo de Gazouilly» (francês), «A história do cão Rek» (Checo), «Brincadeiras de um rapaz» (Checo) e «Leo no fotógrafo» (Checo), na segunda. Espectáculo para maiores de 6 anos.

CRAVO E CANTO NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Na Gulbenkian vão realizar-se dois concertos nos dias 2 e 4 de Maio em que actuarão os artistas Mirreille Capelle, soprano, e Josvan Immerseel, cravo, que interpretarão obras clássicas dos séculos XVII e XVIII.

O primeiro concerto, no dia 2, realiza-se no Auditório Dois da Fundação, às 18.30, com obras de Giulio Caccini, Claudio Monteverdi, John Bull, J.S. Bach, Suphly, Couperin, Balbastre, Forqueray, Delange, Royer e Henry Purcell; o segundo no dia 4, à mesma hora, no Átrio do Museu Gulbenkian, sendo interpretadas obras de alguns daqueles autores e ainda de Picchi, Gabrielli, Valente, Frescobaldi, Scarlatti, Soler, etc.

CONCURSO INTERNACIONAL DE PIANO EM MONZA

O V Congresso Internacional de Piano «Rina Sala Gallo» realiza-se de 18 a 24 de Setembro. Em Monza, Itália,

aberto a pianistas de todas as nacionalidades.

O concurso consta de duas provas eliminatórias e uma final.

CONCURSO DE CANTO EM TOULOUSE

Realiza-se em Toulouse, de 1 a 7 de Outubro, o 24.º Concurso Internacional de Canto para os jovens cantores de todas as nacionalidades com idades compreendidas entre os 18 e os 33 anos.

Os candidatos têm de apresentar várias peças, tipo cantata ou oratória, e seis peças de ópera, ópera cómica e ópera bufa, sendo uma obrigatoriamente de um autor francês.

Para mais informações os interessados deverão dirigir-se ao Gabinete de Relações Culturais com o Estrangeiro, Direcção-Geral da Acção Cultural, Av. da República, 16, 5.º direito, em Lisboa.

CINEMA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE

Realiza-se em Salerno, Itália, de 29 de Julho a 6 de Agosto, o Festival Internacional do Filme para a Infância e para a Juventude.

Este festival tem como objectivo apresentar filmes para jovens de várias organizações e apíses. Estão incluídas nele várias categorias de filmes conforme a idade a que se destinam. A classificação abrange crianças desde a idade pré-escolar.

Para mais informações os interessados deverão dirigir-se ao Festival Internazionale del Cinema per i Ragazzi e per la Gioventù, 84095, Giofoni Vall Pian (Salerno), Itália, ou ao já citado Gabinete de Relações Culturais com o Estrangeiro.

VENEZUELANOS MANDAM FOLCLORE A PORTUGAL

O agrupamento folclórico de Valência (Venezuela) deslocar-se a Portugal no próximo mês de Agosto.

Constituído por sessenta figuras, filhos de portugueses que pela primeira vez visitam Portugal, o agrupamento tem apresentado os últimos sucessos da música portuguesa e venezuelana na Rádio, na TV e junto das Associações da comunidade portuguesa.

O agrupamento de Valência, além de actuar em Lisboa, deslocar-se-á também à Madeira.

Cannes: a selecção ainda não terminou

A propósito ainda do Festival de Cannes, agora em foco entre nós pelas sucessivas recusas que têm sido proferidas sobre filmes da produção nacional, um «telex» da ANOP recorda que o Certame comemora 32 anos, embora só se tenha realizado 31 vezes. Explicação simples: não houve «Cannes» em 1948, para permitir a mudança do calendário do Outono para a Primavera.

Até ao momento não terminou a selecção dos filmes a incluir no programa oficial, mas já se conhecem muitos deles e respectivos realizadores.

A selecção francesa é com-

posta de «Molière», de Ariane Nouchkine, que dura 4 horas e será projectado de uma vez, e «Violette Nozières», de Claude Chabrol. A Espanha estará representada com dois filmes, «Los ojos vendados», de Carlos Saura, e «Los restos del naufragio», de Ricardo Franco. Da Espanha há ainda a possibilidade de estar representada na selecção de curta-metragens com a película «Espumas», de Mamerto López Tapias.

Os Estados Unidos estarão presentes com «Coming Home», de Hal Ashby, «An unmarried woman», de Paul Ma-

zursky, e «Fedora», de Billy Wilder.

A República Federal da Alemanha estará com dois filmes: «Despair», de Rainer Werner Fassbinder, e «A mulher canhoto», de Peter Handke. Por sua vez a Grã-Bretanha competirá em Cannes com «Midnight Express», de Alan Parker.

Entre outros filmes que suscitam expectativa está «Pretty Baby», de Louis Malle, feito nos Estados Unidos; «Sonho de macaco», de Marco Ferreri,

rodado também nos EUA; «Império da paixão», do japonês Nagisa Oshima; e «El recurso del Método», do exilado chileno Miguel Littin.

O júri tem este ano um carácter marcadamente profissional. Será presidido pelo jovem realizador norte-americano Alan J. Pakula «Os homens do presidente» e inclui, além de outros três realizadores uma actriz (Liv Ullmann), um produtor, um decorador e dois críticos.

«Música para si» estreia-se hoje

No Instituto Alemão estreia-se hoje «Música para si», do dramaturgo Franz-Xaver Kroetz, espectáculo encenado por Jorge Silva Melo e Luís Miguel Cintra, com interpretação a cargo de Isabel de Castro (uma única personagem em cena).

O espectáculo fará ali apenas cinco sessões, quatro nas noites de hoje, amanhã, sexta e sábado, sempre às 21 e 30, e na tarde de sábado (17 horas). Como sempre no Instituto Alemão as entradas são gratuitas, podendo os bilhetes levantar-se no local meia hora antes do início de cada sessão.

«Música para si» é a história de um «caso do dia». É o retrato de um desses milhões de personagens que projectam as suas situações miseráveis numa atitude de mutismo que esconde uma forte propensão para a ordem, para a resignação, para se declararem de acordo sem que isso lhes tenha sido pedido, para se deixarem explorar e para aceitarem as interdições até à fraqueza e ao descalabro.



Terminal
Centro Comercial do Rossio

Venda de electrodomésticos
Arranjo rápido de calçado
Lavandaria (agência)

Alugam-se espaços para instalação de estas actividades.
Informações no escritório do Terminal — porta 427 — ou pelo telefone 361181

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa** vende-se na PAPELARIA FARRACHA

MARIA VITÓRIA

SÓ ATÉ DOMINGO
A MELHOR REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS

TEATRO - Tel. 361740

DEFINITIVAMENTE!
ÚLTIMA SEMANA
ÀS 20.30 E 22.45 H.
DOMINGO
ÚLTIMO DIA
ÀS 16, 20.30 E 22.45 H.

ALTO E PARA O BAILE!

Um grande elenco com:
SALVADOR
HENRIQUE SANTANA
DELFINA CRUZ
JOEL BRANCO
VERÓNICA
A atracção
CIDÁLIA MOREIRA
e muitos outros
UM GRANDE BALLET

Uma REVISTA colossal!

ATENÇÃO PORTO!
No dia 4 de Maio
ESTREIA
no Teatro Sa da Bandeira

ULTIMOS DIAS! ÚLTIMOS!

TEATRO

ABC

Tel. 366745

Hoje e todas as noites
às 20.30 e 22.45
Aos Domingos Matinée às 16

SÉRGIO AZEVEDO apresenta
A REVISTA ONDE, SEM MEDO, SE DIZEM AS VERDADES

põe-te na bicha

De: Eduardo Damas Carlos Coelho
Colaboração de Octávio de Matos
Música de: Manuel Paíão, Thilo Krasemann e Nuno Nazareth Fernandes

FLORBELA
Grande criação em «Retrato»

OCTAVIO
Excelente em «Zê Povinho»

HERMAN
em «O Anjo»

ANABELA
Ótima interpretação em «O Espantalho»

NINA FLORES
VICTOR NORTE
JOÃO LUIS
LIA SARA
ISABEL AMARO
ANA MARIA
O BALLET
«STAR DANCERS»

ANTONIO CALVARIO
No grande sucesso «Mocidade, Mocidade»

VERA MÓNICA
em «O Anjo»

DIA 1 DE MAIO 3 ESPECTÁCULOS
Às 16, 20.30 E 22.45 HORAS



“...já é uma mulherzinha”

“Há coisas que uma mãe, hoje, tem obrigação de dizer francamente à sua filha. Aos 12, 13 anos, as nossas meninas já são umas mulherzinhas. Nós as mães, temos que ser evoluídas.

Um dia destes, chamo a minha filha e explico-lhe tudo sobre a menstruação. Começo por descrever-lhe que... assim como as sementes, que não dão fruto, se desprendem das flores, para dar lugar a novas sementes, o mesmo

acontece no corpo dela: por volta dos 12 anos, os ovúlos desprendem-se, todos os meses, dos ovários da rapariga, e são expelidos no fluxo menstrual. Faço-lhe ver que isso é o sinal de que ela poderá ser mãe, mais tarde. Um bom sinal.

Em seguida, hei-de ensinar-lhe os cuidados higiénicos que deve ter durante o período. Por isso vou falar-lhe dos tampões Tampax. Qualquer rapariga aprende logo a utilizá-los, porque o modo de aplicação é muito prático.

Para mim, é o sistema mais cómodo que existe, e vou tentar que a minha filha o experimente.

Ela julga que já sabe tudo... mas as mães é que têm a experiência...

“...no fundo, ela não acredita”

“A minha mãe esforça-se por me tratar como a uma rapariga crescida... mas, no fundo, ela continua a proceder como se eu fosse ainda uma criança...”

No outro dia, veio falar-me da menstruação, com todos os cuidados e um ar muito sério... Bem... fingi que ainda não sabia de nada, e concordei com aquela história das flores e das sementes. Mas quando ela quis aconselhar-me acerca dos cuidados higiénicos que eu devia ter, não pude disfarçar mais e confessei-lhe que usava os tampões Tampax. Ficou admirada: a sua “criança”, afinal, já tinha descoberto tudo!

Mas porquê os tampões Tampax? Como é que a sua “menina” tinha acertado logo nos tampões que a mãe lhe ia recomendar? Disse-lhe que uma amiga me tinha falado deles e o que me interessou logo, foi a facilidade de utilização dos tampões Tampax. O aplicador acetinado introduz o tampão na posição correcta e sem a menor dificuldade. Nem sequer se sente que se usa o tampão. O tampão Tampax é estreito e, apesar de ser muito absorvente, não incha demasiado dentro do corpo, porque se expande em todas as direcções, adaptando-se perfeitamente à configuração anatómica do corpo. Por isso, são também fáceis de retirar.

A minha mãe ficou impressionada com os conhecimentos do “bebê”. Disse-lhe ainda que era uma grande vantagem que, tanto os tampões como o aplicador se dissolvessem na água, depois de usados.

Não há vestígios. Nem as próprias mães notam que as filhas estão no período. E qual seria o interesse de saberem? O importante é que a gente nem se lembre de que está no período. Por isso, é que os tampões Tampax são tão importantes para nós.”

Tampões Tampax: você esquece-se que tem o período.

tampões

TAMPAX

PEDIDO DE AMOSTRA

Agradeço que me enviem uma amostra grátis de tampões Tampax

DL

Nome _____ Idade _____

Morada _____

Cidade _____

Pedidos a: António Pacheco Agostinho, Lda - Rua Rodrigues Sampaio, 15 - 2.ª Lisboa

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E. P.

Avizam-se os Srs. Passageiros de que a partir do dia 8 de Abril são alterados os horários dos comboios das linhas que a seguir se indicam:

- Linha do Norte
- » da Beira Alta
- » do Leste e Ramal de Cáceres
- » da Beira Baixa
- » do Oeste
- » do Vouga Aveiro — Viseu
- » do Vouga e Dão
- Ramal de Tomar
- » da Lousã e Linha de Coimbra a Figueira da Foz (Via Pampilhosa)
- Figueira da Foz—Coimbra (Via Alfaiates)
- Lisboa — Madrid
- Lisboa — Galiza
- Porto — Aveiro
- Lisboa — Azambuja

Para mais informações, devem os Srs. Passageiros consultar os respectivos Cartazes-Horários afixados nas estações, ou dirigirem-se às Secções de Informações.

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

FICHA:

Título original: Una Giornata Particolare

Realização: Ettore Scola (Itália-Canadá-1977)

Argumento e diálogos: Ruggero Maccari e E. Scola, com a colaboração de Maurizio Costanzo

Fotografia (Technicolor — processo especial CDA): Pasquale De Santis

Cenários: Luciano Ricceri

Música: Armando Trovatioli

Montagem: Raimondo Crociani

Interpretação: Sophia Loren (Antonietta), Marcello Mastroianni (Gabriele), John Vernon (Emanuele), Françoise

Berd (a porteira), etc.

Distribuição em Portugal: Distribuidores Reunidos

Cinema: Vox

Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos

Duração: 105 minutos

Após *Feios, Porcos e Maus* (que constituiu, entre nós, assinalável sucesso), a distribuição/exibição apressa-se a lançar este *Um Dia Inesquecível* numa compreensível tática de mercado. Curiosamente, esta proximidade com que pudemos ver duas obras recentes de Ettore Scola, traz consigo a possibilidade interessante de traçar (clarificar) algumas linhas gerais do seu cinema.

Antes de tudo, a insistência em tratar minorias (no quadro ideológico-económico do pre-

«Um dia inesquecível» de Ettore Scola

sente, isto é, do espectador); em segundo lugar o apaziguamento dos conflitos entre o espectador e o écran (por um distanciamento hábil — não confundir com distanciamento); por fim um certo fatalismo terno cujo caminho é inexorável e, assim, impossível de barrar.

O mal está algures, off, eis o quadro basilar de *Um Dia Inesquecível* (como já o era de *Feios, Porcos e Maus*). A «explicação», a origem, as raízes do que o écran mostra estão off-cena (são obscenas). No écran apenas vítimas dessa conjuntura, sujeitos potencialmente diferentes noutra conjuntura, personagens recuperáveis noutras esferas possíveis. Neste filme, o mal está, aliás, representado como pano de fundo, bastidor da ficção: é a transmissão pela rádio, veículo do fascismo e das suas concepções, a qual acompanha a quase totalidade do filme num efeito condicionante extremamente bem conseguido, de tal modo que funciona frequentemente como ruído, interferência dir-se-ia, no decorrer «normal» de uma ficção (romântica) «normal». O compromisso de Scola está em «descer» ao nível dos seus personagens (alienados de uma forma assaz visível) para os «compreender», ao mesmo tempo que procura fazer um discurso à distância, sem remédio (ao nível da ficção) mas talvez reconfortante (para o espectador que, à força de detalhes particulares, «realistas»,

não se identifica com os personagens mas com o realizador).

Há em *Um Dia Inesquecível* um «suposto saber», uma cumplicidade de códigos, entre quem fala (o autor) e quem escuta (o espectador). Mormente o tratamento da cor (numa quase redução a um preto-e-branco de tons sépia que cola à iconografia da época), a escolha dos actores (entre Sophia Loren e Mastroianni tem de haver uma história de amor), a própria rarefação de dissensões (Mastroianni não é, afinal de contas, um antifascista mas um bissexual que o fascismo excluiu e que tudo fez — inscrição no partido, etc. — para se manter nos quadros das normas dominantes), levam a que esteja no espectador (e nunca no écran — e aqui nos retratamos pelo que afirmamos sobre *Feios, Porcos e Maus*) a explicação, a chave do que se mostra. O antifascismo por exemplo, é algo de comum, de dominante, nas sociedades ocidentais europeias; é admitindo isso que Scola constrói o seu discurso.

Um Dia Inesquecível é, por isso, uma falsa reconstrução da memória. Centrada sobre uma problemática que já não há, este filme vem-nos «lembrar» que o fascismo é sinistro porque produz personagens como os que mostra; esquece, talvez, que aquele fascismo (os fascismos não são todos iguais e o seu rosto, na Europa, em 1978, não é o de Mussolini por-

que o não pode ser, a qualquer nível) foi, também, fruto daqueles personagens. A lucidez, a boa consciência dominante quanto ao passado, é esta que o filme veicula. Só que o fascismo hoje não passa por Auschwitz nem pelas camisas negras, nem pela raça, nem pelo expansionismo imperial. O fascismo hoje tem o rosto da democracia, integrou o antifascismo de ontem, assumiu-lhe o discurso, adaptou-se, enfim aos novos tempos da economia e da técnica. É isto que este filme parece (ingenuamente) ignorar.

Fundado num «voltar-atrás» doloroso (anti-rétro lhe chamaram os *Cahiers du Cinéma*), *Um Dia Inesquecível* tem, porém, as qualidades indimentáveis de uma obra em corpo inteiro, de um filme de uma coerência interna exemplar; ninguém lhe negará, por certo, a capacidade de delinear com alguma justeza a amarga situação da Itália fascista nos anos 30, a capacidade de traçar as coordenadas fundamentais de um quotidiano medíocre e sem resposta (contrapartida) visível. Nós, que vivemos até há tão pouco um clima estagnado com tão largas semelhanças com aquele, podemos avaliá-lo com razoável precisão. Quanto a situar o filme no actual cinema e na actual situação política italiana, tais são (largos) contos que aqui se não referem mas a que conviria voltar um destes dias.

«Os revoltados do ano 2000» de Narciso Ibáñez Serrador

FICHA:

Título original: Quien puede matar a un niño?

Realização: Narciso Ibáñez Serrador (Espanha-1976)

Argumento: Luis Penafiel, segundo romance de J. J. Plans

Fotografia (eastmancolor): José Luis Alcaine

Cenários: Ramiro Gomez

Música: Waldo de los Rios

Montagem: Juan Serra e António Ramirez

Interpretação: Prunella Ransome (Evelyn), Lewis Fiander (Tom), António Irazzo, Miguel Narros, as crianças, etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo

Cinemas: Berna e Caleidoscópio

Classificação: Interdito a menores de 18 anos

Duração: 100 minutos.

Antes de tudo precisemos um facto: neste filme não há revoltados nem ano 2000. A acção passa-se na actualidade e a ideia (notável, se bem que não inédita) é a de colocar um grupo de crianças «possuído» de uma fúria destruidora que lhe vem de fora. O massacre em massa dos adultos (que não se defendem porque, como diz o título original, «quem pode matar uma criança?») é o fim da ficção estabelecida.

Julgo haver neste filme duas zonas separáveis (outros dirão o contrário, contrapondo, com alguma dose de razão que o filme é uno): 1) a ficção «propriamente dita» onde a encenação da referida ideia é feita com alguma habilidade sem porém ser, de modo nenhum, mais do que a aplicação cuidadosa das regras do cinema de terror; 2) um genérico feito de montagem de alguns documentos (Auschwitz, Vietname, Biafra, Paquistão...) onde as crianças são as vítimas privile-

giadas das guerras e das acções de extermínio.

A articulação destas duas zonas parece corresponder a um propósito: «justificar» a pretensa revolta das crianças em nome do que os adultos lhes fazem quotidianamente. Ora aqui é que me parece necessário apontar duas coisas. Por um lado a (aparente) má-consciência do realizador ao usar crianças como agentes de terror; por outro a extrema demagogia que é procurar «desculpar-se» usando aspectos não-ficcionais e tirados da trágica história que fazemos, aspectos que não só nada têm

a ver com a ficção como (o que é pior) procuram dar-lhe uma canção moral e (até) política de que ela não necessita e que roçam o mais repulente oportunismo.

E neste aspecto que *Os revoltados do ano 2000* atingem a esfera da desvergonha. E não havia necessidade disso. E que o Serrador assume os códigos do «género» que escolheu (e a violência corresponde), tratando as crianças não enquanto tais (que o não são) mas enquanto aparência física de uma fúria maléfica que lhes é estranha (e aqui estaria uma ideia interessante e forte) ou

pretende fazer um discurso em que «justifique» o comportamento das crianças em nome de uma rebelião. Neste segundo caso estaríamos perante um dos mais infames operações de venda que o cinema poderia fazer.

Queremos crer que não é assim. Mas, pela dúvida, sempre acrescentamos que gostaríamos de ver esta ficção encenada sem alibis. As meias-águas são muitas vezes águas turvas e não há nada de mais ridículo que uma provocação com vergonha de o ser.



Uma ideia cheia de força mas carada por uma «justificação» demagógica e oportunista

Canal da Crítica

NA VOZ DOS POETAS, A VOZ DE ABRIL MÁRIO CASTRIM

O dia de ontem merecia rancho especial. Não o teve, a não ser em duas rubricas, como adiante veremos.

Mas assim mesmo, em relação ao ano passado, não revela nenhuma comparação. Pelo menos falou-se mais do 25 de Abril, falou-se nisso com mais insistência e não já naquele tom envergonhado com que as famílias se referem ao parente mais pobre ou transviado.

Faltou-lhe dinamismo é certo. Pouco soubemos (a este pouco, pouco lhe falta para ser nada) dos festejos com que o pouco, pouco lhe falta para ser Talvez se possa aqui falar da falta de meios técnicos e humanos. Talvez. Ou talvez se possa aqui falar em algo de que falar não me apetece. De uma certa...indiferença, por exemplo. De um certo encolher de ombros.

Que por vezes se confundirá com provocação.

MAS QUE RAIO DE CANTIGA

Algumas coisas boas ontem aconteceram. Mas antes disso importa libertar o peito desta porção de veneno destilado pela TV.

Refiro-me ao filme «Pátio das Cantigas».

Não está agora em causa a sua qualidade artística, embora se possa garantir a possibilidade de mais digna escolha nesse campo. Porque acontece até que o Pátio das Cantigas já apareceu uma data de vezes na Televisão. Há-de ser difícil encontrar um português maior de dois anos que o desconheça. Onde espantar-se qualquer cidadão da preferência dada ao pátio. A que se deverá ela, particularmente no Dia Maior

da nossa liberdade, até hoje vivido?

Como os leitores se lembram, depois daquele chinfrim, no pátio as crianças foram resguardadas num local. Fiquem descansadas — diz-lhes o gordo Narciso — que aqui não lhes acontece mal nenhum. O ninho seguro e calmo de protecção chamava-se, simplesmente, Salazar...

Ele há tantos filmes, mas por que «simpatia» logo foram escolhidos um em que a propaganda fascista se mostra tão às claras? E logo no 25 de Abril?

Acaso? Não seremos já suficientemente adultos para não acreditarmos em acaso? Mistério? Mas seremos ainda tão ingênuos para embarcar em mistérios desses? A menos que...

Descobri. A menos que seja por uma questão...de pluralismo.

POESIA, UMA ARMA

A emissão acabou com a repetição da obra de Carlos Paredes O oiro e o trigo, numa realização que constitui matéria de antologia para a História da RTP. Certamente é bom voltar a ver e ouvir as obras de qualidade. Mas seria preferível assistirmos a um trabalho inédito de Carlos Paredes. Também na arte, e não apenas no comércio, é preciso aumentar o espólio. Se Carlos Paredes não apresentou obra nova, a culpa será da RTP que não lhe encomendou. Decerto por esquecimento.

Falaremos de coração aberto daquela rubrica dedicada à poesia de Resistência apresentada por Augusto Abelaira. Digamos que foi, na sua brevíssima meia-hora o diamante de

doze horas de emissão. A mim, que as tenho todas no bucho, se volto os olhos para trás, é das poucas coisas que trago na rede.

Pelas vozes de Fernanda Alves (alguém esquecerá a maneira como disse o poema de Fernando Pessoa?) de Mário Pereira e de Ary dos Santos, chegaram até nós versos de Carlos de Oliveira, José Gomes Ferreira, Sofia de Melo Breyner, Manuel da Fonseca, Joaquim Namorado, Eugénio de Andrade, Adolfo Casais Monteiro, Mário Dionísio, Fíama Hasse Pais Brandão, Manuel Alegre e José Craveirinha. Dói que tantos e tantos nomes politicamente resistentes hajam ficado de fora. Aliás, Augusto Abelaira, não deixaria de referir «as grandes injustiças» por omissão a que se via obrigado pela falta de tempo. Tinha de ser, na verdade. Mas aguardemos que a Televisão reconheça que o 25 de Abril não é pássaro de gaiola a quem se dê alpista uma vez por ano. Aguardemos que Augusto Abelaira possa continuar a falar-nos pela Televisão, dos poetas que lutaram ao lado do seu povo.

A Revolução de Abril não se defende só no dia do aniversário: defende-se hora a hora. Que a poesia viva continue pois na apresentação simples e antipaternalista de Augusto Abelaira.

Que a poesia continue a ser — uma arma.

DE PEQUENINO SE DÁ FORÇA A ABRIL

Suponham a maravilha da revolução de Abril contada às crianças. Recordo-me de alguma coisa como isso, durante

breves minutos de uma reportagem: o capitão Begonha respondia, com palavras cheias de inteligência, às perguntas colocadas por meninos aqui perto de Lisboa. Loures, se não estou em erro.

Pois ontem, assistimos a essa maravilha. Só que não aconteceu em Portugal, mas na Suécia. Num programa da televisão sueca dedicado às crianças, um jornalista escandinavo era entrevistado sobre alguns problemas da Revolução de Abril, focados em documentários sobre a realidade portuguesa em 1975.

Deste facto, desejo apenas retirar o exemplo e apontá-lo à televisão portuguesa. Toda a educação pressupõe uma informação. Diz-me como informas, dir-te-ei como educas. Ora no aspecto da informação de nossa realidade, as crianças são sistematicamente esquecidas na televisão portuguesa. Esta oferece-lhe, como em certas fases de antes do 25 de Abril, doses maciças de filmes deseducativos de origem americana. Trata-se de um convite à evasão, ao embrutecimento segundo o truque de retirar o chão de debaixo dos pés: fica-se a pairar na imponderabilidade da imaginação sem freio, sem beleza.

O filme sueco chegou até nós integrado na rubrica Tele-juvenil a qual teve outros méritos, como seja o inquérito sobre o 25 de Abril e a juventude. Valiosas, principalmente, foram aquelas palavras de jovens sindicalistas e estudantes que referiram exactamente a necessidade de defender Abril em cada uma das horas da nossa vida.

Vou acabar aqui. Para acabar em beleza. Para não falar da pobreza, do fraco tecido das palavras de Pessa que fez a cobertura das manifestações em Lisboa. Talvez nem seja por maldade política (digamos...). Talvez nem seja por miopia de repórter, para quem os participantes na festa de Abril eram pura e simplesmente «foliões». Talvez seja apenas o excessivo calo de reportagens das feiras da Colegã.

MÁRIO CASTRIM

P. S. Antes de ontem, o Bal-sinha do 25 de Novembro apresentou-nos alguns oficiais do 25 de Abril, os primeiros a subir a rampa do Lumiar para a ocupação da RTP. Falou-se, entre eles, do capitão Águas. E o capitão Águas não desmentiu.

Talvez. Acompanhei o caso com muita atenção, desde o início, e não me lembro de saber de nenhum Águas a subir a rampa no dia 25. A verdade é que ele não desmentiu a História, e com a História não se brinca. De modo que, se bem me lembro, o esquecimento é meu. M. C.

Hoje



«O Casa rão»

I PROGRAMA

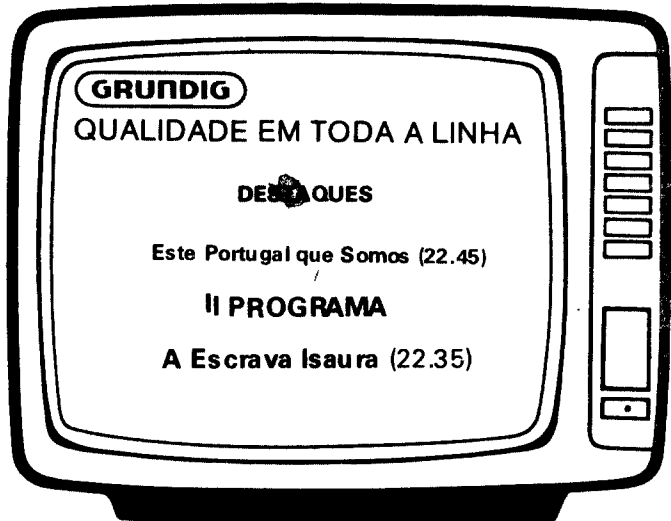
18.25 Telejornal 2.ª edição.
18.30 Sandman 4.º episódio.
18.45 Volta ao Mundo das Fábulas
18.50 Operação Pala Negra 3.º episódio — «O Prisioneiro».
19.20 Tempo de Desporto.
19.45 Vamos Jogar no Totobola.
20.00 Telejornal 3.ª edição.
20.35 O Casa rão — Uma produção da Central Globo de Televisão. 83 ep.
21.00 Boletim Meteorológico.
21.05 31 de Boca — Concurso.
22.45 Este Portugal que Somos — Um programa do dr. António José Saraiva.
23.15 Viagem — «Estremadura» — viagem pela Grande Lisboa.
00.15 Telejornal 4.ª edição.
00.25 Fecho.

TUDOR

BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

19.00 Ano Propedêutico.
22.00 Telejornal.
22.35 Escrava Isaura (Repetição do episódio N.º 25)
23.00 Fecho.



Amanhã

II PROGRAMA

... 09.15: Ano Propedêutico; 12.10 Entrevista; 12.20: Música para o Almoço; 12.40: Escrava Isaura — Episódio n.º 48; 13.15: Telejornal 1.ª edição; 13.30: Telejornal 1.ª edição; 13.30: Ciclo Preparatório TV; 18.30: Telejornal 2.ª edição; 18.35: Ideias e Mãos; 19.05: Onde Nasce o Nilo; 19.30: Júlio Resende; 20.00: Telejornal 3.ª edição; 20.35: «O Casa rão» — episódio n.º 84; 21.10: Boletim Meteorológico; 21.15: O Jogo do Seado — 2.º Programa; 21.50: O Homem a Fuga; 23.40: Telejornal 4.ª edição; 23.55: Fecho.

II PROGRAMA

... 19.00: Ano Propedêutico; 22.00: Telejornal; 22.35: Escrava Isaura — Repetição do Episódio n.º 48; 23.05: Fecho.

quarteto

2.ª SEMANA

Distribuidores Reunidos

quem é louco? quem o não é?

A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO

LA TÊTE DE NORMANDE ST ONGE

CAROLE LAURE

num filme de GILLES CARLE

FILME DE QUALIDADE/INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

SERVIÇO PERMANENTE

(INCLUINDO SABADOS E DOMINGOS)

Repara em sua casa até as 24 horas

todas as marcas com garantia

LISBOA E ARREDORES

MARCELO

TELEFONE JÁ!

644097-643525-641202-659118/90

circular

é viver

• TRINDADE •

— INATEL —

APRESENTA

Domingo às 21.30

NOITE DE MÚSICA CORAL

com o

CORO MISTO DO INATEL

Direcção de José Robert

PROGRAMA

CANÇÕES POPULARES

PORTUGUESAS

MÚSICA DO BRASIL

ESPIRITUAIS NEGROS

ENTRADA GRATUITA

(Esp. para todos)

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Carmo e Terreiro do Paço: marcos na história da Revolução



VELA ONTEM
Mau tempo
não ajudou
à festa

Integrada nas comemorações oficiais do quarto aniversário do Movimento de 25 de Abril, decorreu ontem em frente a Belém, uma regata que contou com a participação de cerca de setenta embarcações. A organização da prova pertence à Associação Regional de Vela do Centro.

Devido ao mau tempo que se fez sentir, não participaram (como estava previsto) barcos das classes «Optimist» e «Cadete». As condições atmosféricas afectaram também, o decurso da competição.

Os vencedores nas várias classes foram: Europe Carlos Oliveira (Clube Oriental de Lisboa); Vaurien José Tavares/José Rogues (Paço de Arcos); Snipe Alves da Costa/Guida Machado (Algés e Dafundo); 420 Hélder Guimarães/Francisco Romão (Clube Naval de Lisboa).

A distribuição dos prémios efectua-se depois de amanhã no Hotel da Torre, em Belém, e contará com a presença do Presidente da Comissão das Comemorações, capitão Sousa e Castro.

25 DE ABRIL: «1ª CORRIDA DA LIBERDADE»

De Ana Machado ao Benfica

As comemorações do «25 de Abril» (4.º aniversário da Revolução) decorreram em todo o país, tendo como denominadores comuns a esperança da sua perpetuação e a denúncia dos ataques fascistas, que vêm subindo de tom com a concomitante passagem à prática quotidiana nos últimos tempos.

Para além desses aspectos, e integradas nas comemorações, efectuaram-se diversas

manifestações desportivas em vários locais, do Minho ao Algarve, que por falta de espaço e outras limitações não poderemos noticiar condignamente. Haverá que referir, no conjunto, e fazendo dela uma clara amostra descentralizadora, a «1.ª Corrida da Liberdade», na qual participam 3200 atletas de ambos os sexos, e dos diversos escalões.

A prova consistiu de três percursos diferentes com partida

no Terreiro do Paço, Quartel do Carmo e Quartel da Pontinha (marcos no movimento de 25 de Abril de 1974), e nova chegada comum, à Praça dos Restauradores. O percurso com partida do Largo do Carmo, de cerca de mil metros, era reservado a atletas infantis e iniciados de ambos os sexos. Do Terreiro do Paço largaram, por sua vez juvenis masculinos e femininos e juniores femininos, que percorreram cerca de

1500 metros. E, por último os nove mil metros entre o quartel da Pontinha e os Restauradores reservados a seniores e juniores masculinos. Os participantes percorreram o percurso em estafetas, contando cada equipa com três atletas.

Os vencedores foram: Infantis masculinos: Luís Silva; infantis femininos: Ana Machado; iniciados femininos: Ana Ferrão; iniciados masculinos:

Jose Matos, juvenis femininos: Celestina Rosa e juniores femininos: Filomena Raul.

No estafeta, as classificações foram as seguintes: seniores: 1.º Benfica A; 2.º Benfica B; 3.º Sporting A; 4.º Armada; 5.º Povoense A; Juniores: 1.º Ases; 2.º Povoense; 3.º Mira-Sintra e 5.º MBD. Populares: 1.º Mucifalense; 2.º Agualva; 3.º Armada.

ANDEBOL

«Férias grandes» já se foram

O Sporting, Belenenses e F. C. do Porto, principais candidatos ao título nacional de andebol (que o Belenenses garbosamente ostenta), terminaram uma longa prova de vinte e duas jornadas, em que mais não fizeram do que (por a isso não serem obrigados) «passar» uma supremacia incontestada.

Campeão de zona imbatível, o Sporting conseguiu a média de mais de 32 golos por jogo (685 no total), tendo marcado mais 45 do que o Belenenses, que, por sua vez, sofreu menos cinco golos (366) do que os «leões». O F. C. do Porto, que

apenas sofreu uma derrota (Beira-Mar), finalizou com 503-311.

Estas três equipas, mais o Académico do Porto (que parece não «contar» em termos de competidor ao título), são as finalistas do Campeonato Nacional a realizar em duas voltas, com início em 29 do corrente e termo na primeira semana de Junho. Não estão, entretanto, previstas paragens, um conveniente que se regista.

Aquele trio, terminadas as «férias grandes», vai principiar o trabalho (duro) no sábado, cada um ambicionando uma viagem à Europa, em presença

de glória o Belenenses, vencedor em Lisboa e em França do titular deste País.

Aproveitamos a oportunidade para referir os jogos da jornada inaugural da fase decisiva da prova: Sporting-Académico e F. C. do Porto-Belenenses, nos recintos dos primeiros.

Entretanto, consumaram-se as despromoções do Sporting de Braga e Desportivo de Portugal (Zona Norte), enquanto o Encarnação perdeu a dura luta para evitar a descida, no que foi acompanhado pelo Campo de Ourique ambas da Zona Sul.



Niki Lauda: que futuro?

vindo ao Grande Prémio» e desenvolveu várias actividades de cariz publicitário. Em Milão ocupou-se de questões técnicas relacionadas com a actual temporada automobilística.

Conversou demoradamente com o engenheiro Carlo Chiti, director desportivo da «Alfa Romeo» e, segundo transpirou, expôs-lhe as suas inquietações quanto à próxima prova do Campeonato do Mundo, o Grande Prémio do Mónaco, que se correrá no dia 7 de Maio.

Lauda é o primeiro piloto da escuderia inglesa «Brabham», que utiliza os motores «Alfa Romeo» de doze cilindros, e, ultimamente, correram notícias sobre um iminente divórcio entre a «Alfa» e a «Brabham», devido a acusações mútuas de inércia na preparação de motores e carros.

Para hoje

ANDEBOL

Campeonato Regional de Lisboa da 4.ª Divisão: Desp. Pena-GD, às 20 horas, e SL Olivais-B. Jaz, às 21 e 15, ambos na Ajuda. Campeonato Regional de Reservas: Técnico-Sp. Penha, às 22 e 30, na Ajuda.

BASQUETEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão — Zona Sul — Grupo A: Cruz Quebradense-SL Oriental, às 20 e 30, na Ajuda; Belenenses-Luso, às 20 e 30, no Restelo; CDUL-CUF, às 21 horas, no Pavilhão Universitário. Grupo B: Sacavenense-Estrelas de Alvalade, em Sacavém e Nacional-Montijo, na Ajuda, ambos às 22 horas.

SUPER LONDRES 2000

Viagens de 4, 5 e 8 dias LONDRES
Partidas às 5.ª e Domingos
Preços desde
6.650\$00
incluindo viagem aérea LISBOA/LONDRES/LISBOA
Alojamento em Hotel e pequeno-almoço. Transporte aeroporto/hotel/aeroporto. Meio-dia de visita da cidade.
Acompanhamento de um guia falando português.
Peça-nos programa

CONSULTE
BUISSON
VIAGENS · TURISMO

RUA BRAAMCAMP, 15 - D
Tels. 4 04 59 - 4 04 68 - 55 68 23
Teleg. BUISTOUR - Telex 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

RÁPIDAS RÁPIDAS RÁPIDAS

O ex-campeão mundial de pugilismo da categoria dos médios, o colombiano Rodrigo Valdez, anunciou que tenciona retirar-se do pugilismo. Valdez foi derrotado, no sábado passado, pelo argentino Hugo Corro, perdendo a sua coroa. Entretanto, o «manager» do novo titular anunciou já que o próximo combate deste será em Copenhaga, no mês de Junho, com o ítalo-americano Vito Antuoferno.

No quinto e último (em basquetebol) jogo da segunda jornada do Torneio de Sofia, disputado ontem, a França bateu a Roménia por 86-76, com o

resultado ao intervalo favorável aos franceses por 44-36.

Na última jornada dos campeonatos da URSS (de halterofilia), o super-pesado Sultan Rakhmanov melhorou o «record» mundial do arranque com 200,5 kg. O anterior «record» pertencia ao búlgaro Platchkov, com 200 quilos.

O piloto canadiano Gilles Villeneuve efectuou uma série de testes no Circuito de Fiorano com o «Ferrari 312 T3», os quais foram encurtados devido à chuva. As dificuldades criadas pelo clima, somou-se a ausência do argentino Carlos Reutemann, que continua retido no leito, na Argentina, com gripe. A pista de Fiorano sofreu no último dia modificações diversas, com a intenção de reproduzir passagens do circuito cittadino de Monte Carlo, onde se realizará a próxima prova do Campeonato do Mundo de condutores, no próximo dia 7 de Maio.

Faleceu num desastre de

viação a grande esperança do esquí italiano, Robert Burini. Contava 19 anos. O esquiador integrou a selecção transalpina em todas as provas da Taça do Mundo deste ano. O seu sucesso mais relevante foi obtido o mês passado, durante uma prova realizada em Valmalenco, e integrada na Semana Internacional de Esquí.

O mexicano Miguel Canto reteve o seu título de campeão do mundo de pugilismo na categoria de mínimos (versão do Conselho Mundial de Boxe), ao derrotar ontem, em Tóquio, aos pontos (por unanimidade), o japonês Shoji Oguma. Foi a décima segunda vez que o mexicano defendeu com êxito o título, conquistado a Oguma, em Janeiro de 1975.

O norte-americano Willie Smith obteve a melhor marca mundial do ano dos 400 metros, fazendo 44,73 segundos no decurso de um encontro universitário de atletismo realizado em Tuscaloosa, no Alaba-

ma. O tempo obtido por Smith, de 22 anos, constitui ainda a décima melhor marca mundial de todos os tempos. Recordou-se que o recorde do mundo pertence ao norte-americano Lee Evans, com 43,86 segundos, e foi obtido em 18 de Outubro de 1968.

A soviética Nona Gaprindashvili, que detém o título mundial feminino de xadrez, ganhou o torneio internacional desta modalidade disputado em Belgrado, com o total de 9,5 pontos. Classificaram-se a seguir as cadrezistas: Ivanka Hungria) 9 pontos, Veresi (Hungria), Erenska (Polónia) e Van Der Mije (Holanda) e, e (Harston (Inglaterra), com 7,5 pontos.

Julia Bogdanova, estabeleceu novo recorde do mundo de natação, nos 200 metros bruços, ao percorrer a distância em 2 minutos, 33,32 segundos, ontem em Leninegrado, no decurso de um encontro de natação entre a União Soviética e a República Democrática Alemã.

ANTES DA POLÓNIA (EM MAIO)

Juniiores no Barreiro com cravos vermelhos

O seleccionado de juniores que em Maio, na Polónia, participará na fase final do Torneio Europeu da UEFA, reatou ontem, no Barreiro (Estádio D. Manuel de Melo), a sua preparação, empatando com o clube local (Barreirense) a zero golos.

Foi o que estava convencionalmente: um jogo-treino. Acima de tudo, e como tal, constituiria momento especial da tarde o gesto dos nossos jovens seleccionados, quando ofereceram cravos vermelhos a muitas das centenas de espectadores que

quiseram presenciar o «teste».

O árbitro setubalense Marques Pires dirigiu a «partida», que terminou em branco depois de alguns lances de excelente recorte técnico e apego que nenhuma das partes em confronto regateou. Refira-se ainda o facto do Barreirense ter apresentado dois brasileiros em estreia, os quais se encontram em regime de observação por parte de Manuel Oliveira.

As equipas: Barreirense: Abrantes; Romão, Cansado, Veiga e Cunha;

Páscoa, Serra e José João; Andrade, Coentro Faria e Piloto.

Seleção: Beto (Justino); Simões, Bastos Lopes (Santana), Tomás e Artur; Quinto (Vitinha), Teixeira (Nogueira) e João Santos (Ganhos); Parente (Salvador), Almeida (Grilo e, mais tarde, Alvaro) e Diamantino (Gaspar).

Os juniores seleccionados voltam amanhã ao Barreiro, mas para de frente, também em jogo-treino, no Lavradio, a equipa da CUF, a partir das 16 e 30.



Alguns dos seleccionados de juniores (entre Peres Bradeira e o professor Josuá de Ferreira, dupla encarregada da sua preparação) que ontem jogaram com o Barreirense e esta manhã evoluíram no pelado do Estádio do Restelo. Amanhã, a partir das 16 e 30, defrontarão a CUF no Lavradio.

Outro futebol

JUVENIS

O Benfica venceu o Estoril por 2-0, enquanto o Lusitânia de Lourosa se impôs (3-0) ao Anadia, em jogos a contar para a Taça Nacional de Juvenis. O desafio da Luz encontrava-se em atraso para esta prova, enquanto o de Lourosa (Vila da Feira) funcionou como antecipação relativamente à próxima ronda.

BEIRA MAR-BENFICA

Devido ao mau tempo que assolou Aveiro (e não só), o encontro particular marcado para ontem, naquela cidade, que deveria opor a equipa local (de Fernando Cabrita) ao Benfica, foi adiado para data ulterior. Segundo apurou o «DL», as equipas poderão medir forças no dia 25 de Maio, ainda no Estádio «Mário Duarte». Outro dia possível: 31 do próximo mês.

RUI RODRIGUES

O defesa coimbrão Rui Rodrigues é hipótese, como reforço, para o Leixões na próxima época. A transferência, a concretizar-se, simplificará a actividade do «farmacêutico», que tem a sua vida praticamente instalada no Norte. Jogadores que, apesar de cobçados, devem permanecer em Matosinhos (com Artur Santos): Jacinto e Josafá.

DE REGRESSO

Vagner deverá deixar o Setúbal no fim da presente temporada, regressando ao Brasil. Para tanto terá, entretanto, recusado um convite que lhe foi dirigido pelo Comércio e Indústria de Setúbal, equipa que, sob as ordens de Jaime Graça, milita no campeonato «distrital». Por outro lado, anuncia-se também o retorno de Isaias ao seu país natal, parecendo haver nesse sentido acordo entre o atacante e o Sporting.

URUGUAI

Em jogo de preparação para o «Mundial» de futebol da Argentina, o Uruguai bateu a selecção argentina por 2-0, com 0-0 ao intervalo.

BARREIROS

O Governo Regional da Madeira optou pela construção de zonas desportivas, em vez de aumentar o número de bancadas do Estádio dos Barreiros. Esta deliberação enquadra-se na política de fomento desportivo.

INGLATERRA

Resultados dos encontros de ontem para a liga inglesa de futebol: Bristol City-Manchester United, 0-1; Ipswich Town-Notttingham Forest, 0-2; Liverpool-Arsenal, 1-0; Manchester City-Coventry City, 3-1; Middlesbrough-West Ham-United, 1-2; Queens Park Rangers-Birmingham City, 0-0; West Bromwich Albion-Everton, 3-1.

FINAL DA TAÇA UEFA: 1ª «MÃO»

Bastia e PSV de Eindhoven no «inferno» de Furiani

Ainda não são conhecidas as constituições iniciais que o Bastia e o PSV de Eindhoven apresentarão esta noite, no «inferno» de Furiani, na mais populosa cidade da Córsega, no encontro respeitante à primeira «mão» da final da Taça UEFA. Tanto Pierre Cahuzac (técnico do Bastia) como Kees Rijvers se fecharam no mais hermetico mutismo a esse propósito, rodeando a declaração das maiores precauções.

Entretanto, Johnny Rep e Claude Papi, os dois mais categorizados jogadores da equipa

corsa (o último é o habitual «capitão» da equipa) e, curiosamente, os seus marcadores de serviço, deverão integrar, ao fim da tarde, a equipa do Bastia que descerá ao terreno, pois que já se recuperaram das lesões que contrairam há tempos. De acordo com Pierre Cahuzac, «encontram-se já a 90 por cento», devendo logo «estar em perfeitas condições».

Rep, o holandês de 26 anos que foi com o Ajax campeão europeu em 1973, não joga há três semanas por ter um cotovelo deslocado. Papi, o perigo

so médio de ataque, de 29 anos, facilmente reconhecível por ser quase completamente calvo (e que com o golo marcado ao Grasshoppers de Zurique, há duas semanas, lançou o Bastia para a final da Taça UEFA), tem estado em tratamento de uma lesão muscular.

Quaisquer que sejam as condições de Rep e Papi, Cahuzac conta ainda com outra «arma» extremamente perigosa: o marroquino Abdelkrim «Krima», de que o técnico do PSV, Kees Rijvers, afirma que tem de ser «vigiado durante os 90 minutos como se fosse leite a ferver».

Rijvers mostra-se confiante em «perder por pouco» no difícil Estádio do clube corso, e em resolver a final a seu favor dentro de duas semanas, na Holanda. A sua equipa é poderosa, e conta com nada menos de seis dos 40 pré-seleccionados para a selecção holandesa de futebol que em Junho disputará o «Mundial» da Argentina. De salientar, entre eles, os irmãos Van de Kerkhof e o médio Poortvliet. É ainda possível a inclusão, no PSD, do avançado inglês Nick Deacy.

PARA O «MUNDIAL»

Brasil à procura dos melhores

A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) decidiu ontem, numa reunião da sua Comissão Técnica no Rio de Janeiro, afastar os avançados Tarciso e Romeu da equipa principal para as finais do Campeonato do Mundo.

Quatro jogadores da lista de reservas vão ser chamados a treinar para os jogos do Campeonato na Argentina: o guarda-redes Waldir Perez, o médio Chicão, e Zé Sérgio, todos do S. Paulo, e o avançado

Roberto, do Vasco da Gama.

Os 23 jogadores que começarão agora a treinar em Teresópolis, próximo do Rio de Janeiro, são: guarda-redes: Leão, Carlos e Waldir Perez; Defesas: Zé Maria, Toninho, Oscar, Abel, Amaral, Polozzi, Edinho e Rodrigues Neto; Meio-campo: Cerejo, Batista, Chicão, Rivelino e Dirceu; e ataque: Gil, Zico, Nunes, Jorge Mendonça, Reinado, Roberto e Zé Sérgio.



Agostinho: reaparição para breve, depois de dois meses de repouso forçado (queda no Paris-Nice)

TAÇA «25 DE ABRIL» COM VASCO LOURENÇO

Vitória de «O Diário» e azar do «DL»

O azar do «DL» eliminado na «secretaria», quando já havia despachado o «Expresso» por 3-2 e tinha meio despachado «A Capital» por 3-0 (o regulamento exigia mais que um redactor na equipa e só um conseguiu acordar a horas...) facilitou a passagem à final ao nosso prezado colega «O Diário», que, bem apoiado pelo pessoal da «ferrugem» da Verda Nova ganhou a almejada taça 25 de Abril, ao bater os colegas de «A Luta», por 4-3 (com prolongamento e penal-

ties). A final teve lugar ontem, na presença dos «capitães de Abril», major Vasco Lourenço (que entregou a taça) e capitão Carlos Clemente, e incluiu, na assistência, muita gente da imprensa, nomeadamente Jacinto Batista (director do «DP») e os directores de «A Luta», Raul Rego e Vítor Direito, estes um pouco acabrunhados pela «derrota». Aliás a final foi «quente», bem disputada, dando ares, em alguns momentos do entusiástico «Sporting-Ben-

fica»..., mas só em matéria de ardor e rivalidade, claro!

A anteceder o «derby» o «DL» desforrou-se da ANOP (organizador do torneio do respectivo regulamento que proíbe grandes dormidas aos jornalistas) vencendo por 5-2. Houve taças para as quatro equipas presentes, ontem no ringue da Cel Cat, e o objectivo principal, convívio democrático entre homens que trabalham na Informação foi conseguido. Parabéns à ANOP!

Modalidades em desfile

CICLISMO

O francês Bernard Hinault, da «Renault-Gitanes», é o primeiro «camisola amarela» da Volta à Espanha em bicicleta. Depois de ter triunfado ontem no prólogo, um contra-relógio de 8600 metros, realizado em Gijón, Hinault foi cronometrado em onze minutos 16,6 segundos, tendo a prova decorrido sob forte chuva. Ferdi van den Haute, da Bélgica, que representa a «Supéria», foi segundo, com 11.45,3, seguido do espanhol José Luis Viejo, da «Kas», com 11.50,8. José Martins classificou-se em 29.º, com o tempo de 12'23".

ATLETISMO

A representação espanhola no Torneio Internacional de Atletismo 1.º de Maio, que decorrerá na próxima segunda-feira, é a seguinte: disco (fem.), Encarnación Gabus (44,52) e Carmen Garcia (43,26); altura (fem.), Teresa Calderon (1,72); 1500 m (fem.), Pilar Fernandez (4,37) e Encarnación Esendero (4,25,2); vara, Alonso (5,05); tripo, Alberto Santamaria (16,16) e Alberto Solanas (16,13); 100 m, José Arques (10,6); 800 m, Lopez Ecea; 5000 m, Santiago de la Parte (13,45,6); Candido Alario (13,59) e José Bartolome. Está por outro lado, definitivamente confirmada a presença do francês Philippe Houvion, para a prova de salto à vara (5,35).

BASQUETEBOL

O Atlético venceu o Olivais (87-75), ontem em jogo antecipado à jornada de 6 de Maio, e relativa ao Campeonato Nacional de Basquetebol da I Divisão de seniores, masculinos, para o Grupo B (do 7.º ao último lugar).

HÓQUEI EM CAMPO

Decorreu ontem a 13.ª jorna-

URSS

condena culturismo

A União Soviética prossegue a batalha contra o culturismo, modalidade desportiva considerada «burguesa» e «em desacordo com a ética socialista por propiciar o desenvolvimento individualista e egoísta do corpo humano».

O Diário «Pravda» criticou o culturismo, ridicularizando os seus adeptos, com motivo na sentença que recaiu, na Ucrânia, sobre vários praticantes desta especialidade. O periódico revelou que «estavam sentados, no banco dos réus, homens com os ombros tão levantados que até pareciam que estavam inchados».

Tratavam-se dos responsáveis de um clube desportivo, «Fakel», da Ucrânia, que foram castigados a «diferentes penas de prisão», acusados de saírem para a rua, depois dos treinos com a finalidade de provocar «desordens» e praticar «actos anti-sociais».

O diário desportivo «Sovietski Sport», e outros órgãos da imprensa, têm condenado repetidamente o culturismo, numa campanha contra esta modalidade, que tem suscitado diversas disposições do Comité Estatal de Educação Física e Desportos.

Entretanto, foi proibida a criação de mais clubes desta modalidade, assim como a construção de ginásios destinados à sua prática, com base «na falta de sentido humanista que provoca o aumento dos músculos bíceps».

O tribunal do bairro «Pridneprovsky», da cidade ucraniana de Cherkassi, condenou a penas de prisão, segundo o «Pravda», dois responsáveis do clube culturista, assim como «vários dos seus cúmplices».

da do Campeonato Regional de seniores de hóquei em campo, que teve os seguintes desfechos: Futebol Benfica, 0-Atlético, 0; Hockey, 0-Benfica, 6; Odivelas, 1-Palmense, 1. Os encontros CELCAT-Cascais e Belenenses-ISEF foram adiados devido ao mau tempo. Benfica, Belenenses e F. Benfica lideram a prova.

TÉNIS DE MESA

José Alvócio e Madalena Gentil, ambos do Sporting, são os primeiros campeões nacionais absolutos, vencendo nos seus escalões no decorrer da jornada de ténis de mesa do Pavilhão do Carmo de Ourique. No torneio em questão participaram 441 atletas (350 do sexo masculino e 91 do sexo feminino).

AUTOMOBILISMO

A equipa formada pelos condutores Joaquim do Carmo e João Pais, ao volante de um «Datsun 240 Z» venceu o «Rali da Primavera», 3.ª prova oficial do «Terceira Automóvel Clube», disputada na Ilha Terceira, numa distância de 245 quilómetros, divididos em duas etapas, e com 14 «classificativas». Nos lugares imediatos classificaram-se João Hermínio/Gilberto Costa, em «Toyota Corolla 1200», e Jorge Braz/Orlando Couto, em «Mini 1275 GT».

CA MPIS MO

Em Seia, vai ser criado um parque de campismo, para o que o município local decidiu adquirir a Mata de Sant'Ana. Espera-se que o novo parque entre em funcionamento ainda este ano.

Seia é um dos mais importantes pontos de acesso à Serra da Estrela, sendo visitada anualmente por milhares de turistas.

Roteiro Cultural

HOJE

A estreia de «Música para Si» é, sem sombra de dúvida, o acontecimento cultural de hoje. Trata-se de uma peça de Franz-Xaver Kroetz posta em cena por Jorge Silva Meb e Luís Miguel Sintra e interpretada por Isabel de Castro, que estreia hoje no Instituto Alemão. Julgamos estar em condições de recomendar sem restrições e recordamos, a propósito, que «Música para Si» apenas estará em cena no Instituto Alemão durante quatro dias.

Se participou nas comemorações do 25 de Abril, é possível que esteja cansado e que pretenda ter, hoje, um dia calmo e tranquilo. Porque não aproveitar para ir a uma das exposições de artes plásticas abertas ao público? Se vive em Lisboa, recomendamos-lhe visitas às galerias «S. Mamede» (exposição de Júlio Rezendes), «Tempo» (exposição de pinturas de Francisco Relógio, Augusto Bual e António Araújo) e «Gioconda» (exposição de Moita Macedo).

Culturalmente e se esquecermos a estreia de «Música para Si» no Instituto Alemão, o dia não é muito promissor. Porque não aproveitar esta «pausa» para ir ao Museu de Arte Antiga ver a exposição de cerâmica que lhe temos vindo a recomendar desde há tempos? A propósito desta exposição, informamo-lo de que a palestra que José Augusto França devia efectuar amanhã nesse museu sobre «Rafael Bordalo Pinheiro e a sociedade do seu tempo» foi adiada para o dia 4 de Maio.

Vive no Estoril? Abriu ao público, anteontem, uma exposição de Augusto Pinheiro na Galeria de Arte do Casino do Estoril.

A Primeira Exposição de Artistas Plásticos Amadores Sanjoanenses foi inaugurada anteontem no Auditório Municipal de S. João da Madeira. Se vive na área, não perca a oportunidade de a visitar. Se os sanjoanenses não apoiarem as iniciativas destinadas a elevar o nível cultural da região, que é que as vai apoiar?

O dr. João de Meneses Ferreira faz hoje uma conferência, pelas 19 horas no Instituto Britânico. Tema: «Rock inglês dos anos 60».

Lanza del Vasto continua a expor os seus pontos de vista em diversos pontos do País. Hoje fala, às 21 h. no Instituto Universitário Justiça e Paz, Couraça de Lisboa, 30, em Coimbra.

Na sede do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Norte, é exibido hoje à noite o filme «Hóspedes de Verão» no prosseguimento do programa que nesse lo-



Isabel de Castro numa cena da peça «Música para Si», que hoje estreia no Instituto Alemão

cal tem estado a ser exibido sobre Kafka e a sua obra.

O acontecimento cultural mais importante do dia vai ser a inauguração, às 17.30, da exposição «Rubens e os seus gravadores» na Galeria das Exposições temporárias do Museu Gubenkian. A exposição, constituída por uma centena de obras, é uma organização conjunta da Fundação Gulbenkian e da Embaixada da Bélgica e integra-se no programa das comemorações do IV Centenário do nascimento de Rubens. A seguir à inauguração, o professor Franz Boudouin proferirá uma conferência subordinada ao tema «Rubens — introdução à sua vida e à sua obra».

da ao tema «Rubens — introdução à sua vida e à sua obra».

«Summer Holiday» será projectado, pelas 15 horas



no Instituto Britânico onde, pelas 18.30 o dr. João Meneses Ferreira proferirá uma conferência sobre o «Rock inglês dos anos 70».

Dulce Cabrita (mezzo-soprano) e Filipe de Sousa (ao piano) interpretam obras de Fernando Lopes Graça, Varghese Williams e Gertrude Stein no Hotel Estoril-Sol. Trata-se do início dos concertos da série «Concertos da Primavera» promovida, na linha, pela Junta de Turismo da Costa do Sol.

Victor Pavão fala na Sociedade Portuguesa de Au-

tores, sobre o teatro de revista durante a II Guerra Mundial.

O professor Raul Karma profere uma conferência na sede da Associação Vegetariana Portuguesa sobre «higiene mental». Não sabemos ao certo o que isto queira dizer, mas anuncia-se que a conferência será ilustrada «com experiências com miss Betty». Que estas experiências sejam coroadas de êxito é o nosso desejo.

Se vive na região de Pombal, propomos-lhe que vá ao Teatro Amador de Pombal (Ginásio da Escola Secundária) ver «A Raposa e as Uvas» de Guilherme Figueiredo.

A exposição «Herculano e a Câmara de Belém» continua patente ao público no Palácio Galveias. (Campo Pequeno). Admitimos que muita gente da área ainda por lá não passou apesar do evidente interesse da iniciativa.

Junho está-nos a bater à porta e é de admitir que alguns dos leitores deste roteiro tenham filhos com dotes artísticos. Se está nestas circunstâncias, peça ao Casino do Estoril, informações sobre o Salão Nacional de Expressão Plástica Infantil do Estoril, que tem lugar em Junho e em que poderão participar todas as crianças portuguesas dos 4 aos 14 anos.

Sargentos

Continuação da pág. 4

cação da unidade demonstrada entre o povo e o MFA, sendo de realçar o especial carinho com que esse mesmo MFA foi acolhido no seio do povo. Mais adiante, na intervenção do representante do Exército, foram focados «alguns aspectos positivos» conquistados, a nível profissional, pela classe dos sargentos e «que posteriormente se degradaram». Por exemplo: assistência médica, moradia e «que se começa a revelar insuficiente e morosa»; os vencimentos base que estão em acentuado desequilíbrio em relação à galopante inflação do custo de vida; etc.

Na intervenção dos sargentos do Exército sublinhou-se ainda que entre os muitos problemas da classe e das aspirações não conseguidas uma é de realçar: **o estatuto de sargento** «instrumento precioso que consagra e salvaguarda os seus interesses», que continua sem definição, «apesar das muitas promessas feitas por entidades militares responsáveis».

No final do discurso, o representante do Exército, em nome dos seus camaradas, congratulou-se com o fim da guerra colonial. A terminar dirigiu um apelo aos presentes para a defesa da Constituição «que começa a ser alvo dos ataques de alguns sectores que tendem a retroceder para o 24 de Abril».

O convívio encerrou-se com os sargentos «marujos, soldados e páras» a cantar (mais uma vez), a «Grândola, Vila Morena» e o hino nacional.

L F

Festival de coros alentejanos

Por iniciativa da Casa da Cultura da Juventude de Évora, em colaboração com a delegação regional de Évora do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, vai realizar-se nos dias 7, 21 e 28 de Maio próximo, o 1.º Festival de Coros Amadores Alentejanos — «Vozes na Planície».

O festival tem lugar nos claustros do Liceu Nacional de Évora, pelas 16 horas, sendo os outros dois espectáculos no Teatro Garcia de Rezende à mesma hora. No encerramento do festival, haverá uma palestra seguida de convívio entre todos os participantes, no Monte Alentejano.

Subsidiados pelo FAOJ, Junta Central das Casas do Povo, SEC, DGT e INATEL, o festival insere-se no prolongamento do levantamento cultural do distrito e no inventário dos grupos corais levado a efeito pela Delegação Regional de Évora, do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis e Casa da Cultura e Juventude de Évora.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado, o vento era fraco de Oeste e chovia ou caíam aguaceiros.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO.....	13°
BRAGANÇA.....	8°
VILA REAL.....	8°
PORTO.....	12°
PENHAS D'OURADAS.....	2°
COIMBRA.....	11°
PORTALEGRE.....	8°
LISBOA.....	13°
ÉVORA.....	12°
SINES.....	12°
SAGRES.....	15°
FARO.....	16°
PONTA DELGADA.....	16°
FUNCHAL.....	17°

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA	Máxima.....22.2°
PENHAS DA SAÚDE	Mínima.....0°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.12 4,0 m	10.50 0,9 m
17.32 4,0 m	23.17 0,8 m
5.59 3,8 m	11.37 1,0 m
18.20 3,9 m	
6.52 3,6 m	0.09 1,0 m
19.16 3,7 m	12.32 1,3 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu em geral muito nublado; vento fraco ou moderado de Oeste; períodos de chuva ou aguaceiros.



NAScer AS 6.45
OCASO AS 20.25



rádio

1.º Programa
18.00 Música portuguesa. 18.30 «Temas de saúde»... 15 minutos com Gal Costa. 19.00 «O Mundo é a Nossa Casa»... Fados de Coimbra. 20.00 «Jornal da Noite». 20.30 Melodias. 21.00 2.º episódio do folhetim «Grandes Esperanças», de Charles Dickens, numa adaptação de Manuela Machado. 21.20 «Contraponto». 24.00 «Último Jornal». 00.20 Música variada. 01.00 Música na noite.

2.º Programa
17.40 Quarteto n.º 2 em Fá Maior op. 22, de Tchaikovsky. 18.20 Requiem op. 89, de Antonín Dvořák. 20.00 Obras de Beethoven: ... Romância n.º 1 em Sol Maior op. 40 p/ violino e orquestra. ... Sinfonia n.º 6 em Fá Maior op. 68 «Pastoral». 21.00 Ópera comentada por Maria Helena de Freitas. 23.00 «Intercâmbio Musical»: Festival Tibor Varga de 1977... Concerto em Lá Menor, p/ violino e orquestra BWV 1041, de Bach... Divertimento em Ré Maior, K. 334, de Mozart. Concerto pela Orquestra de Câmara de Detmold. 23.53 Quinteto em Dó Maior, de Borodine. 00.17 Sinfonia n.º 3, em Lá Menor op. 56, de Mendelssohn. 01.00 Fecho.

3.º Programa Nacional e Regional (290 m)
18.00 «Vertical». 18.20 Prevenção e saúde, pelo dr. José Matilides. 18.50 Temperaturas do ar. 19.05 Teatro trágico, pelos Parodiandos de Lisboa. 20.15 A lei em que vivemos, pelo dr. Rui Moura Guedes. 21.30 «Quando o Telefone Toca». 22.05 «Quando o Telefone Toca». 24.00 «Suplemento» (continuação). 00.05 Suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer. 00.15 «Dia a dia com o passado». 01.05 Tempo internacional. 01.10 Ver cinema, por Pedro Costa. 02.00 Fecho.

4.º Programa Local (187,5 m)
16.00 «Convite». 18.00 «Compasso». 18.15 Sal e pimenta (repetição). 18.30 Idolos do cinema. 20.10 «Hoje convidamos...». 20.40 Serviço de agenda. 21.00 Fecho.

5.º Programa Emissão Total em Estéreo
16.00 «Gong». 17.00 Música popular do Brasil... «Os cantores do Rádio» (repetição). 19.00 «Em Órbita». 20.00 «Forum». Realização de Jorge Lopes. 22.00 «Auditorium». 22.05 A RDP divulga jazz c/ a colaboração do Hot Clube de Portugal. 00.00 «Prisma». Realização de Fernando Quinas. 02.00 Fecho.

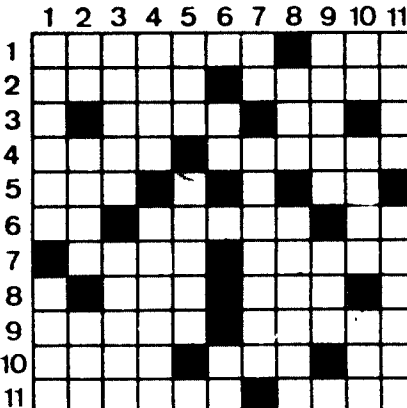
Rádio Pombal em CENA
18.08 Apelos. 18.15 Igreja em Notícia-Palavra do Dia. 18.30 Transmissão do Terço do Ext. do Parque. 19.00 Programa da Liga dos Amigos de R. 20.00 Objectivos. 20.53 Apelos. 21.05 Pentagrama. 21.30 o som da noite. 22.00 Quando o Telefone Toca. 22.30 Temas vivos. 23.30 Textos e pretextos. 23.55 Meditação.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12025

HORIZONTAIS:

- 1 Convocara. Familiar.
- 2 Parte do palácio imperial muçulmano onde estão as odaliscas. Gravura a cores.
- 3 Cesto feito de couro-mujia. Caminhar. Contracção da da preposição a com o artigo definido ou pronome demonstrativo a.
- 4 Levantar. Loucos.
- 5 Freguesia do concelho de Penafiel. Artigo definido (ant.).
- 6 Ósmio (s.g.). Acabamento Antes do meio-dia.
- 7 Anual. Salvo.
- 8 Prende. Repusa.
- 9 Pés de animais Que cresce na areia.
- 10 Gostar muito de Pega Quinto filho de Jacob.
- 11 Amofinado. Vais para fora.



VERTICAIS:

- 1 Odor. Mamífero desdentado espécie de tatu.
- 2 Tempo de verbo haver. Morada. Estima.
- 3 Baús. Natalício.
- 4 Pronome possessivo. Assassinar.
- 5 Gosta muito de. Pegas.
- 6 O lado do vento Preposição e artigo.
- 7 Antes de Cristo. O mesmo que ratinas.
- 8 Esteiro. Frangos com elos.
- 9 Valente. Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel.
- 10 Amónio (s.g.). Pronome pessoal acrescentado.
- 11 Tritures. Terceiro estômago das aves.

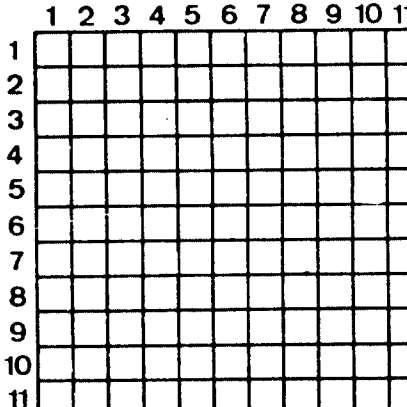
Resolvi completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8085

HORIZONTAIS:

- 1 Planta leguminosa. Nome de jogo.
- 2 Capas sem mangas. Quantidade que se aposta.
- 3 Instalarias no campo.
- 4 Romeiro de Meca.
- 5 Irmã. Trava luta com.
- 6 Prefixo de privação Bano (s.g.). Campeão.
- 7 Cruel. Cantigas.
- 8 Brisa. Pátria. Mil e cinquenta em romano.
- 9 Sumo pontífice Individuo doutorado.
- 10 O mesmo que acarataremos.
- 11 Invulgar. Tornara cor de rosa.



VERTICAIS:

- 1 Nome de Buda, na China. Gosta muito de. Mamífero desdentado espécie de tatu.
- 2 Destroi. Planta leguminosa.
- 3 Inocular vacina em igual.
- 4 Pega. Destruir.
- 5 Manuscrito.
- 6 Cidade de França. Cingir.
- 7 Desviar. Anel.
- 8 Maior. Soluces.
- 9 Albergar por esmola. Da Alemanha.
- 10 Base aérea portuguesa. Cabeças brancas. Lista (inv.).
- 11 Virgulas dobradas Nome de flor.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12024

HORIZONTAIS:

- 1 Saramos Com.
- 2 Acena. Acato.
- 3 Cata. Acabar.
- 4 Obi. Ave.
- 5 Lar. Or. Icar.
- 6 BOM. Apa.
- 7 Ler. Om.
- 8 LOM. Br.
- 9 Anas. Ta.
- 10 Laços. Ramas.
- 11 Amo. Operara.

VERTICAIS:

- 1 Sacola. Vala.
- 2 Acaba. Firam.
- 3 Retro. Nico.
- 4 Ana. Chão.
- 5 MA. Sob. Osso.
- 6 Rol.
- 7 Saca. Mestre.
- 8 Cavi. Aar.
- 9 CABECA. Ma.
- 10 Ota. Aportar.
- 11 moraram. Usa.

Provérbio: BOM VINHA, MA CABEÇA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8084

HORIZONTAIS:

- 1 Amainanas.
- 2 Rate. Viamos.
- 3 Enuncia. As.
- 4 Aaa. As. Ar.
- 5 Grelanas.
- 6 Mu. Mara. Rol.
- 7 Ia. Bate.
- 8 Alias. Sás.
- 9 Só. Aas. Ia.
- 10 Arais. Mo. Ni.
- 11 Lais. Massas.

VERTICAIS:

- 1 Area. Missal.
- 2 Managua. Ora.
- 3 Atuar. Ai.
- 4 Ien. Emalais.
- 5 Cata. Ias.
- 6 Avisaras.
- 7 Ria. Ra. Ma.
- 8 Ia. Ar. Nos.
- 9 Amarras.
- 10 Sos. Sotaina.
- 11 Lesais.

Cinemas

Lisboa
TURNO 24
Até às 22 horas

ANTOLIN, LDA. — Av. Almirante Reis, 88-C. Tel. 821773. **AURELIO REGO** — S.ª da Estrela, 139. Tel. 661758. **BASTOS** — Rua Morais Soares, 91-D. Tel. 844350. **BELEM** — Rua Tristão Vaz, 10-A. Tel. 612248. **BRANQUINHO** — Rua de Sapadores, 87. Tel. 842725. **CONDESAVEL** — Rua Coelho da Rocha, 119. Tel. 666206. **CONTEMPORANEA** — R. Conde Redondo, 26-30. Tel. 45048. **DILEMA** — Rua Aliança Operária, 49-A-B. Tel. 636620. **ESTADOS UNIDOS** — Av. E. U. da América, 16-B. Tel. 725859. **FATIMA** — Av. 5 de Outubro, 147-A. Tel. 763107. **IVONE, LDA.** — Rua Silva Carvalho, 232-C. Tel. 650760. **LAVINHA** — Rua Eng. Paulo de Barros, 28-A. Tel. 798242. **LEAL DE MATOS** — Rua Neves Costa, 33-35. Tel. 780181. **LUSITANIA** — Av. de Roma, 18-A. Tel. 725443. **MATOS VIEGAS** — Av. Rainha D. Amélia, 34-B. Tel. 794174. **MARLUZ** — C. da Picheleira, 140-B-C. Tel. 720703-728395. **NEOTERAPIA** — Campo Grande, 138. Tel. 774682. **NORMAL** — Rua da Prata, 220. Tel. 321342-325553. **NOVA LUZ** — Rua D. Domingos Jardo, 28-A. Tel. 843439. **NOVAIS** — Av. Luís de Bivar, 11-13. Tel. 44324. **PALMA** — Av. Duque de Aveia, 25-31. Tel. 547088. **PÁTRIA** — C. dos Mestres, 30-A. (à R. das Amoreiras). Tel. 680627. **PINHEIRO** — Rua Presidente Amaga, 16. Tel. 603054. **ROMANA** — Rua Actor Augusto de Melo, 7-A. Tel. 383800. **SACRAMENTO** — Rua Actriz Palmira Bastos, Lote 42. Tel. 384904. **S. TOMÉ** — Estr. do Desvio, Lote 12-C. Tel. 790704. **SOUSA** — Estrada de Benfica, 429-431. Tel. 780027-789985. **ULTRAMARINA** — Rua de S. Paulo, 99-101. Tel. 321771. **ZILER** — Rua de S. Tomé, 54-56. Tel. 862835. **ZIRA** — P.ª Casas Novas, Lote 66 (B. Encarnação). Tel. 311216-310172.

Permanente

BASTOS — Rua Morais Soares, 91-D. Tel. 844350. **DILENA** — Rua Aliança Operária, 49-A-B. Tel. 636620. **ESTADOS UNIDOS** — Av. E. U. da América, 16-B. Tel. 725859. **LEAL DE MATOS** — Rua Neves Costa, 33-35. Tel. 780181. **NORMAL** — Rua da Prata, 220. Tel. 321342-325553. **SACRAMENTO** — Rua Actriz Palmira Bastos, Lote 42. Tel. 384904. **NOVAIS** — Av. Luís de Bivar, 11-13. Tel. 44324. **PÁTRIA** — C. dos Mestres, 30-A. Tel. 680627. **PINHEIRO** — Rua Presidente Amaga, 16. Tel. 603054. **S. TOMÉ** — Estr. do Desvio, Lote 12-C. Tel. 790704. **ROMANA** — R. Actor Augusto de Melo, 7-A. Tel. 383800.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALMADA — Silva Júnior — Av. Frederico Ulrich, 9-2.º Piso E. Tel. 2768030. **COVA DA PIEDADE** — Garcia Reis — Rua Dr. Alberto Araújo, 19-A. **LARANJEIRO** — A. Araújo — Laranjeiro de Fora. **COSTA DA CAPARICA** — Carlos — Av. do Mar, 34-A. Quinta de St.º António. **SEMPRE** — Lopes — R. Cândido dos Reis, 21. Tel. 2233028. **BARREIRO** — Moderna — Rua D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12. Tel. 2073443. **SEIXAL** — Godinho — Larg. da Igreja, 51. Tel. 2218580. **MONTUJO** — Moderna — Rua Bulhão Pato, 60 Tel.

Lisboa

VARIADADES — «Aldeia da roupa suja», às 20.30 e 22.45 (18 anos). **MARIA VITÓRIA** — «Alto e pára o baile!», às 20.30 e 22.45 (18 anos). **LAURA ALVES** — «Calcinhas Amarelas», 20.45 e 22.45.

TEATRO DO NOSSO TEMPO — «RTX 78/24», às 21.30 (13 anos). **MARIA MATOS** — «O Crime do Padre Amaro», às 21.30 (18 anos).

OUTROS CINEMAS

Lisboa

CAPITÓLIO — «Paraíso Sexual», às 19.00, 21.00 e 23.30 (18 anos). **PROMOTORA** — «O Triângulo da Morte», às 21.15 (18 anos). **PARIS** — «O Último Comboio do Katanga», às 21.30 (18 anos). **LUMIAR** — «Alice Já Não Mora Aqui», às 21.30 (18 anos). **JARDIM** — «Mulher de Domingo», às 21.15 (18 anos). **COLISEU** — «Os Terríveis», às 21.30 (13 anos). **CINEARTE** — «O Dragão Negro», às 21.30 (18 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «O Caso Odessa», às 21.30 (18 anos). **ESTORIL** — Casino — «O Beijo da Morte», às 17 e 21.15 (18 anos).

2310155. **MOITA** — Silva Rocha — P. da República, 16. Tel. 239029. **ALHOS VEDROS** — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 Tel. 204250. **ALCOCHETE** — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15. Tel. 234100.

Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Comb. G. Guerra, 29. Tel. 2112081. **ALCABIDE-CHE** — Carvalho — A 16 às 21 horas. **PORTO SALVO** — Ferreira Bastos — Até às 21 horas. **CAXIAS** — Nova — Rua Bernadim Ribeiro, 1-A. Tel. 242839. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **CARCAVELOS** — Central — Até às 22 horas. Vilar — até às 24 e das 0 às 9 horas. **S. DOMINGOS DE RANA** — Godinho da Silveira — Av. Sabóia, 29-B. Tel. 260085. Até às 21 horas. **OEIRAS** — Alcântara Guerreiro — P. Residencial Dr. Augusto de Castro, Lote 10. Tel. 2430691. Até às 22 horas. **NOVA OEIRAS** — Leal — Até às 21 horas. **PARADE** — Alair — Av. Gago Coutinho, B. das Caixas de Previdência. Tel. 2472948. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PAREDE** — Junqueira Mendes — Até às 21 horas. **AMOREIRA** — Amoreira — Tel. 262313-267314. Até às 22 horas. **ESTORIL** — Parque — Arcadas do Parque, 3. Tel. 260191. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **CASCAIS** — Marginal — Av. Marginal. Tel. 280078. Até às 21 horas. **Nova** — Estr. de Alvide, Fontainhas. Tel. 281044. Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — S. Jorge — Rua Pedro del Negro, 5. Reboreira. Tel. 938703. Permanente. **Campos** — Rua Elias Garcia, 185. Tel. 930072. até às 22 horas. **DAMAIA** — Damia — P. Alexandre Gusmão, 9-A. Tel. 970523. **QUELUZ** — Queluz — Av. Miguel Bombarda, 151. Tel. 950043. **CAMARATE** — Nova — Rua Cidade de Lisboa, 94. Tel. 2510726. **CACÉM** — Rodrigues Garcia — Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D. **MEM MARTINS** — Quilma — Estr. de Mem Martins, 285. Tel. 2910012. Permanente. **AGUALVA-CACÉM** — Nova Sintra — P. N. Torre, 310. Até às 20.30 horas. **MERCES** — Claro Russo — Até às 21 horas. **RIO DE MOURO** — Riomouro — Av. Oscar Monteiro Torres, 8. Tel. 2960194. Até às 23 horas. **S. PEDRO DE SINTRA** — Valentim — Tel. 980456. Permanente. **COLARES** — Abreja — Tel. 299088.

Porto

(De dia e só até às 22 horas) **VILARINHA** — Rua da Vilarinha, 161 (Tel. 692014); **BONFIM** — Rua do Bonfim, 73 (Tel. 52444); **GUERARA** — Rua de Costa Cabral, 43 (Tel. 480470); **GUIMARÃES** — Rua de Francisco, 37 (Tel. 60803); **LEMOES E FILHOS** — Praça de Carlos Alberto, 31 (Tel. 21309); **LIGA DAS ASS. SOC. MUTUOS** — Rua do Bonjardim, 286 (Tel. 217111); **MORENO, LDA.** — Largo de S. Domingos, 44 (Tel. 23543); **VASQUES** — Rua das Condominhas, 794 (Tel. 62027).

(De dia e toda a noite) **CASTRO CARNEIRO** — Rua do Padre Cruz, 146 (Tel. 62042); **MENRIQUES** — Praça da Batalha, 64-A (Tel. 25173); **SERPA PINTO** — Rua de Serpa Pinto, 645 (Tel. 48897).

Coimbra

(Das 9 horas às 9 da noite seguinte) **LUCIANO E MATOS** — Rua da Sofia, 7-11 (Tel. 22141).

CINE

803055

Centro Comercial de Alvalade

14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30 h

Não acons. a men. de 18 anos

O COW-BOY DA MEIA-NOITE

Sala B — Não acons. a men. 13 anos

15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h

3.ª semana

ANNIE HALL

ALVALADE

Av. de Roma

897480

As 15.15, 18.15 e 21.30 h.

TEMPO DE ASSASSINOS

com Joe Dallesandro, Martin Balsam, Magali Noel e Rossano Brazzi

Interd. a men. 18 anos

APOLO

763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30

em 7.ª semana — Para todos

AS FÉRIAS DO SR. HULOT

de Jacques Tati

Hoje às 23.30 h

A VAMPIRA DE DRÁCULA

(M. 18 anos)

AVIS

547163

Av. Duque D'Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30

A VOZ DO SILENCIO

Não acons. menores 13 anos

O mais fascinante de todos os filmes indianos

BERNA

776098

Av. Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30

OS REVOLTADOS DO ANO 2000

Int. men. 18 anos

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

CALEIDOSCOPIO

795093

Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30

OS REVOLTADOS DO ANO 2000

Int. men. 18 anos

Este filme contém cenas eventualmente chocantes (Colorido)

CASTIL

580194

Rua Castilho

As 15.30, 18.30 e 21.30 h.

ESPOSAMANTE

Int. menores 13 anos

Com Laura Antonelli e Marcello Mastroianni

CINEBOLSO

573407

Rua Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

A cama que fala... tem muito que contar

CAMA QUE FALA

As 24 horas

COM A FARTURA AS COSTAS

Interd. a men. 18 anos

CINE CITY

Rua Tomas Ribeiro, 34

As 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45

UM DIA INESQUECÍVEL

com Sophia Loren, Marcello Mastroianni

Não acons. men. 13 anos

CONDES

322523

Av. da Liberdade, 2

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

A LEGIÃO ESTRANGEIRA

Com Terence Hill

Não acons. a men. 13 anos

DOIS MIL

2100055

Av. Bombeiros Voluntários

Lote 113 — Algés

As 15.30, 18.00 e 21.30 h

JOVENS APAIXONADOS

Não acons. a men. 18 anos

D. JOÃO V

971794

Praça Centro Comercial — Damia

As 21.15 h.

A ENFERMEIRA DO MEU PAI

Eden

320768

P. dos Restauradores, 21

As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

OS CINCO MESTRES DO SHAOLIN

Interd. a men. 18 anos

Um filme de Chang Cheh

ESTUDIO

555134

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30 h.

Não acons. a men. 13 anos

Oscar melhor actor do ano

Richard Dreyfuss

Globo de ouro melhor filme do ano

NÃO HÁ DOIS SEM TRÊS

ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves, 83

As 15.30, 18.30 e 21.30 h.

5.ª semana

VIOLÊNCIA E PAIXÃO

Maiores de 18 anos

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35

As 15.15

PRIMEIRO AMOR

Não acons. a men. 13 anos

As 21.30 h

A SUPERPATRULHA

IMPERIO

555435

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30 h

Não acons. a men. de 13 anos

Não estamos sós

6.ª semana

«ENCONTROS IMEDIATOS»

do terceiro grau

70 m/m — Ecran gigante

O espectáculo mais deslumbrante de todos os tempos

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h

Não acons. a men. 18 anos

JULIA

com Jane Fonda

Filme de qualidade

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha

As 15.15, 18.15 e 21.30 h.

100 MANEIRAS DE AMAR

Não acons. a men. 13 anos

MUNDIAL

538743

R. Martens Ferraz, 12-A

As 15.15, 18.30 e 21.30

OS CONTOS DE BOCCACCIO

Com Enrico Montesano, Sylvia Koscina

Não acons. menores 18 anos

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Prémio de Realização do Festival de Cannes

FEIOS, PORCOS E MAUS

de Ettore Scola

com Nino Manfredi

14.ª semana

NOVOCINE

840678

Av. General Roçadas, 7

As 15.15 e 21.15 h.

ÚLTIMAS EXIBIÇÕES

Da Índia um festival de cor e música!

IRMÃO CONTRA IRMÃO

com Randhir Kapoor e Hema Malini

Não acons. a men. 13 anos

ODEON

3262834

R. Condes, 12 a 20

As 15.15, 18.15 e 21.15 h.

Não acons. a men. 18 anos

A JUSTICEIRA

Com Sandra Curme

OLYMPIA

325309

Rua Condes, 11 a 23

Sessões continuas a partir das 14.00 h.

em 2.ª semana

PARAÍSO CARNAL

Int. menores 18 anos

com cenas eventualmente chocantes

PATHE

821933

R. Francisco Sanches, 122

2.ª semana

As 14.15, 17.45 e 21.30 h.

Da Índia uma bela história de amor e aventura!

PASSADO INESQUECÍVEL

Não acons. a men. 13 anos

Colorido

POLITEAMA

326305

R. Portas de St.º Antão

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30

AS AVENTURAS DE ZORRO

Com Franco Franchi

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 186-1
TELEFONES 33431/2/3
REDAÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS
TECNICOS: RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 32115/6 32021/2/3
32026 32181/2
SERVIÇO DE NOTAS (DEPOIS DAS 21)
PORTO 321194, PUBLICIDADE 300740
MENSAGENS GRAVADAS 320225
ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIBDA, TELEX 12363
LISBOA - PORTUGAL

FLAMA provoca novos incidentes

FUNCHAL, 26 — Confrontos violentos entre adeptos e inimigos da Flama provocaram uma intervenção policial que, em certa medida, alterou o clima de paz e de tranquilidade que presidiu às comemorações do «Dia da Liberdade».

Os confrontos, previsíveis por quantos tinham visto, logo de manhã, os jovens que passeavam na rua envergando camisolas da Flama, tiveram na terça-feira um novo episódio de violência dispersando-os e provocando as usuais correrias e perseguições que se verificam nestas circunstâncias. Pouco depois, agentes da PSP tentaram entrar no porto a fim de dispersar alguns indivíduos que passeavam ao longo do cais, mas o chefe da Polícia Marítima impediu-lhes o acesso alegando que a área portuária estava sob a alçada da Polícia Marítima. Munido de um megafone, um agente da PSP pediu, então, às pessoas que passeavam no porto para se retirarem a fim de evitar um novo confronto que poderia ter consequências graves. Os presentes obedeceram às ordens da PSP e não se verificaram mais incidentes. E de registar que durante a batalha campal, os adeptos da Flama gritavam palavras de ordem contra os seus inimigos que, por sua vez, os apodavam de «bombistas».



Novo acidente com um autocarro laranja da Carris: cinco mortos, dois feridos, passageiros com es coriações.

CINCO MORTOS

Terceiro acidente em Lisboa com autocarros novos

Ocorreu ontem, ao princípio da tarde, novo e trágico acidente envolvendo um autocarro da Carris. É o terceiro acidente com viaturas deste tipo e os motivos são em tudo idênticos aos daquele outro desastre há pouco verificado junto à Rotunda do Aeroporto. Desta vez, porém, o balanço é ainda mais grave: cinco mortos e uma dezena de feridos.

Segundo os passageiros que seguiam no autocarro, um Volvo da carreira 19, quando este descia a Avenida Gago Coutinho, ou por falta dos travões ou em consequência do piso empinado e espedregado devido à chuva, ficou descomandado, atravessando a faixa de relva que divide os dois sentidos da Avenida e esmagando, já no sentido contrário, um Escort em que seguiam quatro pessoas e abalroando ainda um Fiat com três passageiros.

Os ocupantes do Escort tiveram morte imediata. Eram Gunther Schmidt, de 28 anos, alemão, sua mulher, Maria Eugénia da Silva Schmidt, o filho

do casal, Christian, de oito meses, e a avó materna deste, Adelina Mendes da Silva.

No Fiat, seguiam Matilde Dias de Deus, que conduzia, e que faleceu já no hospital. Tinha 55 anos. Sua filha, Maria Filomena, de 28 anos e a outra passageira, Maria Alice, ficaram internadas.

Os passageiros do autocarro sofreram apenas escoriações sem gravidade de maior. Um deles afirmou que o motorista demonstrou grande sangue frio. Teve tempo de avisar do que se passava, só que não conseguiu segurar o veículo.

Apenas coincidência? O público utente começa a manifestar alguma desconfiança quanto às condições de segurança dos Volvos, conhecidos vulgarmente pelos «laranjas». Deficiências dos veículos, inadaptação às condições do trânsito e ao emaranhado de ruas e avenidas de Lisboa?

De notar que, há já alguns meses, uma reunião de motoristas da empresa chamou a

atenção para o facto de o sistema de travões daqueles autocarros ser demasiado «rijo» e não muito próprio para transporte de passageiros, porque, embora funcione sempre, bloqueia a roda e faz «patinar» o veículo.

A resposta da Administração aí está: «estão em curso melhorias no sistema de travagem» disse à ANOP o director do serviço de tráfego da companhia, Libanio Monteiro.

O número de acidentes, com os autocarros «laranjas», segundo Libanio Monteiro, não é superior ao registado com os restantes veículos da empresa.

A Carris dispõe de uma frota de 200 Volvos, cuja aquisição começou em fins de 1974. Começaram a entrar ao serviço em Setembro do ano seguinte. Segundo nos informaram, a administração tem em curso uma elaboração estatística dos acidentes, na qual se têm em conta vários factores, entre eles, obviamente, as características e marcas dos veículos sinistrados.

«Luta sem tréguas à reacção»

— apelo de A. Macedo no Porto

PORTO, 26 — «Estejamos preparados para manter vivo o nosso ânimo de lutadores, como o tivemos durante a «resistência», para dar combate sem tréguas à reacção, prevenidos de que se lhe fizermos o jogo cairemos na sua armadilha, ou seremos usados como suas armas...»

Não nos deixemos abater por provocações ou arrastar por piedosas mas falsas solidariedades, que são o isco ou o engodo para semear a confusão e a descrença entre nós». Este o «solene apelo» lançado pelo presidente da Assembleia Municipal, António Macedo, ontem à tarde, de varanda dos Paços do Concelho, num discurso que, na circunstância, por motivo de doença daquele antifascista, foi lido por outro membro da AM, Eduardo Gastão Ramos.

Seguiram-se referências aos passos mais significativos dados após a madrugada de Abril, atendo-se depois o discurso do presidente da AM na denúncia das «forças contra-revolucionárias e facções ultraconservadoras» que estão apostadas em entrar a marcha do processo democrático com o propósito deliberado de possibilitar, a curto passo, a recuperação fascista.

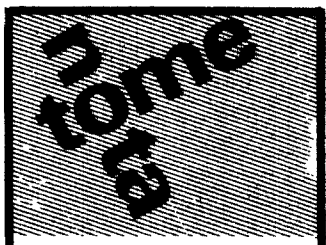
ALERTA CONTRA O REVANCHISMO

A propósito deste levantar da cabeça dos saudosistas, lê-se no discurso: «Não pode consentir-se que minorias que se agrupam à volta de partidos ou figuras da extrema-direita, sejam elementos perturbadores do progresso, da convivência democrática, da paz social, da felicidade a que aspira e tem direito o povo português». Daí o alerta lançado por António Macedo para que estejamos atentos e vigilantes «face ao revanchismo que por motivos vários se manifesta, porque dele viremos a ser, se triunfar, as suas vítimas».

Este «terrorismo político», assim lhe chamou o presidente da AM, é o mais pernicioso à nossa jovem democracia, contra a qual se batem os saudosistas, «a coberto de uma impudência que tem sido um estímulo para as mais tenebrosas ambições revanchistas».

Para além da festa popular

de que a baixa portuense foi palco ontem, à tarde e à noite, apesar da chuva quase sempre miudinha mas implacável que caiu, um dos momentos altos das comemorações foi o desfile de resistentes antifascistas que, depois de se concentrarem na Praça da Liberdade, subiram até à Praça General Humberto Delgado, gritando bem alto «Fascismo nunca mais, 25 de Abril sempre». A concentração ocorreu cerca das 14.30 (antes da alocução de António Macedo), tendo-se juntado a Ruy Luís Gomes, Raul de Castro, Oscar Lopes, José Morgado, Papiniano Carlos, Maximino Silva, Angelo Veloso, Henrique Almeida, Teixeira de Sousa, Flávio Martins, Horácio Guimarães, Amaldo Mesquita, Vítor Ranita, Avelino Gonçalves, Cassiano Abreu Lima, Manuel Andrade, João Pacheco Gonçalves, Teixeira de Sousa, Valdemar Torres, dois sobreviventes do Tarrafal, Joaquim Ribeiro e João Campelo, e delegações de sindicatos, comissões de moradores e de trabalhadores representantes de colectividades e povo em geral.



PROTECÇÃO

A RTP, para o dia 25 de Abril, escolheu o «Pátio das Cantigas», um filmezinho que, no meio dos bailaricos e namoros, mostra «crianças em perigo» muito bem «protegidas» pelo nome de Salazar. Até parece uma provocação, apesar de o realizador do filme (Ribeirinho) ser actualmente um dos directores do Teatro Nacional.

Paradoxos...

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS DE FEVEREIRO

41.280 exs.

(Hoje 32 páginas)

Cinco técnicos de cinema despedidos por João Lima

Por contestarem «actos de censura», praticados nas suas obras, cinco técnicos da equipa TV-Cinema da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, e Emigração foram demitidos das suas funções pelo secretário de Estado João Lima.

Apesar de não ser a primeira vez que a equipa, constituída por João Alves, José Bogalheiro, José Alves Pereira, Rosa Cabral, e Pedro Amorim, enfrentava situações de recusa ou censura nos filmes que fazia, os despedimentos vêm na sequência dos cortes determinados pelo secretário de Estado no filme «Lisboa, Primeira Págin». E que segundo nos informaram os técnicos envolvidos na questão não eram meramente técnicos mas ideológicos e políticos. Além da equipa ter apresentado aos responsáveis uma proposta de realização acompanhada do respectivo guião que foi aprovada pela Secretaria de Estado. O filme, depois de montado, foi visionado por João Lima que até fez elogios à sua qualidade técnica e artística, embora tenha posto reservas quanto à possibilidade da obra ser entendida pelos emigrantes portugueses no es-

tranjeiro — público a quem se destinava.

«Lisboa, Primeira Págin», fita construída segundo a estrutura de um jornal diário, em que os assuntos se dividiam por páginas devia ser exibido no programa «Mosaiques» da TV francesa, no dia 21 de Maio. Quando, todavia, a equipa recebeu uma nota assinada por Maria João Seixas, directora de Produção dos Serviços de Cinema da Secretaria de Estado, na qual se definiam diversos cortes, os cinco técnicos (agora despedidos) pediram que fosse nomeado um realizador para proceder às mutilações e que os seus nomes fossem retirados do guião do filme.

Nos Serviços não há realizadores contratados mas sim técnicos que eventualmente propõem programas para fazer, explicam os trabalhadores despedidos.

Os cortes abrangiam sete sequências da produção, nomeadamente numa entrevista com Paulo Rocha, sobretudo na parte em que o realizador falava do filme «A Ilha dos Amores» que se encontra em rodagem. A cena foi considerada «demasiado longa». Os cortes mais significativos, contudo, diziam

respeito aos comentários à alta do custo de vida, subida de transportes, impostos, etc. Cena que decorria numa barbearia. Os comentários são totalmente suprimidos da banda sonora.

Anteriormente censuraram-nos, também, um filme sobre o 25 de Abril que devia passar na televisão francesa, agora, por altura das comemorações desta data — dizem os técnicos.

O filme propunha-se reconstituir o 25 de Abril, tendo como base o livro recentemente publicado pelo major Otelo Saraiya de Carvalho. Perante o roteiro o chefe administrativo respondeu que concordava desde que a produção obedecesse a determinadas linhas: o 25 de Abril devia ser mostrado como uma emanção das Forças Armadas e não focalizado numa ou mais figuras individualmente tomadas. Na verdade havia no filme uma incidência, demasiado evidente, nas figuras de Vasco Gonçalves, Otelo e Vítor Alves.

Então nos propusemos fazer o filme com outro guião. O secretário de Estado emitiu um despacho favorável em relação ao nosso pedido. Faltava apenas luz verde das autoridades

militares. Entretanto tínhamos já gasto alguns metros de fita... Também foi recusado. Em sua substituição compraram o filme «Madanela» de Costa e Silva.

A propósito do despedimento dos técnicos na sua maioria alunos da Escola de Cinema do Conservatório, e que trabalhavam na equipa de Cinema da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e Emigração, há cerca de um ano, João Lima comentando a sua decisão, afirmou à ANOP que não se tratava de um acto de prepotência mas o resultado da verificação de que os cinco técnicos dispensados não se integravam no espírito que deve nortear esta actividade da Secretaria de Estado.

O secretário de Estado acrescentou ainda que o filme era um exercício intelectual com passagens que eu próprio não percebi muito bem. João Lima achava, portanto, que se ele não percebia muito menos os emigrantes poderiam entender o filme.

Os técnicos que no fundo tinham funções não só técnicas mas também criativas, insurgem-se contra a situação de «simples funcionários» para onde os pretendiam relegar

Pescadores de Peniche entraram em greve

Cerca de 1600 pescadores de Peniche ficaram hoje em terra, acatando deste modo a greve de dois dias decretada em recente plenário, com vista a forçar os armadores a aceitar condições mais favoráveis nas negociações dos CCTs para a pesca da sardinha e para a pesca artesanal costeira do anzóle com redes cercadoras.

O patronato não só se recusa a uniformizar as condições de trabalho das diversas categorias, como pretende retirar

algumas regalias adquiridas no CCT para a pesca da sardinha de 1976, nomeadamente no que respeita a processo disciplinar, quotização sindical, seguro de vida, indemnizações por despedimento e venda da embarcação.

Os pescadores regressam ao mar a partir das zero horas de quinta-feira, mas o seu sindicato não afasta a possibilidade de novas formas de luta para fazer triunfar os seus direitos.

Restaurante O sheik

Agora / Cocktaill Bar (Boite). aberto todos os dias, excepto às 2as-feiras das 21.30 às 3.30 h da manhã. Conjunto Musical Privativo Música para dançar. Av. Roma, n.º 90D (junto Praça Alvalade). tel: 897924.

O dólar: A queda e as preocupações

Europa Ocidental: A acção dos terroristas SS

Religião e política: Umã cimeira ecuménica e cristãos e comunistas lado a lado

Poluição: Filtros vivos para o mar?



Reconstrução de uma ponte ferroviária da linha Hanoi-Saigão.



Numa herdade : transformação de velho material de guerra em utensílios agrícolas.

VIETNAM PREPARA O FUTURO

■ TEXTO DE V. Marinov

□ FOTOS KEYSTONE

O país-mártir levanta cabeça. O ano de 1977, o primeiro da aplicação do programa de construção do socialismo em todo o Vietnam, decidido pelo IV Congresso do Partido Comunista do Vietnam, marcou uma etapa importante na integração económica do Norte e do Sul do país e a criação de um complexo económico único. Além disso, veio estimular o desenvolvimento económico do país, segundo um plano quinquenal único aprovado em Janeiro de 1977.

A AGRICULTURA EM PRIMEIRO PLANO

A solução dos problemas da agricultura está no centro do novo plano quinquenal. Numerosos factores determinam este facto: a redução da superfície das terras aráveis, devido à guerra, a diminuição da mão-de-obra nos campos e a elevada taxa de crescimento da população (3 por cento), que soma actualmente 50 milhões de pessoas.

Para 1977, o plano previa, no sector agrícola, o aumento de 17 por cento — num total de 16 milhões de toneladas — na colheita

A terrível e longa guerra no Vietnam causou dois milhões de mortos, cinco milhões de feridos, um milhão de viúvas, um milhão de órfãos e dez milhões de pessoas que perderam as suas casas e haveres, além das enormes destruições materiais que ali se verão por muito tempo ainda. O trabalho de reconstrução está em marcha, mas torna-se necessário o auxílio de outras nações ao Vietnam mártir.

global de culturas alimentares. Foram igualmente previstos importantes investimentos para este efeito — 29 por cento dos investimentos públicos globais, o que constitui mais 91 por cento que em 1976 e quase tanto como os destinados à indústria (29,5 por cento).

Quase metade dos créditos foram destinados aos trabalhos de irrigação dos arrozais e das novas terras cultiváveis. No fim do quinquénio, todas as terras do norte deverão estar cultivadas, enquanto que no sul a superfície dos arrozais deverá atingir os 3,5 milhões de hectares em 1980, contra os 2,4 milhões em 1975. Na solução do problema alimentar, está destinado também um

papel importante às culturas ditas complementares, isto é, o milho, a mandioca, as batatas, o sargo, etc. As propriedades estatais especializadas nas novas terras estão destinadas principalmente para este efeito. Em 1980, a parte destas culturas na colheita global do país atingirá os 4 milhões de toneladas (equivalente ao arroz) e a produção alimentar total os 21 milhões.

As novas sementeiras fornecerão reservas consideráveis à produção agrícola no actual quinquénio: 150 mil hectares no norte e 850 mil no sul. Isto constituirá um aumento bastante sensível para o Vietnam, cuja superfície cultivada era de 7,2 milhões de hectares em 1976. Realizada em vasta

escala, a valorização das terras incultas influenciará seriamente na vida económica e social do país. Para realizar esta imensa tarefa, durante o período quinquenal, mais de 1,5 milhões de pessoas aptas para o trabalho deixarão as planícies e as cidades de densa população para se instalarem em novas terras.

A mecanização dos trabalhos, os modernos processos de cultura, os adubos, permitirão aumentar a produção agrícola. Assim, em 1977, um quinto da produção da indústria mecânica do Vietnam destinaram-se à agricultura. Colocaram-se grandes tarefas à criação de gado, que deverá fornecer, em 1980, entre 28 a 30 por cento da produção agrícola do

país. No fim do quinquénio, o capital porcino deverá atingir 16,5 milhões de cabeças.

As condições atmosféricas foram excepcionalmente desfavoráveis em 1977: no Inverno, nas províncias do norte, as geadas destruíram uma parte das plantas do arroz, no Verão, a seca foi nefasta para a colheita e o tufão causou devastações nas regiões planas do norte. Devido a isso, certos índices do plano de 1977 não puderam ser completamente realizados. Na agricultura do sul subsistem certas dificuldades, mas a estrutura socialista está em vias de se implantar no campo. Para isso, foi instituído no Verão de 77 um comité de Transformações Socialistas, tendo em vista o aceleração do processo nesta região do país.

A INDÚSTRIA DESENVOLVE-SE

A indústria do Vietnam, por seu lado, deverá realizar vastas tarefas: assegurar um aumento anual da produção de 16 a 18 por cento: Em primeiro lugar, no período 1976-80, a indústria mecânica fornecerá máquinas para a agricul-

O DÓLAR QUE CAI E AS PREOCUPAÇÕES QUE CRESCEM

Durante o ano de 1977, o dólar baixou 22 por cento em relação ao ien japonês e ao franco suíço e 12 por cento relativamente ao marco da Alemanha Federal e à libra esterlina inglesa. Em 1978, continuou a descer. Quem está atento às duras batalhas travadas nos mercados monetários do «Occidente», descobrirá um pormenor curioso: as lamentações mais profundas por tal situação, não vêm do outro lado do oceano, da Wall Street, mas das capitais dos países da Europa Ocidental e do Japão, cujos governos censuram Washington.

■ Spartak Beglov

□ NOVOSTI

Não constitui um paradoxo o facto do enfraquecimento das posições do dólar como moeda internacional ser menos lamentado pelo país dono das «notas verdes» que pelos seus parceiros. Tudo isto encerra meandros complexos das contradições da economia capitalista em crise.

Os parceiros dos EUA receiam, cada vez mais, que os americanos se recusem, propositadamente, a tomar medidas para estabilizar a moeda, a fim de tornar as suas mercadorias mais competitivas nos mercados externos, precisamente quando se trava uma luta renhida neste campo.

Não constitui segredo que, ultimamente, a batalha tem sido favorável aos monopólios da Alemanha Ocidental e japoneses que, mais uma vez, encerraram o ano financeiro com saldo positivo. Enquanto isso, a balança comercial dos EUA acusa um défice recorde: quase 30 biliões de dólares.

Uma das causas principais do saldo negativo americano reside nas despesas enormes com a aquisição de derivados do petróleo, que ascendem a cerca de



45 biliões de dólares anuais. As massas enormes dos chamados «petrodólares» começam a ser um factor dificilmente controlável do mercado capitalista. E os EUA esforçam-se por recuperá-los de qualquer forma, por fazê-los «recircular», utilizando, além de outros meios, a pressão sobre os seus parceiros-concorrentes. Procuram obrigá-los a aumentar as importações de mercadorias americanas.

A recente conferência dos ministros das Finanças de cinco países (Estados Unidos, Inglaterra, França, República Federal da Alemanha e Japão), realizada em Versalhes, foi mais uma tentativa de estabelecer uma espécie de regras comuns para uma nova etapa do jogo em torno dos problemas relacionados com o sistema monetário: a inflação e a expansão económica. Cada um

daqueles países gostaria que os outros estimulassem o desenvolvimento económico fundamentalmente «na própria casa».

Mas a prolongada estagnação da economia capitalista criou tantas armadilhas que os capitães experientes do mundo dos negócios receiam, agora que os estímulos para a expansão económica possam provocar mais uma espiral na inflação, seu eterno acompanhante. É por isso que os apelos para uma revigoração económica, apoiados por todos, não são considerados obrigatórios por nenhum.

Os Estados Unidos acusam a RFA, os alemães ocidentais acusam os americanos... E os mercados monetários não acreditam nem nos primeiros nem nos segundos, o que obriga o dólar, como declarou o jornal parisiense «Los Echos», a conduzir com um

empenho ainda maior uma «guerra de guerrilhas».

A «SOLUÇÃO» AMERICANA

As repercussões provocadas por esta situação são, no entanto, mais amplas.

Em primeiro lugar, aumenta a tendência para medidas proteccionistas, sobretudo do outro lado do oceano. As comissões do Congresso americano perdem-se entre as propostas do aumento das taxas sobre a importação de dezenas de mercadorias estrangeiras.

Também se desenvolve, ainda mais, a tentação de estimular a recirculação de dólares mediante a ampliação dos fornecimentos de armas americanas.

Em 1977, o governo de Carter não cumpriu a sua «promessa número um», de limitar o co-

mércio de armas. O Pentágono e os fabricantes de armamentos conseguiram estabelecer, nesse ano, um novo recorde de vendas ao estrangeiro: onze biliões e trezentos milhões de dólares em vez do limite máximo de 9,9 biliões fixado pela Casa Branca.

Recentemente o Pentágono informou que em 1978 as exportações militares dos EUA aumentaram cerca de dois biliões de dólares. Portanto, as convulsões da descontrolada economia capitalista ameaçam causar novos prejuízos ao controlo sobre os armamentos, necessidade de importância vital para todos os povos.

Finalmente, baixa significativamente o interesse dos EUA em dar uma contribuição real para a criação de uma nova ordem económica mundial e acabar com as injustiças de um sistema guiado exclusivamente pelos interesses dos países imperialistas ricos.

Dado que o proteccionismo comercial está novamente em voga, são relegados para segundo plano os acordos planeados para conseguir uma redução dos desníveis comerciais (trocas não equivalentes) entre o «norte» capitalista e o «sul» em desenvolvimento. Já não se descortina, no orçamento dos Estados Unidos, a intenção de aumentar o auxílio económico ao «Terceiro Mundo».

Nesse facto, vê o jornal «Christian Science Monitor» um motivo para considerar irreais as promessas feitas por Carter de aumentar consideravelmente esse auxílio até 1982.

A resumir a situação geral, o «Wall Street Journal» cita a opinião de «um grupo bastante influente de economistas» que preconiza, no caso de um apoio mais firme dos EUA ao dólar, um espírito pessimista no mercado monetário, que conduziria a uma queda ainda mais brusca da sua cotação e, como consequência, à «difusão geral do medo pelo futuro».

VIETNAM PREPARA O FUTURO

tura e o equipamento necessário para as indústrias ligeira e alimentar. A produção deste ramo industrial deverá aumentar 2,5 vezes no decurso destes cinco anos. Quanto à indústria química, desenvolve-se em ritmos acelerados, sobretudo no relativo à produção de adubos minerais. Em 1977, a produção de apatites foi de cerca de 200 mil toneladas e a do conjunto dos adubos minerais foi de 496 mil toneladas. O plano de 1978 prevê um aumento de 49 por cento para os adubos. A par disso, notemos que a parte da pequena indústria e do artesanato é ainda grande na economia do Vietnam, representando 36 por cento do valor da produção industrial em 1976. Embora a tarefa em perspectiva seja de reduzir a parte da pequena formação mercantil, o aumento da sua produção é actualmente superior ao do conjunto da indústria. Isto é explicado em parte pela viva necessidade de assegurar emprego a uma população em rápida progressão e de reabsorver o desem-

prego no sul. O número de pessoas ocupadas na esfera da produção material atingiu, no fim de 1977, 81 por cento da população activa contra 76,6 por cento em 1975. A proporção dos trabalhadores ocupados na indústria passou de 10,3 para 11,9 por cento, no decurso dos dois primeiros anos do plano quinquenal.

IMPULSO AO INCREMENTO DE ENERGIA

O desenvolvimento da indústria, de toda a economia do país, impõe o crescimento rápido e prioritário da base dos combustíveis e da energia, que assenta essencialmente no carvão. A produção hulhífera atingirá 10 milhões de toneladas em 1980, contra 6,14 milhões em 1977. Várias centrais alimentadas a carvão serão construídas nos próximos anos mas será dada preferência em seguida às hidrocentrais. Já está em vias de construção, com o apoio da União Soviética, um centro hidráulico, o maior da in-

dochina, no rio Negro, que produzirá 7,5 mil milhões de Kws de electricidade por ano. Os seus reservatórios permitirão resolver o problema da irrigação de vastas superfícies incultas. A produção de energia atingirá 5 mil milhões de Kws em 1980, contra 3,4 em 1977.

A passagem para a planificação quinquenal permitiu à República Socialista do Vietnam desenvolver as suas relações económicas externas a longo termo. Os acordos comerciais, científicos e técnicos assinados pelo Vietnam compreendem vários anos, estando já em curso uma série de realizações conjuntas. Por outro lado, aumenta o prestígio internacional da República.

Em Setembro do ano passado, o Vietnam unificado tornou-se membro de pleno da ONU. O país mantém relações diplomáticas, comerciais e outras com numerosos Estados do mundo, impondo-se cada vez mais como um Estado socialista que caminha para a prosperidade.



Meio milhão de pessoas já mudaram os seus lares para as novas terras de cultura.

A ACÇÃO DOS TERRORISTAS S.S. NA EUROPA OCIDENTAL

■ Julius Mader

□ PANORAMA DDR

Multiplicaram-se nos últimos tempos os casos em que antigos membros das sinistras SS, tropas de terror de Adolfo Hitler, actuam contra os interesses dos povos nos Estados da Europa ocidental. Trata-se de antigos oficiais superiores SS da organização HIAG, que sucedeu às SS na República Federal da Alemanha, assim como de editoras neofascistas, também na RFA.

Estrasburgo: o caso Mahnke exige vigilância

Recentemente, o conselho da Europa em Estrasburgo atribuiu com solenidade a medalha «de amigo da Europa» ao gerente do Verband Deutscher Zeitschriftenverleger (União dos editores de jornais alemães) de Bona, Horst Mahnke. Mahnke é assim o primeiro oficial SS do «Secretariado central de segurança do Reich» de Himmler, a ter obtido tal honraria em território francês, provavelmente por ignorância dos factos. Temos de concordar que se trata de um «amigo» da Europa pouco comum.

Na época do III.º Reich, Mahnke teve uma carreira muito brilhante: em 1936 era denunciador no serviço fascista de segurança (SD) e, nessa qualidade, espiava os seus companheiros de estudo e os seus professores. Em Maio de 1937, tinham então 24 anos, aderiu ao partido de Hitler (n.º 5286024). Era na altura colaborador no Secretariado central do SD. Em 1941, já capitão SS fez uma tese de licenciatura sobre «A imprensa franco-maçónica na Alemanha» na Universidade da cidade de Keonigsberg, onde fazia a propaganda do anti-semitismo e incitava ao assassinato no estilo então seguido pelos SS. Em seguida tornou-se ajudante de Franz Alfred Six, general SS e director do Secretariado central de segurança do Reich, que foi condenado em 1948, em Nuremberg, por um tribunal americano, a 20 anos de prisão por execuções em massa.

No organograma do Secretariado central de segurança do Reich, que serviu de prova no Tribunal militar internacional de Nuremberg, Mahnke era chefe dos serviços VII B 4 («Investigações e sínteses ideológicas: marxismo») e VII B 3 («Igrejas políticas»). Mahnke dava pois à Gestapo indicações para as suas operações terroristas. Para mais, Mahnke ensinava na Faculdade de política estrangeira de Berlim aos diplomatas de Ribbentrop (funcionários nazis para as colónias e territórios ocupados.)

Este especialista nazi, reconhecido anticomunista, depressa se mostrou útil à Imprensa burguesa da RFA O magazine «Der Spiegel» nomeou este antigo oficial SS dos serviços especiais para a direcção da secção do «Política estrangeira» (entre 1951 e 1960) e nomeou-o também correspon-

dente em Bona. Desde o princípio até meados dos anos 60, o antigo nazi foi chefe de redacção da «Kristall», depois do que Alex Caesar Springer o nomeou gerente do conselho de redacção do seu império de Imprensa, lugar de onde dirigia as operações da guerra fria. Desde 1970, o émulo de Himmler e de Springer pertence à associação dos editores de jornais na RFA.

Paris: Um antigo comandante de batalhão SS na OCDE

Hans-Joachim Rühle von Lilienstern representa a RFA na direcção parisiense da «Agência Europeia da produtividade», que está ligada à organização para a cooperação económica europeia (OCDE). Aí também o seu passado parece não ser conhecido. Este nobre entrou logo em 1932 no movimento nazi. Teve o número 151 372 nas SS e o número 3 287 913 no partido nazi. Em 1940 o general do exército SS Herydrich mandou von Lilienstern ao norte da Itália para uma operação de sabotagem e espionagem dirigida contra a Jugoslávia e contra os navios britânicos no Mediterrâneo, por conta da IV.ª direcção do Secretariado central de segurança do Reich. Depois de Maio de 1940 von Lilienstern foi colocado à testa de um grupo de correspondentes das Waffen-SS na Polónia ocupada e em França. Mais tarde, este produto da «raça dos senhores» comandou o serviço de propaganda da «Divisão dos SS de caveira» e publicou numerosos artigos anti-semitas no jornal da direcção suprema dos SS «Schwarzer Korps».

Depois de Abril de 1942, dirigiu a «Casa SS» em Leyde, nos Países Baixos ocupados, e foi em 1943 perito no serviço de «controlo económico» (arianização) do comissário do Reich nos Países Baixos ocupados o general SS Seyss-Inquart. Foi assim que participou na liquidação de 32 empresas judaicas de comércio de cereais em Amsterdão, Haia, Leyde, Nimégue, e Roterdão. Em 1943 apresentou na Universidade de Munique uma tese de licenciatura em que defendia a «solução do programa judeu» numa linha fascista.

Depois disto participou na campanha contra a União Soviética na Brigada Blindada de Voluntários dos Países Baixos». Na altura da capitulação da Alemanha hitleriana, era comandante de batalhão e usava o punhal do Reichsführer SS, atribuída por Hitler, e era oficial de instrução na escola SS de Bad Tölz, na Baviera. Este nazi tão condecorado foi nomeado professor universitário na RFA e dirigente da «racionalização da economia da Alemanha Federal, em Frankfurt-am-Main».

A vaga dos escritos nazis

As editoras neofascistas da RFA especializaram-se há já algum tempo.

As edições Druffel de Leoni, na Baviera, publicam obras anti-francesas em que se glorificam os SS.

As edições Munin de Osnabrück e KW Schutz de Preussisch-Oldenfort publicam trabalhos, de antigos SS dirigidas contra a Bélgica, a Dinamarca, a Noruega e os Países Baixos.

Na «Legião dos justos» (edições Druffel), um tal Saint-Loup defende «o modelo de Europa» instaurado pelos SS e glorifica os traidores franceses que serviam de mercenários a Himmler desde Novembro de 1944, na divisão SS «Charlemagne».

Nos seus livros publicados nas edições Schütz e Munin, Felix Steiner, general SS e das Waffen-SS e um certo Peter Strassner fazem a apologia dos crimes de guerra cometidos pela divisão SS «Wiking» recrutada em 1940, e constituída por fascistas holandeses, dinamarqueses e noruegueses, contra os povos da URSS, da Polónia e da Hungria.

As organizações SS e os serviços neofascistas

No território da RFA multiplicam-se os centros de comando do neofascismo europeu. E 1946, o Tribunal militar internacional de Nuremberg condenou em conjunto os SS, inclusive os Waffen-SS como «organização criminosa». Proveniente do direito internacional, um tal juízo impõe-se também à RFA.

Apesar disso, a «União Federal dos soldados dos antigos Waffen-SS (Hia Gemalemão) está há muito registada junto do tribunal de instância de Hagen, na Westphalia (RFA). A HIAG criou vários serviços que enquadraram os fascistas da Europa ocidental.

A luta contra o terrorismo

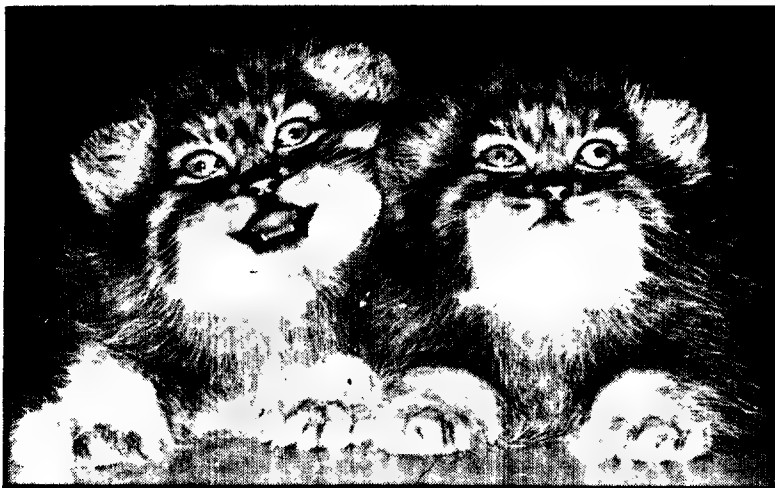
As autoridades da RFA criaram um dispositivo importante para lutar contra o terrorismo político, mesmo para além das fronteiras. É tempo de fazer o mesmo no que diz respeito aos terroristas SS já condenados. Mas o que fazem os serviços oficiais da RFA para que os centros fascistas e neofascistas de comando e de propaganda desapareçam do território de a República Federal?

Quando é que os serviços da RFA entregam aos governos dos outros Estados da Europa Ocidental as listas de membros das SS e as listas secretas da HIAG sobre fascistas estrangeiros? Quando se porão eles em guarda contra a infiltração dos antigos SS, organismos internacionais como o Conselho da Europa, em Estrasburgo, ou a OCDE onde se encontram Mahnke e Von Lilienstern?

FOTO
EXCLUSIVO



O príncipe Moritz de Hesse, neto do rei Vitor Manuel III, que escapou a um rapto graças aos polícias, que, alertados para o sucedido, conseguiram interceptar os raptos e recuperar o príncipe, são e salvo.



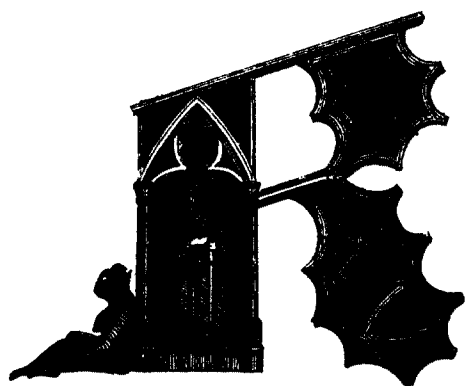
Parecem adoráveis, mas são ferozes e indomesticáveis. São originários das montanhas e desertos do Tibete e Sibéria. Os dois exemplares desta foto Keystone são os dois únicos sobreviventes de uma recente ninhada de cinco, nascida no Jardim Zoológico de Los Angeles (Califórnia, EUA).



O escritor cubano Alejo Carpentier é cumprimentado pela rainha Sofia e pelo rei Juan Carlos à sua chegada ao Palácio de Zarzuela onde lhe foi oferecida uma recepção por ocasião da entrega do prémio Miguel de Cervantes com o qual foi agraciado. (F. to AEI).



Um cisne deslizando por um lago e um falcão em ansiosa expectativa. Estas aves feitas em folha de prata figuram entre os objectos de arte apresentados por uma firma de Londres na Feira Industrial Suíça, a decorrer neste momento em Basileia. Ambas as peças estão montadas sobre pedra natural.



UMA CIMEIRA ECUMÉNICA

Pela primeira vez na história os representantes das Igrejas europeias encontraram-se em Chantilly, entre 10 e 13 de Abril. A sessão ecuménica foi organizada por iniciativa do Conselho das Conferências Episcopais da Europa, cujo presidente é monsenhor Etchegaray, arcebispo de Marselha, e presidente da conferência episcopal francesa e da Conferência das Igrejas europeias (K.E.K.). Durante três dias, os oitenta participantes nesse encontro discutiram os temas da unidade e da paz a partir dos relatórios apresentados pelo cardeal Hume (Westminster), pelo professor Zabolotsky (Igreja ortodoxa russa), por Monsenhor de Smet, bispo de Bruges, e pelo bispo protestante da R.D.A., Werner Krusche. Os relatórios acerca da unidade e da paz, apresentados em Chantilly deram origem a dois textos de síntese que foram votados em assembleia geral mas cuja versão oficial só será comunicada aos diferentes representantes das Igrejas dentro de algumas semanas, a fim de ter em conta as intervenções feitas durante o último debate. Claro que nenhum desses textos terá um carácter obrigatório mas servirá de tema de reflexão, e até de documento preparatório para os próximos encontros. É mais solene a mensagem dirigida pela Conferência aos cristãos da Europa. Ela prova, atra-

RELIGIÃO E POLÍTICA

vés de uma formulação necessariamente prudente, as intenções e os limites das Igrejas na sua marcha para a unidade. As celebrações quotidianas que marcaram estes três dias de Conferência foram a ilustração disso. Porque, se é possível rezar em conjunto e com o maior fervor, ainda era interdito comungar, como a maioria dos participantes pareciam desejá-lo. «Sofremos diz a mensagem, por não termos podido aproximar-nos todos juntos da mesa do Senhor. Sofremos por não termos podido dar a Nosso Senhor um testemunho unânime.» O facto dessa incapacidade ter sido sentida de tal modo que surgiu como um grito na conclusão dos debates, talvez seja mais eloquente que os discursos sobre a importância do encontro. Todos sentiram vivamente essa contradição, tanto que Monsenhor Etchegaray declarou, em conclusão: «Aquilo que vivemos é mais alto e mais forte do que parece nos textos. O facto de este encontro se ter realizado é mais importante do que o seu conteúdo.» O arcebispo de Marselha, ouvido no maior dos recolhimentos concluiu que, embora o Espírito conduísse os dirigentes da Igreja, também apelava para a sua própria determinação para que todos, depois desse encontro, se tornassem mais responsáveis pela missão dos cristãos na Europa. «Temos de construir para partilharmos melhor o conjunto dos nossos dons», acrescentou, deixando os congressistas uma forte nota de esperança. Os participantes acabavam, com efeito, de se confrontar como sinal mais evidente da dispersão, da língua. O debate, acerca da mensagem aos cristãos da Europa não dissera praticamente o respeito ao fundo mas sim à forma, mais precisamente as dificuldades da tradução: o texto inglês não correspondia ao alemão, nem este ao francês, como se os descendentes de Noé continuassem a viver na tormenta provocada pela sua pretensão a construir a torre de Babel. Neste momento em que o chefe máximo da Igreja Católica Portuguesa deu uma prova de intolerância impensável depois do Vaticano II, ao ter-se recusado a receber a delegação das Igrejas soviéticas, é reconfortante o exemplo de Chantilly.



■ François Simon

□ LE MONDE

A unidade e a paz não são temas contraditórios para um cristão e foi com razão que a sessão ecuménica de Chantilly os colocou ao mesmo tempo na sua ordem do dia. Não é de espantar que tenha havido referências a certas grandes conferências como a de Helsínquia, sobre a segurança e a cooperação entre os povos. «A unidade exige o companheirismo na luta e a esperança, e, entre os outros, o exame de problemas como a paz e a justiça» lembrou o professor Zabolotsky. Ela também é, afirmou Monsenhor Etchegaray, «uma exigência de credibilidade do Evangelho». Os congressistas lembraram-se-lhe pois da palavra de Cristo: «Ser um para que o mundo creia».

Convencidos de que os indivíduos procuram um sentido para a vida sem saber o que o próprio Deus, os participantes da conferência de Chantilly perguntaram a si próprios se as barreiras que existem entre as Igrejas não serão um obstáculo à salvação.

A jovem geração de cristãos sentir-se-á atraída pelas buscas doutrinais que hoje prevalecem? Não se sentirá antes chamada a acções concretas que manifestem claramente a unidade da Igreja?

Um tal unidade exige, no entanto, um mínimo de acordos doutrinais, um consenso da fé cujas linhas gerais o professor Zabolotsky tentou definir, sem conseguir, ao que parece, o assentimento completo da assembleia. Claro que ainda é demasiado cedo para definir esse Credo ecuménico a que Jean Delumeau se referia no seu livro *Le Christianisme va-t-il mourir?*

O problema foi posto em termos muito claros pelo cardeal Hume: «Que espécie de pluralismo é compatível, na doutrina, com uma só verdade revelada?» Perguntou ele, dizendo depois, como que em resposta: «Falamos hoje de uma hierarquia das verdades. Algumas verdades dizem respeito à autêntica substância da relação central com o próprio Jesus Cristo, outras não. Recusar, por exemplo, a divindade de Cristo seria recusar o dogma fundamental. O problema da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria podia ser olhado como menos fundamental. Dizer que uma verdade é menos fundamental não é o mesmo que dizer que ela é menos verdadeira».

UMA ALTERNATIVA

Claro que a abolição das diferenças pode conduzir ao sincretismo e à dissolução da fé. Mas deixar os teólogos discutir demasiado o sexo dos anjos não fará com que fiquemos indefinidamente às portas da unificação? O problema principal da intercomunhão, que os congressistas viveram concretamente quase como um escândalo, foi definida como uma alternativa: pode partilhar-se a Eucaristia antes de se atingir uma plena comunhão, ou inversamente, será necessário um pleno acordo sobre a fé antes de partilhar o mesmo pão? «Se a comunhão da Igreja e a comunhão eucarística são idênticas, em que medida podemos comungar em conjunto?» perguntou ainda o cardeal Hume.

A questão ficou sem resposta no final dum debate que servia apenas para encetar o diálogo e só sobre certos pontos. Os problemas espinhosos, como o do

magistério e do primado do Papa, não foram evocados por uma evidente preocupação de conciliação. Os congressistas mostraram muito mais vontade de abordar o problema da unidade segundo um movimento ascendente que partiria do escalão local antes de chegarem à grande reunião internacional. O apelo à promoção da criação de cidades gémeas mostra bem que visão concreta das coisas têm os responsáveis das Igrejas. A questão da paz no mundo, mesmo consi-

derada como um corolário, permitia, em compensação, que cada um deles tivesse mais possibilidades de se afirmar. Tanto o sr. de Smedt como o arcebispo leste-alemão Werner Krusche poderiam dar livre curso a uma força de persuasão que os cristãos já adquiriram nesta matéria. Contudo é de apreciar o facto de as duas questões Paz e Unidade terem sido expressamente ligadas, pois os oradores não as dissociaram: lembraram que as divisões dos cristãos sobre a Eucaristia

e sobre a teologia deveriam conduzi-los a uma certa humildade nos conselhos que pretendiam dar sobre outros pontos.

Mas a análise dos relatores merecia um desenvolvimento muito diferente por mais que ela surpreenda os que se preocupam com a construção da Europa. «Construir a Europa com base em Cristo e nos apóstolos» não é uma noção muito difundida na Comunidade, na medida em que exorta os seus membros a libertarem-se de si próprios, e na medi-

CRISTÃOS LADO A

Governos comunistas poderiam controlar a maior parte do mundo, dentro de 100 anos, segundo afirma um destacado eclesiástico britânico.

E, de acordo com o bispo Mervyn Stockwood, num livro que acaba de ser editado em Londres, cristãos e comunistas devem aprender a compreender-se uns aos outros.

O dr. Stockwood, de 64 anos, conhecido, por vezes, como «O Bispo Vermelho», é bispo de Southwark, que abrange áreas da classe trabalhadora no sul de Londres e zonas residenciais no vizinho condado de Surrey, desde que foi ordenado como membro da Igreja Cristã, em 1936. Evoluiu até se tornar o que classifica como um marxista cristão.

Espõe a sua filosofia em «A Cruz e a Foice», editado pela «Sheldon Press».

Fala primeiro de críticas que lhe foram feitas por causa das suas opiniões políticas e escreve a seguir:

«Recriminações mútuas raramente são frutíferas. Neste caso, poderiam ser desastrosas. A verdade é esta: cristãos e comunis-

tas devem aprender a compreender-se uns aos outros e, se for possível, estabelecerem um 'modus vivendi'. O Papa João XXIII viu isso, há muito tempo. Compreendeu que, com uma tão grande parte do mundo ficando sob domínio comunista, era essencial que as filosofias do cristianismo e do marxismo se entendessem e, se fosse possível, vivessem lado a lado para vantagem mútua».

O autor reitera essa necessidade de união no último capítulo do livro, com o título «Enfrentando o Futuro». Escreve: «O respeito e compreensão mútuos são essenciais. Grande parte do mundo é já comunista e, no fim do século, poderá ser muitíssimo maior. Penso que, dentro de cem anos, um governo não comunista será uma excepção. A bandeira vermelha flutuará sobre a maior parte do globo».

«A incógnita: à medida que milhões atrás de milhões de pessoas reconhecerem voluntariamente ou não o simbolismo da

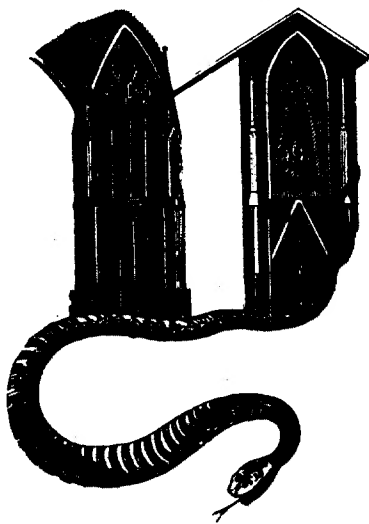


Organizada pelo Conselho das Conferências Episcopais Católicas da Europa (CCEE) e pela Conferência das Igrejas da Europa (KEK) decorreu em Chantilly (perto de Paris) a primeira «cimeira» das Igrejas Europeias, com a participação de representantes eclesiais da Europa capitalista e da Europa socialista. Ao centro, da esquerda para a direita: o arcebispo de Londres, Basil Hume; o de Paris, monsenhor Marty e o presidente do CCEE, monsenhor Roger Etchegaray



com as outras Igrejas, quando se aproveitam do facto de serem maioritárias para fazerem recuar as minoritárias, quando pensam que nada lhes falta e que não têm razão nenhuma para aprenderem outra coisa». Segue-se uma lição do passado que não mostra necessariamente as Igrejas como um factor de paz. «Como seria bom, disse o bispo Krusche, se pudessemos dizer que a ausência de paz sem Cristo, que esta ausência que durante tanto tempo determinou as relações entre as Igrejas é coisa do passado!»

Desencorajar o comércio das armas, ajudar a vencer as desigualdades existentes, defender uma nova ordem económica, opor-se aos abusos de poder, tais são as grandes linhas dum programa aprovado pela conferência de Chantilly e que o bispo alemão conclui nestes termos: «A paz sobre a Terra é coisa que custa muito caro. Por isso, no interesse dessa paz, aquele que recebeu a paz de Cristo deve saber pagá-la pelo seu justo preço».



po de Bruges pregando a busca da felicidade naquilo que é humilde e modesto.

Esta linguagem moderna (quase somos tentados a dizer «ecológica») não se afasta daquela que o bispo protestante alemão emprega ao denunciar aquilo que considera incompatível com a paz de Cristo: Diz ele: «Quando certas Igrejas alertam aos seus próprios membros contra as outras Igrejas, quando a sua actividade missionária se dirige voluntariamente aos crentes que perte-

da em que denuncia a paixão da posse, a sede do poder, a ambição, exaltando o reconhecimento das justas reivindicações dos outros, o respeito devido aos outros — sobretudo os mais fracos — a redistribuição das riquezas (e das responsabilidades) a sobriedade e a pobreza, a dedicação e a gratuidade.

«A Europa só se realizará quando se erguerem homens e mulheres irredutivelmente decididos a espalhar um espírito novo nos nossos países» afirmou o bis-

E COMUNISTAS LADO

■ Jack Allen

□ REUTER

oíce e do martelo, quais serão as reacções daqueles que sustentam o símbolo da Cruz? Hostilidade ou cooperação? Certamente que a resposta depende da situação existente num determinado país.

«Existe uma variante. Por exemplo: um cristão, na Roménia, pode praticar a sua religião sem receio ou entraves, desde que não critique o Governo. Na União Soviética deparam-se dificuldades, por vezes severas. Na Albânia e na China é virtualmente impossível. A minha esperança é a de que os cristãos seguirão para países comunistas, quando surgirem as oportunidades, e verão o que se passa com os seus próprios olhos».

O Bispo Stockwood prossegue, no seu livro de 98 páginas, explicando as doutrinas do Socialismo, Comunismo, Capitalismo e da Igreja.

Nesse contexto escreve:

«Quando considero um país co-

munista não tenho qualquer objecção básica quanto ao princípio económico em que é fundado. Pelo contrário: acho bem que recursos naturais (de terras) devam pertencer à comunidade, pois os seres humanos devem ter maior valor, segundo creio como cristão, do que serem apenas explorados para lucro privado. Na verdade, se tivesse de optar entre as duas economias, a comunista e a capitalista, escolheria a primeira.

«Ao tomar essa decisão, não quero dizer que aprovo todos os métodos que são usados nos países que afirmam ser marxistas. Há muitas espécies de socialismo no mundo e algumas foram estabelecidas por métodos democráticos ocidentais».

Acerca da Igreja, o autor diz no princípio do livro que chegou, «lenta e tristemente», à conclusão de que ela, da qual é ministro, pouco tem a ver com o mundo em que vivemos.

Páginas adiante escreve: «Hoje, as tentações que a Igreja defronta são mais subtis do que eram na Alemanha de Hitler, mas fundamentalmente continuam a ser as mesmas. A incognita é: deve a Igreja ser orientada para dentro de si própria ou para o mundo?»

O bispo continua: «No que respeita à minha Igreja, a resposta parece ser a primeira. Durante anos e anos, as energias, dos eclesiais foram dedicadas a reformas internas — Lei Canónica, revisão do livro de orações, estruturas legislativas, governo de Sinodos, etc. Nunca os padres falaram tanto acerca desses assuntos e nunca tanto dinheiro foi gasto burocraticamente em papel e tinta.

«Outros devem falar da Igreja de Roma, mas como um observador simpático perece-me que as convulsões que se têm notado no Vaticano foram causados não pelo que foi dito acerca do mundo, mas pelo que foi afirmado sobre a Igreja. Entretanto, as Igrejas têm tido reduções catastróficas nas pessoas que as servem e o mundo continua a girar...»

Presos políticos em perigo

Mais de 200 mulheres estão presas só na Penitenciária de Puntas de Rielas, no Uruguai. «Crime» cometido por elas: o de terem consagrado a sua vida à luta pelo bem-estar das suas famílias e filhos, pela defesa das liberdades, da educação, da saúde do seu povo. Entre essas mulheres conta-se a dirigente sindical Elena Rolandes, detida desde 29 de Julho de 1975 e sujeita no cárcere a diversas torturas. Mulher de grande consciência militante e activa dirigente sindical, Elena já havia estado presa durante a greve geral com a qual os trabalhadores uruguaios responderam à repressão fascista que se abateu sobre o país. Condenada de 6 a 18 anos de prisão, ela é uma das 1300 mulheres que neste momento jazem nas masmorras dos fascistas de Montevideo.

Outra vítima da repressão fascista uruguia é o dirigente dos

«tupamaros», Raul Sendic, o qual, segundo noticia a Prensa Latina, poderá estar já morto, dado que nada se sabe dele desde que foi preso há já cinco anos. Após um combate desigual com as tropas da Marinha ficou gravemente ferido e foi preso. Fontes da resistência uruguia são de opinião de que ele não poderá ter-se recomposto dos ferimentos sofridos na altura devido às torturas e maus tratos recebidos no cativeiro.

Em comunicado do MDM (Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas) recebemos também informação sobre Selva Ramirez detida há três anos no Paraguai. Selva Ramirez tem um filho na prisão, o seu marido «desapareceu» há 10 anos e a mãe está presa desde 1968. A situação desta família dá uma ideia do bárbaro regime que impera no Paraguai. ●

GOVERNO BRASILEIRO COMEÇA A CEDER À PRESSÃO SINDICAL

■ Carlos Castilho

□ INTERPRESS

O Governo brasileiro acaba de constituir um grupo de trabalho formado por três ministérios para discutir o restabelecimento do direito à greve, a mudança da política salarial e o retorno aos contratos colectivos de trabalho.

A decisão foi anunciada ao terminar uma reunião inédita entre o ministro da Fazenda, Mário Sominen, e os representantes de 30 organizações sindicais brasileiras.

A reunião durou cinco horas e foi a primeira do género que se realizou no Brasil nos últimos catorze anos, já que os sindicatos, durante este tempo, foram submetidos a um duro ostracismo político e totalmente ignorados pelo Governo.

Os trabalhadores concentraram as suas exigências em dois pontos: A mudança do sistema de reajustamentos salariais e o completo restabelecimento do direito à greve.

Os sindicatos brasileiros, notoriamente os de S. Paulo, onde existe a maior concentração de trabalhadores, exigem que o Governo não fixe as percentagens de reajustamento salarial em função do aumento da produtividade.

Os sindicatos afirmam que a produtividade já aumentou e que nunca os salários foram reajustados na mesma proporção, de tal modo que hoje a remuneração média do assalariado, está pelo menos uns 40 por cento abaixo do aumento do custo de vida.

A questão salarial é talvez neste momento a mais explosiva nos meios operários porque o descontentamento é geral. Os metalúrgicos de S. Paulo, o maior parque industrial do país, reclamam contra o que eles consideram subemprego.

Esta recessão industrial é notória no sector automobilístico, e fez com que as empresas despedissem um grande número de trabalhadores para depois voltar a

admiti-los com um salário inferior.

Os sindicatos exigem, também, que se modifique a lei 4330, que tornou quase impossível a realização de greves no país. Teoricamente, no Brasil, pode-se paralisar a produção. Mas os requisitos legais são tantos que raramente um sindicato consegue cumprirlos a todos, para que se possa declarar legalmente uma greve.

Também crescem as pressões sindicais para que o Governo abandone o sistema de fixar arbitrariamente as percentagens de ajustamento salarial, em função dos índices oficiais do aumento do custo de vida. Os trabalhadores querem negociar directamente com os patrões, um tipo de negociação que esteve vigente no país até 1964. O Governo afirma que não aceita esta reivindicação, alegando que aumentaria a inflação.

O encontro dos ministros com os líderes sindicais acontece no momento em que crescem os temores oficiais sobre as mobilizações operárias. Depois de 14 anos de disciplina do silêncio, os sindicatos brasileiros começam a mover-se novamente, e surgem novos líderes desde as bases e começa a agitar-se, principalmente, o descontentamento pela perda do poder aquisitivo.

Ao mesmo tempo, generaliza-se a opinião de que os empregos são instáveis pelas dificuldades das empresas e isto provoca uma identificação maior entre os trabalhadores que têm emprego e os que não têm.

Por sua vez, as empresas necessitam aumentar a produção e estão dispostas, inclusive, a aumentar os salários, de acordo com as percentagens oficiais, com o objectivo de assegurar a colaboração dos seus operários.

Neste quadro, a questão salarial passou a ocupar o primeiro plano nas preocupações do Governo, que parece ceder ante as pressões que o empurram até à reestruturação da distribuição da renda no país. ●

A «MARICULTURA»

■ Evgueni Krilov

□ NOVOSTI

No fim do ano 2000, as necessidades da Humanidade em produtos do mar atingirão os 130 milhões de toneladas por ano, quer dizer, ultrapassarão em mais do dobro o volume actual da pesca. Sabe-se, no entanto, que é possível pescar anualmente no oceano, mais de 100 milhões de toneladas de peixe, no máximo, sem provocar um esgotamento irreversível dos recursos biológicos. As «quintas» marítimas, em que se pratica a «maricultura», permitirão recuperar o atraso entre as necessidades do homem e as potencialidades do oceano. A «maricultura» significa a criação à escala industrial de peixes do mar, invertebrados e a cultura de algas. Segundo os cientistas ainda num futuro próximo, o bem-estar dos homens dependerá muito das «quintas» e «plantações» marítimas, situadas não longe das costas.

O começo da piscicultura marítima na URSS foi marcado pelo decreto de Lenine «Sobre a protecção das regiões de pesca e caça no Oceano Glacial do Norte e no mar Branco» (1921). Desde então, biliões de pequenos peixes foram lançados nas águas interiores, restabeleceram-se as reservas de esturjão, acumulando-se uma rica experiência na aclimação de peixes e organismos marinhos. Actualmente existem na URSS mais de 150 fábricas piscícolas e estações de aclimação, e uma ampla rede de centros de investigações piscícolas. A URSS exporta peixes para cultura de espécies preciosas pa-

ra 23 países do mundo.

Na conferência a nível de todo o país sobre «Maricultura», que teve lugar em fins de Fevereiro último, os investigadores do Extremo Oriente, dos mares Negro, de Azov, Báltico e dos mares do Norte traçaram o balanço do seu trabalho dos dois primeiros anos do quinquénio actual (1976-1980), e falaram dos seus planos imediatos.

O rendimento das «plantações» marinhas é 5000 vezes superior à das melhores zonas de pesca do oceano. Isso quer dizer que as «hortas» marítimas fornecem 100 vezes mais massa biológica por hectare que as terras agrícolas. Esses dados têm por base as primeiras realizações «marícolas» na URSS: 700-800 quintais de peixe por hectare de viveiros marinhos, 5-6 quilos de mexilhão por metro quadrado de «plantações» suspensas, 60-70 toneladas de alga laminar (alfaca do mar) por hectare de «horta» submarina. Não há regiões idênticas pela sua estrutura biológica nas zonas costeiras do oceano mundial, nomeadamente nos numerosos mares que banham o território da URSS. Eles diferem uns dos outros pelo regime nutritivo e as espécies de peixes e organismos. Mas tais animais, quando são transplantados, não só se habitam depressa às novas condições, como por vezes ultrapassam em numerosos índices os representantes da sua espécie que vivem nas antigas regiões de «habitação». Os trabalhos de aclimação abrem largas perspectivas à piscicultura.

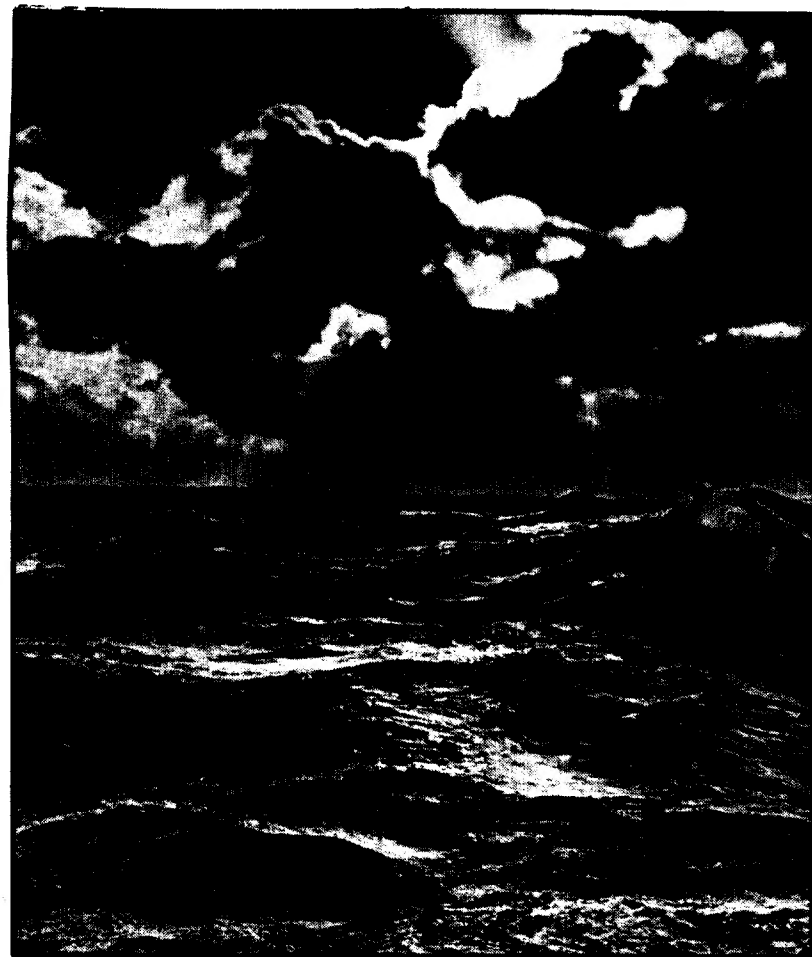
Procedem a investigações no domínio da piscicultura marítima,

os cientistas soviéticos não têm por fim obter imediatamente vantagens. Os trabalhos de reprodução dos recursos do mar, que são levados a cabo segundo um plano do Estado, não têm equivalentes no mundo pela sua envergadura. Na URSS, os piscicultores lançam anualmente no mar aberto perto de mil milhões de salmões criados artificialmente. Pescam-se salmões «russos» perto das costas da Noruega e Grã-Bretanha, que tinham sido lançados no mar de Barentz e no mar Branco. O salmão rosa do Pacífico será provavelmente um dos peixes mais preciosos do mar Báltico. Nestes últimos tempos têm aí sido lançados anualmente 2-2,5 milhões de peixes dessa espécie.

No decurso da conferência, os cientistas das Repúblicas bálticas falaram da criação da truta, das suas experiências de repovoamento com arenques do mar Branco, que dão resultados encorajadores. Criam-se com sucesso mexilhões nos seus locais habituais dos mares Negro e de Azov, mas também no norte (mar de Barentz). A plataforma continental do Extremo Oriente serve muito bem para a criação da ostra, do camarão, do pente (espécie de mexilhão) e para a cultura de algas. Os «campos azuis» podem já fornecer colheitas garantidas, planificadas.

O plano-director das explorações marícolas no Extremo Oriente prevê 8 a 10 regiões de cultura de algas e criação de moluscos.

Seria supérfluo demonstrar que o homem tem necessidade destes frutos do mar. Basta lem-



brar que eles encerram até 60 por cento de proteínas, servem de matérias-primas insubstituíveis na fabricação de medicamentos. A carne dos mexilhões pescados no Outono contém duas vezes mais Vitamina B-12 que o fígado de bacalhau.

Utilizam-se algas marinhas nas indústrias têxteis, de celulose e de papel. As colheitas são verdadeiramente enormes. As algas castanhas «Macrocystis» fornecem 300-500 toneladas de preciosa matéria-prima por hectare.

Há uma dezena de anos atrás

a produção global de todas as plantações marítimas do mundo era de 2 milhões de toneladas. Em meados dos anos 70, ela triplicou. Segundo dados da Comissão das Nações Unidas para a Alimentação, a «maricultura» deverá produzir em 1980 20 milhões de toneladas de produtos. Piotr Moisseiev, cientista soviético conhecido, pensa que num futuro próximo se verão aparecer no oceano mundial grandes zonas de «plantações» e «quintas», cuja colheita se elevará a 50 milhões de toneladas a mais. ●

Contra a poluição petrolífera

O petróleo despejado nas águas do oceano espalha-se rapidamente, alastra até milhares de quilómetros e forma uma película opaca que cobre áreas enormes e causa prejuízos irreparáveis nos recursos biológicos marinhos. Como evitar esta poluição?

Cientistas de vários países procuram uma resposta para este premente problema. Na Crimeia (URSS), investigadores do Instituto de Biologia dos Mares Meridionais estão a trabalhar num método cuja aplicação, com resultados positivos, se prevê para breve.

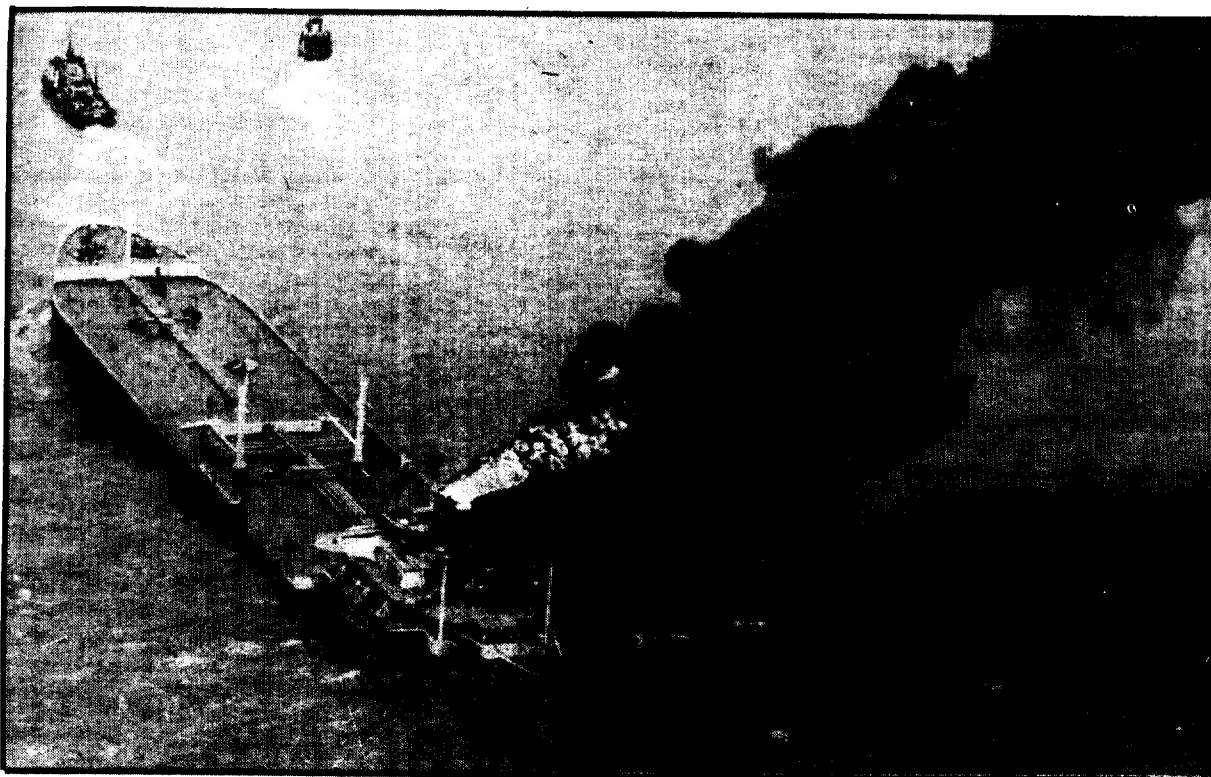
Tem-se procurado minorar o problema da poluição petrolífera dos mares utilizando barcos de limpeza especiais, que actuam principalmente nos portos. A sua eficiência é, porém, reduzida. A película de petróleo pode ser deslocada, mas continua a existir.

«A presença de petróleo no oceano é anterior à vida humana na Terra. Contudo, antes dos derramamentos de enormes quantidades daquele produto feitos pelo homem, a natureza mantinha o equilíbrio», explica Oleg Mironov, subdirector do Instituto de Biologia.

Este facto sugeriu, aos investigadores, a ideia de que o mar tem os seus próprios mecanis-

Filtros vivos para o mar?

■ Elena Paniujno



mos de transformação do petróleo. É pois necessário descobrir, estudar e aplicar esses mecanismos nas regiões oceânicas onde o equilíbrio se encontra alterado.

Um grupo de cientistas do Instituto de Biologia dos Mares Meridionais ocupou-se da procura de organismos capazes de «devorar» o petróleo. Barcos com equipamentos especiais percorreram

muitas regiões do oceano mundial, recolheram amostras e actualmente já se conhecem bactérias que oxidam o petróleo.

Estudaram-se as suas variedades, quantidades e propriedades bioquímicas em muitos mares. Conseguiu-se separar muitos desses micro-organismos das suas águas-mãe. Fizeram-se culturas de bactérias com que se espera poder limpar os mares da conta-

minação do petróleo.

OS «DEVORADORES DE PETRÓLEO»

O petroleiro entregou o produto que trazia. Como não pode navegar vazio, tem que utilizar água como lastro. Depois, para encher de novo os depósitos com petróleo, é preciso deitar fora a água. A análise laboratorial mostra que nessa água se encontra dis-

solvido cerca de um por cento do petróleo. E assim se vai poluindo mais o oceano.

O novo método ensaiado pelos cientistas soviéticos poderá vir a ter grande importância na resolução deste problema.

Primeiro, a água-lastro passa por filtros mecânicos especiais que a libertam de 80 por cento do petróleo. Os aproximadamente 50 miligramas de resíduo por litro de água que ainda permanecem, constituem uma concentração ainda nociva para muitos organismos marinhos. Eliminar esses resíduos, será a função dos filtros vivos, formados por micróbios especiais.

«Vê estas películas castanhas?» — E Oleg Mironov mostra dois recipientes com água do mar contaminada por gasóleo. Num deles a mancha é muito maior: as experiências não começaram ao mesmo tempo.

Mironov mostra fotografias que ilustram o processo de desaparecimento do gasóleo. «Infelizmente é uma operação ainda muito demorada» — diz. «O trabalho dos micróbios é difícil e a «comida», mesmo para eles, é pesada».

Nas instalações do laboratório estudam-se as condições de crescimento dos micro-organismos «devoradores de petróleo». Uns gostam de calor, outros preferem o frio. Mas os últimos avanços das investigações são animadoras e os cientistas esperam poder experimentar brevemente o método nas águas do Mar Negro. ●

FIGURAS EM DESTAQUE

Philibert Tsiranana, ex-presidente da República de Madagascar, faleceu no dia 16 no Hospital de Befelatanana em Antananarivo. Tinha 68 anos. A sua vida oferece um interesse especial, dado o carácter de exemplaridade de que se reveste. Como tantos outros dirigentes dentro e fora do continente africano, Tsiranana é o exemplo acabado do oportunista político, que colhe para si os benefícios das lutas alheias e que se erige em guia de uma libertação para melhor a sabotar e minar por dentro. Muitos desses morrem rodeados de honrarias e em plena posse do poder. Não foi isso o que lhe aconteceu. Este dirigente dum partido «social-democrata» morreu numa cama de hospital, afastado por completo dos negócios públicos. Philippe Decraene de «Le Monde» dá-nos um resumo da sua biografia.



marxistas no seu país. Por isso manteve excelentes relações com Israel, EUA e África do Sul, atitude que lhe valeu numerosas críticas no continente negro. Embora o seu país fosse membro da OUA entendia, contudo (nisso seguindo as pisadas do presidente Banda do Malawi) que os seus concidadãos retirariam mais proveito se cooperassem com Pretória do que se fossem postos no «index» pelo regime de Vorster.

No plano interno, e embora todos os membros do governo pertencessem ao partido dominante, a oposição malgaxe dispôs muito tempo de alguns lugares no Senado e na Assembleia Nacional. Philibert Tsiranana detinha, é certo, a realidade do poder, e foi com 97 por cento dos sufrágios expressos que em Março de 1965 obteve a reeleição para um novo

PHILIBERT TSIRANANA

Como o presidente Felix Houphouët-Boigny, da Costa do Marfim, com quem tinha estreitas relações, Tsiranana desinteressou-se durante muito tempo das reivindicações de independência formuladas pelos nacionalistas. Mas com o concurso da antiga potência tutelar soube habilmente confiscar aos seus adversários políticos uma vitória que a estes de facto cabia.

Philibert Tsiranana possuía, com efeito, a arte de se adaptar às situações mais delicadas. Sob uma jovialidade e um incansável bom humor tingido de rusticidade afectada, dava provas de uma incontestável habilidade política. Até à noite desse dia 11 de Outubro de 1972, em que, desgastado por quinze anos de um poder exercido sem partilha, se inclinou ante o veredicto das urnas e «se despediu» não sem dignidade dos seus compatriotas.

Nascido em Outubro de 1912 na província de Majunga, no nordeste da ilha, entrou, depois de fazer os estudos primários, na escola normal de Antananarivo, cujos papéis na formação das elites malgaxes foi comparável ao da escola William Ponty na «intelligentsia» oeste-africana.

Nomeado professor primário em 1932, Philibert Tsiranana exerceu esta profissão durante uns doze anos e depois entrou na Escola do Magistério de Montpellier onde obteve o diploma de professor do ensino técnico. Em 1952, foi nomeado membro da Assem-

bleia Representativa de Majunga, da qual se tornou presidente. Daí a quatro anos, fundou o partido social-democrata de Madagascar e das Comores (PSD) e apresentou-se com êxito às eleições para deputado. Tomou então assento simultaneamente no grupo parlamentar socialista no Palácio Bourbon (em Paris) e na Assembleia Representativa em Tananarive.

Eleito presidente da República Malgaxe, no dia 1 de Maio de 1959, tornado depois presidente do Conselho, pediu a demissão em Setembro de 1960 do posto de conselheiro junto do general De Gaulle, ao mesmo tempo que Houphouët Boigny, pois essa função parecia-lhe incompatível com a sua designação para a suprema magistratura.

Desde o acesso do seu país à independência que Tsiranana se afirmou como um dos mais calorosos partidários de uma estreita cooperação com a antiga potência colonizadora. Explorou sempre a posição estratégica de Madagascar para obter a manutenção e o reforço das guarnições em San Diego, Tananarive e Ivato. O que ele pretendia era premunir-se contra todas as ameaças externas e desencorajar eventuais ameaças de subversão interna.

Alinhou totalmente no campo dos dirigentes do Terceiro Mundo ligados ao Ocidente. Movido por um anticomunismo obsessivo teve sempre a preocupação de impedir o progresso das doutrinas

mandato de sete anos.

Foi durante este mandato que o seu poder sofreu um desgaste singular. O seu governo estava cada vez mais enfraquecido por querelas dos candidatos à sucessão. Em Junho de 1971, toma uma das decisões mais penosas da sua carreira, mandando prender o seu «filho espiritual», André Resampa, acusado de ter conspirado contra ele. Apesar de tudo, em Janeiro de 1972 conseguiu nova reeleição com 99 por cento dos sufrágios.

Mas não tarda a eclodir o «Maio malgaxe»: três dias de violentos tumultos causaram várias dezenas de vítimas, devido às ordens do Presidente que se decidiu pela «maneira dura». Estudantes e trabalhadores continuavam, no entanto, a descer à rua exigindo a demissão do Presidente. A 18 de Maio de 1972, vê-se forçado a transferir plenos poderes para o general Ramantsoa, chefe do Estado-Maior, continuando, no entanto, Presidente da República. No referendo de 8 de Outubro de 1972, 80 por cento dos votantes exprimiram a sua confiança ao general, partidário de uma via reformista, mostrando assim a sua hostilidade a Tsiranana. Submete-se então à «mais clara das sentenças». Por breves instantes, regressará ao palco político (em Maio de 1975), surgindo no banco dos réus acusado de responsabilidade no assassinio de Ratsimandrava. É absolvido.

COREANOS EM LUTA

«Rejeitamos categoricamente a dominação autocrática do governador-geral Park. Estamos decididos a lutar pelo estabelecimento de um Governo de coligação democrática e por alcançar a reconciliação e a reunificação nacionais». Eis o que declara a Aliança dos Coreanos no Estrangeiro pela Democracia, pela Nação, pela Reunificação, num documento denominado «Manifesto de 1 de Março dos Coreanos Residentes no Estrangeiro».

Este Manifesto foi simultaneamente tomado público no Japão, EUA, Canadá e vários países da Europa Ocidental.

Declarando que o regime de Park Chung Hee será inevitavelmente arrastado para a queda final, o Manifesto indica como tarefa imediata para alcançar a democracia e a reunificação do

país: 1 — a libertação incondicional de todos os detidos. Em primeiro lugar devem ser imediatamente libertados os militantes do Partido Revolucionário Popular que estão a sofrer penas sem sequer terem sido julgados; 2 — a abolição de medidas de emergência número 9, que atentam barbaramente contra as liberdades individuais e que conferem

poderes discricionários ao aparelho de repressão, no qual se integra a CIA sul-coreana; 3 — que seja abolido o regime actual e que se efectuem as eleições presidenciais previstas para este ano. Contudo, os signatários declararam que elas terão de ser democráticas, pois se Park Chung Hee for «eleito» por falsas eleições, ele não terá nenhuma legitimidade para continuar a go-

vernar.

Também o Secretariado da Comissão para a Reunificação Pacífica da Pátria tornou pública a sua informação número 42 para condenar energicamente o regime sul-coreano. Segundo informações chegadas do país, os fascistas sul-coreanos fixaram este ano como o ano do estabelecimento da «disciplina social e da ordem jurídica» e ameaçam o povo, dizendo que vão reforçar mais as funções de «vigilância» e punir mais rigorosamente que nunca os actos contrários à «ordem jurídica». O Secretariado afirma que os fascistas sul-coreanos vêem o seu Poder cada vez mais ameaçado e, por isso, recorrem ao reforço da repressão, tentando assim sobreviver, ante o crescente descontentamento popular.

SEMANA INTERNACIONAL

A ANGÚSTIA

Há exactamente oito dias, o lago Duquesa e toda a zona em redor, a 70 quilómetros de Roma, eram passados a pente fino por um dos mais impressionantes dispositivos de busca já montados na Itália. Um comunicado atribuído às Brigadas Vermelhas dizia que lá estava o corpo inanimado de Aldo Moro, o ex-primeiro-ministro italiano e presidente da Democracia Cristã sequestrado no dia 16 de Março. Muitos jornais do mundo chegaram a noticiar. «Moro foi executado». Mas tudo não passava de mais uma diabólica montagem das BV para lançar o pânico e a confusão entre os que se mantinham irreductíveis quanto à efectivação de negociações. Na quinta-feira, um novo comunicado dizia que Moro estava vivo e que somente seria trocado por «presos comunistas», sendo inúteis os «apelos humanitários» que nunca deixaram de ser feitos aos raptos, com o Papa, inclusive, a mandar dizer que «de joelhos» pedia pela vida do raptado. O prazo marcado para um desfecho do caso, às 15 horas de sábado, passou sem novidades e o fim-de-semana italiano foi angustiado. Indícios de que as negociações já haviam sido encetadas existiam. Mas o que ninguém conseguia ver era como nem com quem. A Caritas Internacional, que surge como a principal medianeira, ficou sem resposta aos convites que fez às BV para iniciar as conversações, mas no fim da manhã de segunda-feira uma nova esperança surgiu com a divulgação do comunicado número 8, das Brigadas Vermelhas, em que não é dado qualquer ultimato e onde constam os nomes dos presos que desejam em troca da vida de Moro. Em todo o caso, seja qual for o desfecho do «caso», nunca o Estado italiano correu um risco tão grande de desagregação como este. E se tudo continuar no ritmo em que anda, talvez mais uma semana de angústia e medo passe com Moro nas mãos dos seus raptos, a Itália em suspenso e todas as suas instituições em causa. O que é grave. Muito grave.



O CONGRESSO

Na Espanha, o PCE mais uma vez levanta polémica no mundo comunista. O seu Congresso, o 9.º realizado e o primeiro em liberdade, renunciou ao «leninismo», optando pela designação de «marxista, revolucionário e democrático». A modificação foi aprovada por 968 votos contra 248 e 40 abstenções. No domingo, num comício na praça de touros de Vista Alegre, perante os 30.000 camaradas seus que lotavam o recinto, Santiago Carrillo, o secretário-geral que, juntamente com Dolores Ibarruri, «La Pasionaria», a presidente, foram reconduzidos nos seus cargos por unanimidade, afirmaria que o partido continua unido, apesar das divergências, que são possíveis e coexistem, e advertia: «Que ninguém espere a divisão entre leninistas e não leninistas». De referenciar no Congresso do PCE o aumento do seu Comité Executivo e a entrada neste órgão directivo de mais elementos das Comissões Obreras. Entretanto, no mundo socialistas, as decisões finais do encontro não foram recebidas da mesma maneira. URSS, Checoslováquia e Polónia demonstraram a sua contrariedade. A Roménia e a Jugoslávia aprovaram e a Albânia, à sua maneira, tirou-se contra Carrillo.



A «AMNISTIA»

Um milhão de chilenos fora do país. Mais 40.000 dentro das fronteiras, e dos cárceres e campos de concentração. Some-se a isso 2.500 «desaparecidos». Imagine-se agora, uma amnistia. Pois Pinochet diz que todos estão «perdoados», que os presos serão soltos e que os exilados podem voltar desde que, é claro, ninguém fale em política e aceite as regras do jogo que ele continuará a impor. Esta é a última do general, mais isolado do que nunca, que faz o que pode para se manter no poder apesar das pressões, internas e externas, que o apertam de forma crescente. A decisão de Pinochet e da sua Junta, como habitualmente, não convencem ninguém, e servem apenas para aumentar o ridículo em que chafurdam numa agonia que já dura mais do que o devido, mas cujo fim é inexorável e próximo.

PELO
MUNDO

INSÓLITOS

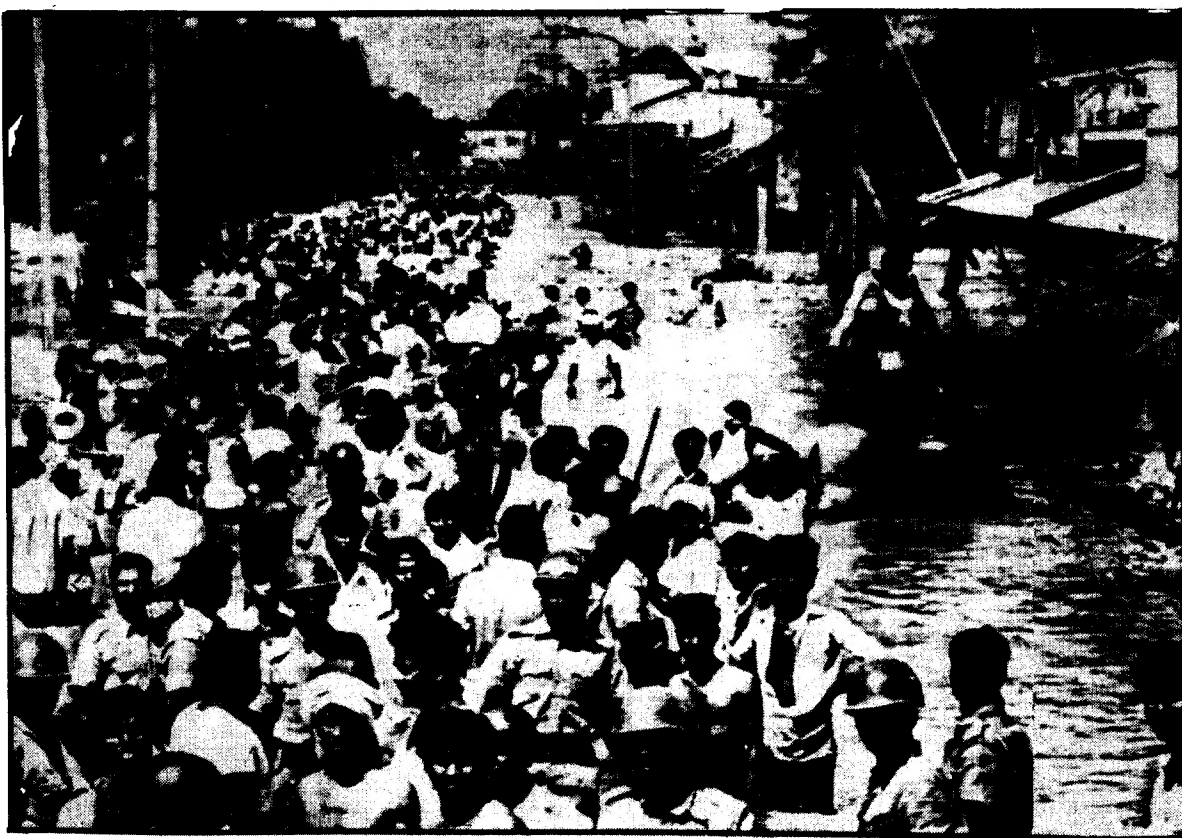
Jean-Paul Sartre pediu a apreensão de um livro intitulado «O meu testamento político», é publicado em Catane, na Sicília, e que lhe é falsamente atribuído. Mas os cinco mil exemplares da obra, lançada pelas Edições Anarchismo já foram, ao que parece, vendidos.

Trata-se de um panfleto de umas quarenta páginas, traduzidas do francês e com a seguinte menção: «Edições Gare, Paris 1977». Os anarquistas de Catane afirmam ter recebido o texto de «camaradas parisienses». E publicaram-no sem hesitar.

A dedicatória do autor é, no entanto, tão engraçada como o título: «Aos meus queridos amigos anarquistas que injustamente desprezei e à memória do meu amigo Camus».

Quanto ao texto em si, não pode enganar nenhum dos leitores de Sartre. «Matar um burgoês e tirar-lhe o seu ouro não significa matar e roubar um homem mas abater um animal feroz tirando-lhe a pele», lê-se, por exemplo, em determinada altura. Trata-se de uma mistura grosseira de textos do século passado, «enriquecidos» depois com referências Mitterrand, Marchais e Giscard d'Estaing.

António Mazzarita, o advogado romano encarregado pelo filósofo de esclarecer o caso, declarou-nos: «Sartre não quer levar o caso para tribunal porque isso estaria em desacordo com as suas convicções. Ele renunciaria mesmo à apreensão se provasse que a obra estava na verdade esgotada».



OS DRAMAS INDIANOS

Imagens como esta (compactas massas humanas lançadas para a rua sem abrigo, transportando às costas o que podem salvar dos seus parcos haveres, em fuga de zonas sinistradas) são o pão nosso de cada dia nas zonas da Índia mais sujeita aos cataclismos naturais. Há dias, um tornado destruiu seis aldeias do Esta-

do de Orissa (na Índia Oriental) matando pelo menos 400 pessoas. Incapazes de fazer às contingências meteorológicas, as autoridades mostram-se igualmente incapazes de resolver os problemas sociais que cada calamidade natural provoca à sua passagem.



Os pais de Anneliese, junto dum fotografia da filha; os padres Ernst Alt (à esquerda) e Wilhelm Renz. (fotos Ferieque).

FANATISMO NA ALEMANHA FEDERAL

Anneliese Michel, estudante universitária, de 23 anos de idade, morreu quando estava a ser sujeita a exorcismos para que

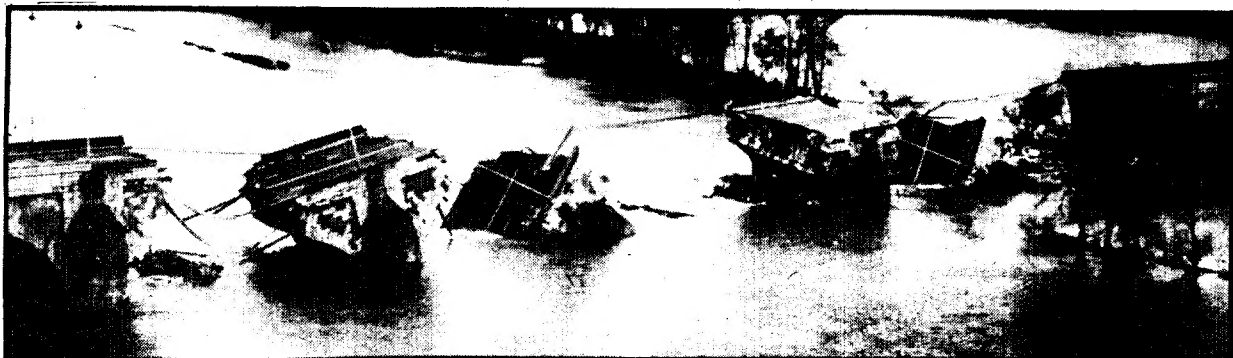
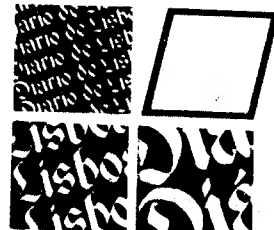
«seis demónios» lhe fossem tirados do corpo. Em 1969 e 1975, a jovem fora atacada de ataques epiléticos. Como não se tivesse

curado, convenceu-se de que estava possuída do demónio e pediu ajuda ao padre Ernst Alt. Juntamente com o padre Wilhelm Renz, Alt foi pedir autorização do bispo de Würzburg, Josef Stangl, para proceder aos exorcismos, de acordo com a descrição que vem no «Rituale Romanum» de 1614. Durante seis meses, os dois padres tentaram «libertar» a jovem dos seis «demónios» a quem se atribuía a culpa dos males de Anneliese. Os dois padres citados e os pais da falecida, Anne e Josef Michel estão agora a ser julgados no tribunal de Aschaffenburg (Baviera do Norte) por homicídio voluntário. Na verdade, apesar do extremo emagrecimento da filha que passou a não ingerir alimentos os pais, confiados na «fé que remove montanhas» recusaram-se a pedir a ajuda dum médico, e a rapariga acabou por morrer vítima de uma doença circulatória. Mesmo depois de morta e enterrada, Anneliese continuou a ser vítima do fanatismo mais desbragado: o seu caixão foi aberto, porque uma

freira conhecida da família teve uma «visão» que lhe revelava estar o corpo miraculosamente bem conservado, tendo nas mãos e nos pés umas chagas parecidas com as de Cristo. Desenterrado o corpo, viu-se que estava afinal em adiantado estado de putrefacção. O interessante é notar que a defesa pretende no tribunal a absolvição pura e simples dos dois padres e dos pais da jovem, alegando que estes exerceram legitimamente a liberdade religiosa consagrada na Constituição.

EXCLUSIVO

N.º 17/78



HISTÓRIA DE UMA PONTE

Um protegido de Luís XIV construiu uma vez uma ponte, de tal forma bem executada, que parecia dotada de vontade própria. A dada altura, desistiu pura e simplesmente da imobilidade e resolveu ir dar uma volta pelo rio abaixo. Não sabemos se a ponte despedaçada que a foto nos mostra foi executada por algum discípulo de tal mestre. Só sabemos que data do século XVIII, ostenta o nome de «ponte Wilson» e fica em Tours. Cansada de tanto peso, partiu-se em três pedaços e ficou no estado que a foto documenta. Escolheu felizmente uma hora matinal, facto que evitou desastres pessoais. Mas os prejuízos deste «desastre» foram enormes: parte da cidade de Tours ficou paralisada e mais de 100 mil pessoas ficaram sem água em casa, devido à ruptura dos canos que atravessavam a estrutura da ponte. O que vale é que está já em fase de execução uma outra ponte para substituir esta, cuja vida não foi além dos 200 anos e pico. Se nos lembrarmos que as dos romanos ainda por aí resistem... (Foto Keystone).